

**FLÁVIA MARTINS DE ALBUQUERQUE**

# **IMAGENS DA LIBERDADE**

## **O Carnaval de Olinda**

Dissertação de Mestrado em Ciência Política apresentada ao Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. José Augusto Guilhon Albuquerque

**SÃO PAULO - 1990**

**USP**

Para José Manoel e Luisa

## ÍNDICE

Agradecimentos.....	11
<u>INTRODUÇÃO</u> .....	3
 <u>PRIMEIRA PARTE : O CARNAVAL DE CADA UM</u>	
Capítulo I - O Discurso do Carnavalesco.....	29
Capítulo II - O Discurso do Poder Público.....	55
 <u>SEGUNDA PARTE : O CARNAVAL DOS OUTROS</u>	
Capítulo III - O Discurso do Carnavalesco.....	75
Capítulo IV - O Discurso do Poder Público.....	132
<u>CONCLUSÕES</u> .....	158
<u>BIBLIOGRAFIA</u> .....	166

## AGRADECIMENTOS

Para a elaboração desta dissertação de mestrado foi imprescindível a colaboração, em diferentes etapas e de diversas formas, de várias pessoas e algumas instituições às quais faço aqui uma referência especial:

A José Augusto Guilhon Albuquerque, meu orientador e amigo, que soube dosar atenção e liberdade em todas as etapas de elaboração da tese, lendo pacientemente minhas inúmeras redações e restituindo, nos momentos mais difíceis, a força e a segurança necessárias para finalizar este trabalho, tendo contribuído efetivamente com suas críticas e sugestões para a consecução desta tese.

Alain Gras, meu professor na Universidade de Paris I - Sorbonne, colaborou com sugestões bibliográficas e na discussão de alguns textos desta bibliografia.

Prefeitura de Olinda, Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, Assessoria de Imprensa da Prefeitura, Gerência de Turismo, Gerência de Cultura, Setor de História da Fundação Centro de Preservação, Secretaria de Planejamento, agradeço a todos aqueles que facilitaram o acesso a documentos e informações e forneceram valiosos

depoimentos, através de longas entrevistas.

A CAPES, pela bolsa do Programa-PICD fundamental para a deflagração do processo desta pesquisa.

Aos carnavalescos, que meio a tantos trabalhos de preparação do carnaval, dedicaram horas de seu precioso tempo concedendo entrevistas com informações, sugestões e análises imprescindíveis para o desenvolvimento deste trabalho.

A Ronaldo do Livramento Coutinho, Roosevelt Pinto Sampaio e Aquiles Côrtes Guimarães, ex-diretores do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais - NEPES - da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ, pelo estímulo e respeito que sempre demonstraram pelo meu trabalho.

Aos colegas da UERJ, em especial a Sonia da Rosa de A.Lima, sempre amiga e disponível para as cansativas tarefas de transcrição de fitas e datilografia de cerca de 1500 páginas de entrevistas.

A Lúcia Siano, Ítalo Suassuna e Roberto Alcântara, da Sub-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa da UERJ, pelo permanente incentivo à minha produção intelectual.

André Fernando Portes, meu estagiário durante dois anos, Bolsista de iniciação Científica do CNPQ, que participou da transcrição da maior parte das entrevistas, da classificação, fichamento e organização do material; da discussão de vários textos - sempre dedicado e sensibilizado pelo trabalho.

A Paulo Sergio Duarte, amigo e Diretor do Paço Imperial, pelo permanente apoio e solidariedade, condições fundamentais para avançar na redação desta tese.

Às minhas colegas do Paço Imperial e em especial a Maria Helena Darcy de Oliveira, Chefe da Divisão de Atividades Culturais, pela solidariedade e Núbia Melhem Santos pela força, estímulo e amizade.

A Madalena Schmid, do Paço Imperial, pela boa vontade e pronto auxílio na fase final de digitação de alguns capítulos.

José Ataíde de Melo, cuja obra "Olinda, Carnaval e Povo" foi fonte de preciosas informações, agradeço pela imprescindível colaboração na indicação de carnavalescos para as entrevistas e pelo fornecimento de inúmeras sugestões.

Regina Rocha e Roberto Machado, amigos e interlocutores na discussão do projeto desta tese.

Maria Letícia Duarte de Andrade, amiga desde o primeiro ano de Universidade, companheira de pesquisas nos anos de graduação, cúmplice dos sonhos e projetos e também parceira de "O Reinado da Lua" (livro sobre a arte popular no Nordeste). Na reta final deste trabalho, leu atentamente todos os capítulos.

Cristina Mello, cunhada e amiga de sempre, colaborou na pesquisa de campo, em entrevistas e na exaustiva leitura de jornais e classificação de material.

Regina Morel, Carlos Morel, Maria Theresa da Costa Albuquerque e Fernando Mello, amigos de todas as horas, pelo permanente estímulo, carinho e solidariedade.

A Sílvia Rodrigues Coimbra, minha mãe, amiga e companheira de muitos vãos intelectuais, inclusive "O Reinado da Lua", pelo constante encorajamento, troca de idéias e afetos.

Às minhas irmãs Vera, pelo precioso envio de material, Taciana e Patrícia pela realização de entrevistas no trabalho de campo, Rosana e Clarissa, pela transcrição de

## INTRODUÇÃO

Muito mais do que o espetáculo, do que a encenação, está no frevo - ritmo originário de Recife - a força do Carnaval de Olinda. Está, sobretudo, na criação de um espaço móvel, aberto para todos, onde se possa brincar dançando. Ou seja, "o Carnaval de Olinda é um grande musical encenado ao ar livre, no qual todos da platéia são astros convidados" (José Ataíde de Melo - 1982).

A delimitação desse espaço carnavalesco abrange todas as ruas da cidade, na área hoje definida como Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade - cidade alta e parte da baixa. São, principalmente, as pessoas que aí habitam as responsáveis pela organização e animação do Carnaval. Essa junção entre o lugar de moradia e o lugar carnavalesco leva os moradores a uma participação contínua dos festejos que começam a se intensificar um mês antes dos dias oficiais de carnaval - em Olinda são onze dias (Decreto no. 002/81).

Olinda situa-se entre as poucas cidades do Brasil que têm como valores maiores a manutenção dos seus monumentos e a preservação de sua memória cultural. A afirmação dessa cidade tem se dado pela força artística que permeia não só o espaço físico mas também sua ocupação. Esta área não se transformou - onde se encontra a cidade alta - visando sua modernização e inserção na racionalidade do desenvolvimentismo, mas transformou-se afirmando como positividade maior a sua beleza natural, um estilo de vida descontraído, um espaço de produção, principalmente,



artística e artesanal. O reconhecimento dessa estratégia, a nível nacional e internacional, é marcado quando Olinda é elevada a "Cidade Monumento Nacional" (1980), a "Cidade Ecológica" (1982) e a "Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade" (1982). As bases para esse reconhecimento podem ser remetidas ao início dos anos da década de 60, quando explodiu em Olinda o "Movimento da Ribeira" e, também ao final dos anos 70, quando da vitória do MDB nesta cidade.

"O Movimento da Ribeira", dirigido por artistas plásticos, ao invés de defender o desenvolvimento das forças produtivas, o progresso - temas quentes da época - tinha como reivindicação maior a produção artística e artesanal, a conservação de Olinda, a manutenção do seu patrimônio, enquanto monumento artístico, enquanto espaço ecológico. Um espaço condizente com um estilo de vida livre da poluição, livre da violência urbana, livre para a criação individual e coletiva. A Ribeira, local da cidade alta onde hoje funciona um grupamento de lojas, era o local onde o movimento tinha sua sede. Lugar de reunião, de encontro, de produção. A cidade foi sendo transformada em celeiro cultural e constituindo-se como uma nova opção de vida. Com esse movimento, multiplicam-se os artistas plásticos, os artesãos, o comércio para os objetos de arte, os turistas e Olinda se consagra, definitivamente, como uma cidade artística.

Em 1977, com a vitória do MDB para a Prefeitura de Olinda ocorre uma mudança importante nesta cidade: questões colocadas até então pelos movimentos marginalizados do poder institucional, como o da Ribeira, são retomadas no âmbito do poder público. A população passa a ser ouvida e a sua participação a ser necessária na re-construção de uma nova estratégia política. Com os

cofres vazios, o apelo do então Prefeito para a população é a luta pelo resgate da memória nacional, estimulando a capacidade criativa dessa população através do incentivo às manifestações culturais. Como nos primórdios dos anos 80, a riqueza de Olinda seria extraída do seu grande e diversificado potencial artístico. Com esse tipo de adesão da Prefeitura é ampliada a dimensão da luta iniciada desde 1975, pelos parlamentares do MDB pernambucano - vitoriosos na eleição de 1974 - no Congresso Nacional, para transformar a cidade de Olinda em Monumento Nacional. Paralelamente a esta pressão, - exercida até 1980 quando obteve-se o título desejado - coube a esta Prefeitura os passos decisivos, junto à UNESCO, para a elevação de Olinda a Patrimônio Cultural da Humanidade - título obtido em 1982.

## II

Qual a repercussão de tal conjuntura para o Carnaval de Olinda? Quando em 1977 o MDB assumiu a Prefeitura, a grande medida tomada pelo poder público em relação a organização do Carnaval de Olinda foi se opor à comissão julgadora e a passarela para o desfile das agremiações. O Carnaval, segundo a concepção da nova administração, não poderia perder seu caráter original de ser uma festa aberta e popular. O palanque e a passarela traziam inevitavelmente a elitização do evento, desclassificando uma série de manifestações. Assim, ao contrário do processo de institucionalização do Carnaval através do controle e disciplina do seu espaço pelo poder, em Olinda foram eliminados o palanque para as autoridades, a passarela e a comissão julgadora, legitimando-se um novo tipo de interferência do poder.

A divulgação da ascensão de Olinda a Monumento Nacional e das características do seu Carnaval como um

grande acontecimento popular, de massa, representou um marco na história dessa cidade. Os meios de comunicação de massa - jornais e televisão - passaram a apresentar Olinda utilizando "slogans" como, "Carnaval Participação", "Carnaval sem passarela, sem comissão julgadora, sem palanque oficial", "Carnaval do Povo", "Carnaval de Olinda - Monumento Nacional", etc... Teve um papel fundamental nesse trabalho, junto a população carnavalesca e aos meios de comunicação, a Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de Olinda.

Exigências novas passaram a ser colocadas para esta cidade de 360 mil habitantes que teve, já no ano de 1981, um acréscimo de 300 mil pessoas vindas de vários cantos do país e do exterior, durante o período de Carnaval.

Mas como é que se coloca a questão das diferentes formas de participação na brincadeira, na medida em que ela é aberta igualmente para todos?

Existem os carnavalescos e os foliões. A partir dessa divisão definem-se os níveis de engajamento na brincadeira. O carnavalesco é aquele que não só brinca mas também participa efetivamente da preparação da festa. São os componentes da diretoria das agremiações e os que estão em torno dessas pessoas. Eles trabalham pelo Carnaval obtendo recursos, costurando as fantasias, compondo as músicas, criando o tema, etc... e brincando durante os ensaios de sua agremiação e durante os dias de Carnaval.

O folião é aquele que não trabalha pelo Carnaval mas marca sua presença sempre na brincadeira. Os foliões são

as pessoas da população local que brincam e todos aqueles que vêm de outras cidades e de outros países homenagear e participar do Carnaval. Durante a festa estes estão lado a lado com os carnavalescos, cantando e dançando, e passam a ser tão importantes quanto eles. O êxito desse Carnaval depende de uma adesão maciça.

Até muito recentemente, o modelo de Carnaval apresentado a nós pelos meios de comunicação de massa era suntuoso e grandioso espetáculo das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. O símbolo do nosso Carnaval, entre nós e para os estrangeiros, reduzia-se às imagens desse espaço altamente organizado, disciplinado e hierarquizado. Espaço este limitado pelas arquibancadas e preparado para o desfile das agremiações. Nas arquibancadas a disposição dos lugares seguindo uma ordem classificatória, privilegiando aqueles que têm mais recursos. Na área nobre, que é coberta, localizam-se os camarotes e os lugares de honra para as autoridades e visitantes. A gradação de preços dos ingressos corresponde a gradual melhoria da visibilidade do espetáculo. No espetáculo, a hierarquização se faz presente desde o processo de classificação dos diversos grupos de agremiações para o ingresso na passarela, até ao processo de escolha da melhor agremiação pela comissão julgadora.

Está em jogo no carnaval carioca a disputa de prestígio entre diversos grupos que têm um grande poder econômico e desejam ampliar seu poder político. Sabe-se que as escolas de maior porte (como Beija-Flor, Mangueira, Portela, etc...) dependem de uma soma enorme de recursos para enfrentarem as concorrentes, que por sua vez também estão dentro da mesma lógica. Essa dependência acarreta uma interferência muito direta dos patronos - empresários, comerciantes, bicheiros - na organização e na direção das

agregiações carnavalescas. Como a ostentação é elemento fundamental no desfile da Escola, o preço do luxo sai muito caro para os foliões - pessoas geralmente pobres que trabalham pelo Carnaval - que submetem-se a um tipo de gerência externa a seu contexto, a um tipo de controle de qualidade que trata este grande espetáculo como um produto de exportação. Mesmo considerando que o Carnaval carioca é feito pelo povo, que depende dele para a festa acontecer, cada vez mais torna-se um grande evento para ser visto: visto por uma elite e programado por uma elite. Trata-se de uma estratégia de poder que tem o efeito de esvaziar a força política de uma manifestação popular, transformando-a em espetáculo. O carnaval de rua, aberto a todos, com a população se organizando em pequenas brincadeiras, livremente, ainda existe no Rio de Janeiro, mas numa posição marginal em relação ao que é veiculado como o Carnaval carioca, ou seja, ao modelo da grandiosidade do espetáculo.

## III

Como alternativa a essa fórmula carnavalesca carioca apresentada pelos meios de comunicação de massa, passa também a ser divulgado, a partir da década de 70, o Carnaval da Bahia. O enaltecimento desse Carnaval, principalmente, de sua maneira de brincar livremente na rua, deve-se em grande medida aos artistas baianos, como Caetano, Gilberto Gil, Moraes Moreira, Gal. Eles trouxeram para o grande público carioca o conhecimento do Carnaval baiano, através das marchas e dos frevos.

Como em Olinda, na Bahia o engajamento na dança é condição básica para se sentir na brincadeira e durante o carnaval, como diz Caetano, "atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu...". Não é o samba, não é o desfile, não é o espetáculo: o que anima o Carnaval da Bahia é o

frevo, é a multiplicidade de pequenos grupos - blocos, cordões, afoxés - formando uma massa compacta que segue dançando, pelas ruas da cidade antiga, ao som do trio elétrico.

Esse Carnaval de rua onde todos brincam e dançam, cuja eficiência é garantida pela adesão maciça, popular, na brincadeira, deve-se, fundamentalmente, ao frevo. Baseando-me na obra de Fred de Góes(1), situo aqui alguns dos aspectos abordados pelo autor sobre a trajetória do frevo e sua importância para a caracterização de um novo tipo de Carnaval.

Quem levou o frevo para a Bahia foram os pernambucanos. Isso foi em 1950, quando o Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas do Recife se apresentou em Salvador com uma enorme orquestra, formada com 150 componentes tocando o frevo pelas ruas dessa cidade, arrastando uma multidão para a dança. Diante do grande sucesso dessa apresentação, os baianos Dodô e Osmar decidiram introduzir o frevo no Carnaval de Salvador através de instrumentos elétricos, inventados por eles, colocados em cima de um carro todo pintado e decorado, com os dizeres: "A Dupla Elétrica". Aí está a raiz do Trio Elétrico que marcou definitivamente o Carnaval da Bahia, dando início a uma maneira inteiramente nova de brincar.

O Carnaval baiano passa a ser identificado como uma grande festa de participação popular. Não é mais possível, com a entrada do trio elétrico em cena, ordenar o espaço e a população como antes. O som elétrico surge para transformar a ordem até então estabelecida e foi o frevo o estopim dessa revolução. Atualmente, esse Carnaval tem

---

1. GÓES, 1982, O País do Carnaval Elétrico.

recebido muitas críticas por conta da crescente violência que vem caracterizando-o. Diferentemente de Olinda, onde o Carnaval abrange toda a cidade alta, na Bahia ele se concentra em poucas ruas, favorecendo, com o seu crescimento, um grande congestionamento de pessoas e de trilhos elétricos, gerando atritos. A dificuldade crescente de movimento, de dança do frevo, de espaço livre para a brincadeira tem contribuído para seu rápido saturamento e tem deslocado muitos foliões deste Carnaval baiano para o Carnaval olindense.

Mas, voltando à história, o frevo tem uma origem remota. Nasce como gênero musical brasileiro no final do século XIX, em Pernambuco, numa interação entre música e dança, onde o ritmo é sua própria essência. O frevo resulta da mistura de vários gêneros musicais - marcha, polca, maxixe, dobrado das bandas marciais - sendo executado por músicos das bandas da rua, a princípio, por bandas militares e, posteriormente, por fanfarras que reuniam trabalhadores humildes (carvoeiros, vassoureiros, caladores, etc) de Recife. É nesse momento, final do século XIX, que o frevo se fixa como gênero musical, ou seja, quando deixa de ser de exclusividade das bandas militares e se populariza.

Paralelamente ao processo de fixação desse gênero musical, encontra-se em Recife, clandestinamente, a partir do início da segunda metade do século XIX, os partidos de capoeira. Filhos legítimos da capoeira de Angola, os capoeiras desses partidos são apontados como os criadores do passo (a dança do frevo). Eles saíam à frente das bandas militares, abrindo o desfile, traduzindo corporalmente a marcação do compasso da música como, também, influenciando os músicos a introduzir novos compassos a partir da movimentação de seus corpos, de sua

dança que representava um grito de guerra. Em 1858, é proibido o desfile dos capoeiras à frente das bandas. Essas bandas de Recife eram a do 4o. Batalhão de Artilharia, conhecida como a do Quarto, e a da Guarda Nacional, conhecida como Espanha. Apolando-me, ainda, no autor Fred Góes, "a importância dessas duas bandas na história do frevo reside no fato de, seguindo um costume do Brasil colonial, seus desfiles serem abertos pelos valentões, os capoeiras que saíam à frente do cortejo, fazendo gingados e aplicando rasteiras. Como o Quarto e a Espanha eram rivais, os capoeiras se aproveitavam da "piculinha" para demonstrar as excelências de sua agilidade nos mais complicados desenhos coreográficos. Além de começarem a transformar o gingado em dança, os "cafagestes" improvisavam versos provocativos de desafio ao grupo rival, como, por exemplo, a quadrilha registrada por Valdemar de Oliveira:

"Viva o Quarto,  
fora a Espanha!  
Cabeça sêca (sinônimo de Escravo)  
é que apanha!"

Apesar da importância do frevo pernambucano na história da cultura brasileira, somente muito recentemente é que ele vem sendo reconhecido. Como já vimos, tiveram grande importância nesse processo os artistas balanos - que não só divulgaram nacionalmente esse ritmo (Caetano, Gil, Gal, Moraes Moreira) como souberam criar um novo gênero musical utilizando o frevo no trio elétrico (Dodô e Osmar) - e os meios de comunicação de massa (jornais e TV) que perceberam e reforçaram a importância do Carnaval balano, dando ênfase ao novo ritmo, a nova maneira de brincar, um apelo à participação efetiva num grande evento de massa. E, logo em seguida, explode o Carnaval de Olinda, consequência desse processo e somando-se, como já vimos, a



favorável conjuntura artística e política dessa cidade.

#### IV

Em linhas gerais foram traçados o contexto mais amplo em que se insere o Carnaval e as concepções que o orientam. Vejamos, a seguir: Como se organiza o Carnaval olindense? Quais suas brincadeiras? Quais as diferenças entre elas? Quem as organiza? Por que é importante estudar esse Carnaval?

A cada ano que se inicia, logo nos primeiros dias de Janeiro, a cidade de Olinda começa a "ferver", tudo passa a girar em torno do Carnaval. Reuniões sucessivas têm lugar nas casas ou nas sedes de clubes, entre os carnavalescos; os organismos públicos se agitam para equipar a cidade de infra-estrutura; começam as negociações quanto aos impasses surgidos de última hora entre o poder público e os dirigentes carnavalescos; famílias se organizam para a confecção das fantasias; se organizam para receber familiares em suas casas ou para alugá-las para os turistas; as orquestras ensaiam; as agremiações iniciam os desfiles pré-carnavalescos, muitos bailes são realizados nas sedes das agremiações ou nos clubes para a captação de recursos; outras formas de arrecadação de recursos são postas em prática, como a comercialização de camisetas confeccionadas pelas agremiações; listas são passadas nas casas dos moradores para estes assinarem e contribuírem para os desfiles; pouco a pouco a decoração vai surgindo, os bares vão recebendo mais pessoas, as ruas vão ficando congestionadas. A festa continua até a 4a. feira de cinzas, quando ainda saem algumas agremiações puxando uma multidão.

Tomando como referência as informações contidas nos Folhetos distribuídos pela Prefeitura de Olinda, através da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de

Olinda e da Gerência de Turismo, no período que antecede o Carnaval, encontramos como brincadeiras os seguintes tipos de grupos que compõem as agremiações carnavalescas: Clube, Troça, Bloco, Maracatu, Escola de Samba, Urso ou a Loursa e os Caboclinhos. Dependendo de certas características, faz-se parte de um determinado grupo.

Os Clubes e as Irakas apresentam com as mesmas características, sendo possível distinguí-los pela inscrição no estandarte. Outro fator distintivo seria o fato da Troça desfilar nos horários da manhã ou da tarde e os Clubs à noite, mas em Olinda tal regra não é mais respeitada. No mais, ambos possuem a diretoria, o estandarte, os cordões de alas de desfilantes, os destaques e a orquestra, formada exclusivamente por instrumentos de percussão e metais, executando o ritmo do frevo de rua. Os Blocos têm uma estrutura mais familiar, integrando os elementos de um mesmo grupo, desde as crianças até os mais velhos. Utilizam um painel, conhecido pelo nome de "Cartel", ao invés do estandarte e têm os cordões, os destaques, a diretoria e a orquestra, formada por instrumentos de pau e corda - violões, cavaquinhos, violinos, banjo e a percussão com tarol, pandeiro e surdo - executando o frevo de bloco com letra cantada pelo coral de desfilantes. Os Maracatus, introduzidos pelos escravos no período da colonização, são uma representação do desfile da corte do Rei do Congo. São dois tipos de Maracatus: "Baque Virado e Baque Solto. O primeiro é conhecido como o "Maracatu Africano" ou "Nação". Os elementos que o compõem são: porta-estandarte, balana principal (que leva a boneca), ala das balanas, vassallos, rei e rainha. A orquestra é somente de percussão - bombos, caixas e ganguê - e as músicas contêm letras. O Baque Solto é conhecido como o "Maracatu Rural". O "mestre" é a figura principal. No momento do seu canto, a orquestra silencia e quando o pessoal do cordão responde ao refrão, inicia-se a música,

chamada de "loa", e tem a dança. A orquestra é formada por instrumentos de percussão e alguns metais - sopro. As fantasias dos participantes são feitas com fitas multicoloridas e chocalhos dependurados. Estão no ritmo, na formação, no estilo do canto e no tipo de fantasia as diferenças entre este Maracatu e o do Baque Virado. Ambos contêm o estandarte, o porta-estandarte, as alas. Sendo que as alas do Baque Solto são formadas por caboclos de lança, não têm as balanas, nem os vassalos. As Escolas de Samba do Carnaval de Olinda têm as características das do Rio de Janeiro, só que são muito menos luxuosas - por serem mais pobres - e o número de participantes é muito menor, no máximo 300 desfilantes. Sabe-se que (diferentemente dos Clubes, Troças e Blocos que têm sua música e esta se repete todos os anos) as Escolas de Samba compõem para cada ano uma música para ilustrar o enredo. A bateria é formada por instrumentos de percussão - tambores, surdo, caixa, reboado, cuíca, frigideira, etc. No desfile, além da bateria, participam o porta-bandeira, o mestre-sala, a ala show, o grupo de balanas e o puxador de samba. A brincadeira do Urso ou da Laurra está ligada a uma tradição circense, do começo do século XX. É formada, em geral, pelo urso, pelo caçador e pelo domador. A orquestra é formada por instrumentos de percussão, quase sempre acompanhada por um acordeon executando melodias que são cantadas pelos desfilantes. Por último, os Caboclinhos que representam a reminiscência indígena, desfilam vestidos a caráter, ou seja, com plumas de aves ornamentando os cocares, as tangas e as pulseiras. Trazem, também, colares de dentes de animais, arcos e flexas. A dança é ritmada ao som do movimento das flexas nos arcos e da orquestra, formada por pífanos, ganzá e galta de taboca. A dança simula movimentos de ataque e de defesa, num ballado repetitivo de saltos e batidas de pés sobre o chão. Cabe, ainda, apontar aqui a crescente importância que vem

adquirindo a produção de enormes bonecos no Carnaval de Olinda.

Até recentemente, os bonecos ou calungas (como muitos os denominam) tinham sua origem atrelada à criação de uma agremiação carnavalesca. Constituindo-se como uma alegoria de cabeça, esses bonecos representam o papel central; em torno deles se organizam agremiações. Assim, o "Clube de Alegoria Misto Homem da Mela-Noite", que começou na categoria de troça, em 1932, deu origem a esse processo; para lhe fazer companhia aparece, em 1967, a "Troça Carnavalesca Mista a Mulher do Dia", a "Mona Liza" de Olinda, como é conhecida no meio artístico (MELO, 1982). Em 1976, surge a "Troça Mista Menino da Tarde"; em 1979, a "Troça Carnavalesca Infantil John Travolta"; em 1980 o "Clube de Alegoria Misto o Filho do Homem da Mela-Noite"... A partir daí não param mais de "nascer" bonecos.

Hoje, os bonecos não se restringem mais às agremiações, como também suas apresentações ao público não se restringem ao período do carnaval. A partir, principalmente, de 1985, cresce o número desses bonecos em decorrência da demanda dos partidos políticos. Durante a campanha eleitoral, os bonecos (caricaturas dos candidatos) participam de comícios e de muitas comemorações de rua. No carnaval muitos deles aparecem disfarçados e transformados em outras personagens. Mais ainda, têm surgido vários bonecos "independentes", ou seja, aqueles que não estão vinculados a qualquer agremiação ou partido político, mas sim ao poder de decisão de pequenos grupos que se organizam em torno dessa produção e, em seguida, em torno da brincadeira do boneco na rua, correndo atrás das pessoas ou se introduzindo no meio das pessoas para participar da dança, seguindo uma e outra agremiação. Ele não tem compromisso com nenhuma delas. Dançando o frevo no

-----

carnaval e contando com uma adesão, cada vez maior, de participantes, os bonecos estão presentes nos grandes acontecimentos da cidade. O Homem da Meia-Noite e a Mulher do Dia são os mais solicitados para os mais diferentes tipos de eventos em Olinda.

Paralelamente ao processo de crescimento do carnaval, da multiplicação de pequenas agremiações de classe média, da explosão de gente vindo de fora brincar nesse carnaval, corresponde também a multiplicação desses pequenos grupos que se organizam em torno de bonecos. Geralmente, esses grupos são formados por olindenses envolvendo, inclusive, garotos que querem participar do carnaval enquanto carnavalescos, na produção dessa festa, mas não têm condições de organizar uma agremiação.

Para os artistas de Olinda, a produção desses bonecos está inserida na cultura popular, na habilidade artesanal do povo, que se mostra com tanta força nas esculturas de bonecos e bichos que compõem o mamulengo, nas esculturas de barro, de madeira, de pano, etc., que fazem parte do acervo artístico dessa população e, nas alegorias que sempre estiveram presentes no carnaval, destacando-se aí as alegorias de cabeça, especificamente, os grandes bonecos.

Na medida em que, em Olinda, essa produção de "bonecos carnavalescos" se expandiu e tomou conta do cenário, passou a constituir-se numa das características não só do carnaval mas também da cidade de Olinda, já que sua expansão não se restringiu, como vimos, ao período carnavalesco.

No Carnaval de 1986, são catalogadas pela Prefeitura

de Olinda 108 agremiações, com indicações de horário, local de saída e categoria (bloco, clube, troça, etc.). De acordo com essa relação desfilam, neste ano, 08 clubes, 55 troças, 09 blocos, 05 maracatus, 13 escolas de samba e 09 ursos. Os 02 caboclinhos que aparecem na relação estão incluídos na categoria de clube. Além dessas categorias, aparecem, ainda, 03 grupos linha-afro, 01 grupo figurativo e 03 bonecos. Esses bonecos, somados aos que aparecem integrados nas troças e nos clubes, perfazem o número de 18 bonecos no Carnaval de Olinda. Esses números apesar de não representarem a totalidade dos grupos que desfilam durante o Carnaval, representam as agremiações mais expressivas, quanto a sua importância no contexto carnavalesco.

## V

A história do Carnaval de Olinda tem sua expressão maior na organização de suas agremiações. Através delas encontramos as tradicionais e as recentes famílias olindenses, encontramos os artistas, os artesãos, os compositores, encontramos os irmãos religiosos, encontramos os políticos. Elas são expressão de uma forte e duradoura organização popular que tem seu marco no início do nosso século. Uma série de informações sobre esta história encontra-se na obra de José Ataíde (MELO, 1982), quando ele cataloga 82 agremiações no período entre 1900 e 1981. Essas agremiações distribuem-se em 10 clubes, 39 troças, 15 blocos, 8 escolas de samba, 2 maracatus e 8 pequenos grupos.

Estabelecendo uma relação entre essas informações com aquelas de 1988, pode-se extrair alguns aspectos que serão úteis para uma análise a ser aprofundada posteriormente, no desenvolvimento da pesquisa. Trata-se aqui de nomeá-los.

Em primeiro lugar, evidencia-se, mais uma vez, a predominância do ritmo do frevo em relação a outros ritmos, considerando que os clubes, as troças e os blocos têm nesse ritmo a razão básica de sua existência e esses tipos de agremiações, como se vê, têm o maior peso no Carnaval de Olinda.

Outro aspecto, é o crescimento do Carnaval se dando não somente pelo aumento do número de turistas, como já foi apontado, mas, também, pelo aumento do número de agremiações. Mesmo ponderando sobre a representatividade dos dois levantamentos realizados, quanto ao universo atingido, as diferenças numéricas entre os dois são significativas, permitindo esse tipo de colocação, endossada, inclusive, pelos depoimentos de carnavalescos. Relacionando, portanto, os dois registros observa-se que o último (1986) traz, entre as 106 agremiações, o número de 75 nomes novos, ou seja, nomes que não constam da relação anterior (1900-1981). Quero dizer que muitas agremiações, surgiram após 1981 e a concentração desses novos grupos encontram-se nas troças.

Por outro lado, o fato desses grupos serem recentes não significa afirmar que são inexperientes na folia olindense. Depoimentos de carnavalescos apontam para a tradição das famílias dessa cidade na organização do Carnaval. É uma tradição que passa de pai para filho. Filhos e netos de carnavalescos do início do século estão puxando muitas das brincadeiras atuais, criando novos grupos. Sem contar, ainda, que na relação das 106 agremiações (1986), constata-se que 31 agremiações já são conhecidas, aparecendo na primeira relação (1900-1981) e que quase a metade delas, ou seja, 14 agremiações, têm mais de 20 anos na brincadeira. A mais antiga é o "Clube Lenhadores", que teve origem em 1907 e até hoje é presença

marcante no Carnaval de Olinda. A mesma família que participou da criação dessa brincadeira continua nela ativamente e vários de seus membros ocupam um lugar de direção também em outras agremiações importantes que surgiram no decorrer de todos esses anos, culminando com a criação, em 1980, da troça infantil "John Travolta". Esta troça é invenção dos netos de um dos fundadores do "Clube Lenhadores"

É importante mencionar que o crescimento do número de agremiações deve-se também em parte, principalmente até a década de 80 (como afirma José Ataíde - 1982), a dissidências entre carnavalescos. As desavenças ao invés de prejudicar a festa serviam muito como desafio para criação de novos grupos, novas brincadeiras. As rivalidades se faziam presentes nas letras provocativas das composições carnavalescas de uma agremiação contra a outra, no segredo mantido por cada grupo quanto ao tema e a fantasia do desfile, na divisão da população que tomava partido de uma ou de outra agremiação, na disputa da melhor orquestra, de um melhor som, de uma maior animação, de uma maior adesão ao desfile.

## VI

Gostaria, ainda, de situar, brevemente, o papel dos Irmãos religiosos e dos artistas no carnaval de Olinda. A relação entre as agremiações e as Irmandades Religiosas é muito estreita e vem de longa data. Hoje, apesar da perda de força e de poder dessas Irmandades em Olinda, ainda encontram-se vários dirigentes carnavalescos, principalmente das agremiações mais tradicionais, que são também dirigentes de Irmandades. São os mesmos dirigentes, é o mesmo roteiro, é a mesma banda de música de desfile de



agregiações carnavalescas e de procissões de Irmandades Religiosas.

Quanto aos artistas, já constatamos sua importância no "Movimento da Ribeira". Com relação ao Carnaval de Olinda sua presença se faz notar na decoração das ruas da Cidade Alta, hoje menos frequente, na confecção dos grandes bonecos que desfilam no Carnaval, na confecção de adereços, de alegorias, de fantasias das agregiações. Estão incluídos nesta categoria de artistas não só os artistas plásticos como os artesãos.

## VII

Gostaria de explicitar, mais uma vez, uma questão de interesse para o meu tema, remetendo-me ao etnólogo Júlio Caro Baroja (BAROJA, 1979). Na análise sobre os Carnavais Ibéricos, esse autor inicia o primeiro capítulo de sua obra com a afirmação que o Carnaval é uma festa antiga, que começou a agonizar a partir do início do nosso século, e que atualmente está morto. O Carnaval não pode sobreviver com a racionalidade da sociedade moderna. Concluindo, este autor coloca o Carnaval atual como um pobre divertimento de burgueses, a partir do processo de normalização da sociedade, da regulamentação de tudo, inclusive das distrações.

Como fugir às questões que são baseadas nesse fatalismo que Baroja descreve, onde o carnaval não encontra um lugar alternativo que possa conviver na multiplicidade de um mesmo sistema, no caso a sociedade moderna?

Não pretendo demonstrar que o contexto carnavalesco de Olinda existe porque é fechado, restrito, tradicionalista

ou regionalista. Ou porque está ligado ao "sub-desenvolvimento" do Brasil. Ao mesmo tempo que seus organizadores defendem uma identidade - orquestra na rua ao invés do trio elétrico, carnaval participação ao invés de espetáculo, carnaval popular ao invés de elitista - a manutenção desta identidade traz em si o sentido coletivo e universal. Não é à-toa que o número de turistas cresce a cada ano e não é somente pela beleza da cidade. Acho, portanto, importante estudar o carnaval de Olinda porque ele é um exemplo de que é possível um lugar para um carnaval de massa, não confinado nem industrializado.

Não pretendo, também, nem estudar a origem desse carnaval, nem considerá-lo como uma inversão ou uma reprodução da realidade social. É importante analisá-lo tal como ele ocorre atualmente em Olinda. Abordar esse carnaval que aparece hoje, como ruptura com o carnaval mais tradicional, do interior, e, que não se submete ao padrão do carnaval de massa e por isso mesmo exerce um grande atrativo. A questão é situar como é possível acontecer um carnaval que inverte - não a realidade social - os padrões dominantes do carnaval brasileiro, não sendo ele totalmente tradicional e, ao mesmo tempo, conhecendo um grande crescimento pela forte atração que exerce.

## VIII

O objeto de análise é o tipo de mundo carnavalesco que é formado pela tela de relações entre os protagonistas do carnaval - as agremiações, a Prefeitura, o público, as famílias, os artistas - e no interior de cada protagonista do carnaval.

Trata-se da análise de discurso, do ponto de vista das representações dos protagonistas do poder público e das

agregiações. Trata-se de verificar como é. que eles representam a si mesmo e aos outros. Que representações têm do Carnaval, deles mesmo e do funcionamento do carnaval.

Essas relações entre os protagonistas estabelecem identidades, conflitos, hierarquias, subordinações e são elas que criam o mundo carnavalesco, que é diferente do mundo cotidiano. Como se constitui esse mundo do carnaval de Olinda, que é distinto do carnaval de Recife e dos outros carnavais?

Trata-se da análise do funcionamento concreto do carnaval enquanto processo institucional. Para estudá-lo enquanto processo vou me basear na concepção de análise de instituições desenvolvida por Guilhaon Albuquerque (ALBUQUERQUE, 1978 e 1980) que considera um objeto institucional, que está em processo de constituição, através das relações entre diversos atores, o público, a clientela, etc. Esta análise é feita através da análise de discurso. Devo, portanto, considerar quais são as categorias discursivas que os diversos atores utilizam para perceber a si mesmos, seu papel, perceber os demais e perceber o seu objeto de ação. Trata-se de estudar a organização do carnaval como uma instituição que tem o seu próprio objeto que é o carnaval e os seus atores que são os protagonistas das agregiações carnavalescas e do poder público.

Duas grandes hipóteses orientam a análise do material.

1a. hipótese: O carnaval não é nem a total inversão nem a pura reprodução da realidade social. Ele forma uma outra realidade, que é a realidade carnavalesca, que tem aspectos que reproduzem a sociedade e tem aspectos que a

Invertem. Não se trata de acabar com as hierarquias, mas as hierarquias são diferentes; não se trata de inverter os valores, os valores existem e são diferentes. Não é uma brincadeira sem regras, mas são regras de folia.

2a. hipótese: O Carnaval de Olinda está numa situação de crise que decorre não de uma contradição entre o caráter de festa e o caráter de espetáculo, mas que vem da própria exacerbação do caráter da festa. O crescimento do carnaval de Olinda, dada as suas características de espontaneidade, de liberdade, de participação popular, etc... produz um afluxo de turistas, produz um aumento do custo da organização do carnaval e exige a introdução do mercado. A dificuldade da Prefeitura e das agremiações carnavalescas em lidar com a introdução de mercado no Carnaval está levando a uma situação dramática, de individualização do carnaval de Olinda.

## IX

O procedimento metodológico adotado é a análise das categorias que constituem os discursos dos principais protagonistas do carnaval de Olinda - o poder público e as agremiações carnavalescas. Análise das categorias que dizem respeito à identidade dos atores, à percepção dos demais atores e à definição do objeto de sua ação.

A pesquisa tem como corte cronológico o período de 1977 a 1987. A opção por esse período baseia-se nos depoimentos de vários carnavalescos que apontam, nessa fase, uma série de fatos relevantes para compreensão do carnaval tal como se dá hoje em Olinda. Alguns, como já vimos, têm destaque: a vitória do MDB em Olinda (1977); a elevação de Olinda a "Cidade Monumento Nacional" (1980); "Cidade Ecológica"

(1982); e "Patrimônio Natural e Cultural da Humanidade" (1982).

A análise de discurso, é realizada a partir de entrevistas com representantes dos grupos institucionais que protagonizam o Carnaval de Olinda e de documentação disponível sobre o tema. A análise é qualitativa e o discurso é aqui tomado como um dos aspectos da prática dos protagonistas. É dada ênfase ao trabalho de campo, utilizando-se a técnica de entrevistas abertas diretivas por considerá-la para os objetivos dessa pesquisa a melhor maneira de apreender a riqueza de informações sobre as concepções dos protagonistas a respeito do Carnaval.

Além da realização de entrevistas e do levantamento de documentação nos órgãos públicos e privados, recorre-se também ao estudo da literatura e à observação direta do carnaval de Olinda, muitas vezes até como participante (folião), acompanhando o seu processo de preparação, o seu funcionamento e o contexto em que se insere e em que se realiza a festa.

São entrevistadas 34 pessoas, algumas delas mais de uma vez, perfazendo uma média de 90 minutos por entrevista. O trabalho de campo abrange instituições do poder público local e agremiações carnavalescas. Do lado das agremiações, muitas poderiam ainda ser contatadas mas, no momento da pesquisa de campo, seus dirigentes não foram localizados. Não houve também pretensão de esgotar todas as indicações - o que seria impossível dada a ordem de grandeza dos carnavalescos e o limite de tempo. Os depoimentos são obtidos dos seguintes protagonistas:

1) a nível de Poder Público Local, foram contatados os órgãos abaixo discriminados, perfazendo um total de 12 entrevistas:

- . Prefeitura Municipal de Olinda
- . Secretaria de Planejamento
- . Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda
- . Setor de História da FCPSHO
- . Assessoria de Imprensa da Prefeitura
- . Gerência de Turismo
- . Gerência de Cultura

2) A nível das Agramlações Carnavalescas, são 14 as contatadas e 22 representantes entrevistados:

- . Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas
- . Troça Carnavalesca Mista Cariri
- . Clube de Alegoria Mista O Homem da Meia-Noite
- . Troça Carnavalesca Mista Pitombeira dos Quatro Cantos
- . Clube Carnavalesco Misto Elefante
- . Troça Carnavalesca Mista Cheguel Agora
- . Troça Carnavalesca Ceroula
- . Troça Carnavalesca Mista a Mulher do Dia
- . Troça Carnavalesca Mista Menino da Tarde
- . Grêmio Lútero Recreativo Cultural Misto Carnavalesco Eu Acho é Pouco
- . Bloco Anárquico Siri na Lata
- . A Nordestina, (boneca)
- . Bloco Olinda Quero Cantar
- . Cara Melada (tipo popular)
- . Maracatu Plaba de Ouro

## X

A tese está dividida em duas partes:

A Primeira Parte, intitulada O Carnaval de Cada Um, compreende dois capítulos. Essa parte trata da análise das representações dos protagonistas do carnaval. Trata da percepção de cada um na definição do carnaval olindense e na definição do lugar que cada um ocupa. É uma análise discursiva, definida como um jogo de poder, que visa estabelecer o que é mais importante nesse carnaval; quem faz o carnaval; quem comanda. O Capítulo I, faz essa análise a partir da percepção, dos pontos de vista, dos Carnavalescos (dirigentes das Agremiações Carnavalescas); e o Capítulo II, faz a análise a partir das representações dos protagonistas do Poder Público.

A Segunda Parte, intitulada O Carnaval dos Outros, também compreende dois capítulos. Essa parte trata da análise do funcionamento do carnaval a partir do estabelecimento da tela de relações que forma o mundo do carnavalesco. Trata da análise de como se dão as relações entre os protagonistas do carnaval e seus interlocutores - agremiações carnavalescas, poder público, artistas, famílias olindenses e turistas - e no interior de cada protagonista. É uma análise da percepção dos protagonistas do carnaval sobre as identidades, as oposições, as hierarquias e os conflitos que tornam essa festa possível. O Capítulo III, faz essa análise das representações dos Carnavalescos; e o Capítulo IV faz a análise das representações do Poder Público.

É nessa segunda parte onde se encontra uma descrição mais densa do funcionamento do carnaval, a partir da visão que os próprios protagonistas fazem da festa. Desenvolvo também nesse capítulo a questão da introdução do mercado no carnaval de Olinda.

Finalmente, a Conclusão confronta algumas concepções teóricas a respeito do carnaval e dialoga um pouco com a análise desenvolvida por mim no decorrer desse trabalho.



**PRIMEIRA PARTE**

**O CARNAVAL DE  
CADA UM**

## CAPÍTULO I

## O DISCURSO DO CARNAVALESCO

Este capítulo e o próximo tratam da análise das representações dos protagonistas do carnaval. Qual a percepção de cada um na definição do carnaval olindense e na definição do lugar que cada protagonista ocupa. Trata-se aqui mais de uma análise discursiva, compreendida, também, como jogo de poder: poder de definir o carnaval; o que se coloca como mais importante; quem faz o carnaval; quem comanda. Enfim, o que é o carnaval de Olinda a partir dos pontos de vista de seus protagonistas - os dirigentes das agremiações (os carnavalescos) e os agentes do poder público.

Participação, tradição, brincadeira e trabalho são as grandes categorias que se destacam na definição do que seja o carnaval de Olinda. Essas categorias aparecem representadas de diversas formas na caracterização do carnaval feita pelos dirigentes das agremiações olindenses.

I

A questão da participação fundamenta em vários níveis a razão e a força do carnaval. Em primeiro lugar, para os dirigentes de agremiações, a participação não é um fato novo, nem tampouco um fato político, como é tão enfatizado

pelos protagonistas do poder público. Não é um fato exterior ao carnaval, nem posterior à ação da Prefeitura. Para os representantes das agremiações, o aspecto participativo do carnaval de Olinda vem de longa data, sendo um elemento constitutivo da definição mesma desse carnaval, e quem o definiu assim foram os carnavalescos que vêm desde o início de século criando as agremiações.

Dos vinte e dois dirigentes entrevistados, nenhum deles coloca no poder público a autoria do carnaval participação e três deles afirmam categoricamente que não foi a administração Germano Coelho (1) responsável por esse tipo de carnaval. Colocam que a passarela teve uma existência efêmera, de apenas um carnaval, em 1970, na gestão do interventor Eudes Costa e que deixou de existir pela confusão que houve entre as duas agremiações que concorreram, Elefante e Pitombeira.

"Tem muitas famílias que perderam a amizade de outras por causa do carnaval...o interventor, finado Eudes Costa, cismou de fazer uma passarela e julgar quem seria o maior...um negócio de quinze anos atrás... Por coincidência Pitombeira foi quem ganhou. Ah, isso deu muita confusão aqui em Olinda...Então de lá para cá desistiram. Olinda não pode ter passarela....

Mesmo já no tempo de antes de Germano disseram: quem quiser que bote o melhor que o outro mas não vai existir comissão julgadora. Se existir

---

1 Germano Coelho foi eleito Prefeito de Olinda, pelo MDB, em 1977.

val haver morte. Aí, ninguém sabe quem ganhou..." (dirigente da Agremiação "Ceroula")

A passarela não pode existir em Olinda por duas razões, basicamente. Pela acirrada rivalidade entre as agremiações carnavalescas Pitombeira e Elefante. E quase todos os entrevistados, principalmente José de Ataíde (2), apontam como uma característica desse carnaval a criação das agremiações a partir de dissidências. De um modo geral as grandes agremiações do Carnaval de Olinda surgiram como dissidentes uma das outras.

Mas é principalmente a manutenção de certos aspectos que faz com que o carnaval em Olinda ainda seja participativo. Por ser um carnaval que se desenrola na cidade, entre as casas dos carnavalescos, entre os moradores que direta ou indiretamente estão envolvidos com a preparação da brincadeira. O espaço físico e cultural de certa maneira determina o tipo de carnaval.

Vários depoimentos apontam para a queda do Carnaval recifense a partir do momento em que grande parte da população foi expulsa do centro de Recife, para transformá-lo num centro comercial e burocrático, quando foram abertas grandes avenidas, sendo destruídos bares e casas

---

2 José Ataíde de Mello enfatiza este aspecto em seu livro 1990-1991 Olinda, Carnaval e Povo (1982)

residenciais, tradicionais pontos de encontros e de vivência cultural. Para isso também contribuiu a introdução do desfile e da passarela, o número cada vez maior de Escolas de Samba sobrepondo-se ao frevo.(3)

" O Carnaval de Recife era melhor que o daqui. Um tempo depois, com a passarela, foi que acabou o carnaval de Recife, e o de Olinda é participação, participação total e o de Recife não."  
(ex-dirigente da Agremiação "Homem da Meia Noite")

Mesmo sem passarela, o desfile das agremiações sempre se dá em Olinda ao longo das estreitas ruas da cidade-alta: todas as janelas e portas abertas e as casas cheias, todos aplaudindo, olhando e indo atrás das agremiações que mais lhes agradam. Todos os moradores têm preferência por uma ou outra e muitos têm familiares engajados nelas, às vezes a partir de uma tradição que vem de pai para filho.

Outro aspecto enfatizado pelos dirigentes é a importância do frevo na caracterização da animação do carnaval, sendo também fundamental a orquestra no meio do povo, na rua. Ele não é o único ritmo do Carnaval de Olinda, sendo até valorizada a diversidade de

---

3 Ao analisar o carnaval do Rio de Janeiro, a autora Maria Julia Goldwaser afirma que " a Escola é um substrato do Carnaval: ela surgiu em decorrência e para sua organização. A Escola de Samba da Mangueira é um lugar onde o Carnaval perde o seu caráter de antifesta caótica das ruas para transformar-se num empreendimento rotinizado e administrado burocraticamente."

"brincadeiras" - escolas de samba, maracatus, caboclinhos - mas sem dúvida, em Olinda, o frevo é a mola mestra do Carnaval. De acordo com os carnavalescos, o frevo de rua determina um carnaval participativo porque sua música é irresistível para a dança, sendo muito difícil alguém ficar de fora, apenas contemplando, sem entrar na folia.(4)

O frevo faz com que todos dance, inclusive os menos entusiasmados, convertendo-se, por isso, em dança "multitudinária." Essa definição diz respeito ao frevo-de-rua, feito unicamente para dançar, dispensando letra e coreografia ordenada. Não podemos deixar de citar a Marcha Número Um do Vassourinhas, surgida no final do século passado. Esse frevo hoje só é tocado nas ruas mais largas, onde haja espaço para se dar evasão à emoção, embriaguez e loucura que ele provoca. Mesmo quem não sabe dançar, com o Vassourinhas metamorfoseia-se num eloquente dançarino.

"A característica do Carnaval de Pernambuco, eu não diria nem de Olinda só, é a marcação do passo. Eu acho que o passo aqui é primordial...nem tanto em exibir a roupa mas de pular...Ninguém tem essa vaidade de exibir a roupa porque se tivesse vaidade você fazia a passarela aqui.

---

4 Isto também foi observado pela autora peruana Carmela Oscanoa de Cárdenas (CÁRDENAS 1981). O frevo é classificado como "dança de multidão", definindo como aspecto sua comunicabilidade de dança contagiante, alegre, coletiva, social. Conclui afirmando que "o espectador poderia ser considerado como participante do frevo, porque quando se inicia a execução de um frevo, reduz-se ao mínimo o número de espectadores. Todos se integram na dança, escutando os acordes da fanfarra."

Então o único fator importante, eu acho que o produto básico daqui, da cor do carnaval é unicamente o passo. O frevo e depois, logicamente, o passo. O passo é a marcação que o passista faz e o frevo é o conjunto musical, é a música." (figurinista da Agremiação "Pitombeira dos Quatro Cantos")

Além desse tipo de frevo, há também em Olinda o frevo-de-bloco e o frevo-canção. No frevo-de-bloco, sua orquestra é de "pau e corda" (violões, flautas, violinos, banjos, bandolins, cavaquinhos, etc), o frevo-canção são marchinhas com uma parte introdutória e outra cantada, tocadas por uma orquestra melódica. O frevo-de-rua possui verdadeiras bandas de música formadas com requinta, clarinetes, saxafones, tenores, trombones, trombetas, tubas, bombardino, caixa-clara, caixa escura, pandeiro, reco-reco e ganzá. O frevo e a orquestra no chão garantem o carnaval participativo na medida que convida todos à dança, uma dança contagiante e chela de improvisações, num espaço livre onde todos se encontram no mesmo nível (na rua). Nesse sentido, não há, portanto, lugar para a passarela.

Enquanto o apelo maior do Carnaval carioca está na contemplação, no espetáculo, na grandiosidade e monumentalidade das alegorias, na beleza escultural e sensual dos figurantes, em Olinda o apelo maior é a participação. É a multidão desordenada nas ruas da cidade-festa, é o clima orgíaco da mistura da bebida, da alegria, da multiplicidade de sons musicais vindo de todos os lados, e da dança ininterrupta dos vários ritmos que vão desde o

samba, á marchinha de bloco, até o frevo mais rasgado do "Vassorinhas", enlouquecendo todo o mundo. (5-)

"É esse o motivo do Carnaval de Pernambuco ser o melhor do Brasil, do mundo. Porque o Carnaval de Pernambuco, principalmente o de Olinda, é amplo. O Clube sai com a orquestra pelo meio da rua e o povo brincando. Lá no Rio é Carnaval de passarela." (dirigente da Agremiação "O Menino da Tarde")

Os carnavalescos parecem opõem a passarela e as alegorias ao carnaval de Olinda.

"...já fui contra a passarela, hoje não sou contra mais a passarela...hoje milhares de pessoas querem ver os desfiles de clubes, então que se faça uma passarela, se cobre um ingresso determinado para aquele povo que quer assistir ao desfile. Agora, não me empate o povo de acompanhar o Clube, não empate, porque se a orquestra toca e o povo está parado é uma parada militar, não é um desfile carnavalesco...porque a beleza do Carnaval é aquela multidão também participando, não é? E abre a passarela sem arquibancada; a passarela mas com o povo também passando, com o povo. Acho que se devia fazer um estudo sobre isso para saber o que há de melhor, porque o carnavalesco que fez o clube quer desfilar para o povo ver...se deve estudar como se levar o melhor para esse povo.... O estudo evita falhas...Eu estava com uma fantasia

5 Não deixa de ser interessante considerar essas duas festas, cada uma levando ao extremo suas qualidades apolínea-no caso o Rio de Janeiro-ou dionisíaca-Olinda. Caso fosse possível juntar as duas, isso sugeriria uma visão e uma experiência de plenitude do que é o Carnaval. Os dois lados dessa festa - do Rio e de Olinda - como os dois lados de uma moeda, representam assim duas possibilidades.



multo bonita e eu queria que o povo visse, não fazia nem questão que fosse pouca gente acompanhando o Clube, mas que o povo visse o trabalho nosso." (dirigente da Agremiação "Vassourinhas")

"O frevo, o carnavalesco participa e, na alegoria, não. É uma coisa monótona, é um desfile, vai passando o negócio. Ninguém dança, ninguém brinca, ninguém dança o frevo. É somente uma apresentação, não é carnaval." (dirigente da Agremiação "Homem da Mela Noite")(6)

O terceiro aspecto relacionado ao tema da participação é que o Carnaval de Olinda é popular, todas as classes se fazem presentes, principalmente a população mais pobre de Olinda.

Ao lado dessa idéia que "todos" participam, está presente o fato do direito à participação e da possibilidade concreta que permite o engajamento na brincadeira. Não são apenas pressupostos teóricos ou

---

6 Outros depoimentos também caracterizam a oposição entre passarela e alegorias e o carnaval de Olinda: "O Carnaval de Olinda é um Carnaval de orquestra, um Carnaval do povo, um Carnaval do passo, um Carnaval da folia, todos brincam, se divertem, se distraem..." (dirigente da Agremiação "Pitombeira dos Quatro Cantos"); "A brincadeira é o frevo" (dirigente da Agremiação "Homem da Mela Noite"); "Carnaval vocês têm que dar espaço para essa orquestra tocar para vocês dançarem..." (dirigente da Agremiação "Vassourinhas"); "E tem outra coisa, você vê os clubes daqui com orquestra no chão, o que é o mais importante... é por isso que o Carnaval tem que ser participação... Não é um Carnaval de trio Elétrico, tocando umas músicas que ninguém sabe o que é. Você vem para Pernambuco e vê um frevo rasgado. Isso que é o Carnaval." (dirigente da Agremiação "O Menino da Tarde")

princípios democráticos que orientam a idéia de participação; no Carnaval de Olinda se exerce a participação porque de fato as condições foram criadas. E essas condições também permanecem porque existe a vontade; vontade de animar, vontade de brincar, vontade de produzir o carnaval. Nesse sentido, todos se encontram no mesmo nível nessa vontade de participar. É por isso que ao lado da preocupação com o crescimento vertiginoso desse Carnaval, comprometendo o "desfile" das agremiações nas ruas, entre a multidão, encontra-se, na maioria dos dirigentes entrevistados, a compreensão e a justificativa da necessidade dessa explosão pelo desejo da participação, inclusive dos turistas.

O problema é que a multidão - o crescimento vertiginoso do carnaval - tem impedido o desfile pelas ruas e, com isso, as fantasias têm pouco a pouco desaparecido apesar dos figurinistas dos clubes ainda teimarem em se fantasiar. Outro problema decorrente do crescimento do carnaval tem sido, de um lado, o número reduzido de orquestras para a quantidade de agremiações e, por outro lado, a impossibilidade dos músicos tocarem no meio da multidão por falta de espaço.

Os carnavalescos são categóricos ao afirmar que não pretendem abrir mão das características básicas desse carnaval participativo onde todos brincam o frevo, no meio da orquestra, nas estreitas ruas dessa cidade erigida em

patrimônio histórico da humanidade, mas reconhecem que está se tornando cada dia mais difícil ouvir a orquestra e dançar para quem se encontra no final do cortejo ou quando os músicos param de tocar com medo de serem machucados pela multidão que os comprime.

Essa dimensão coletiva do Carnaval de Olinda é impressionante. Cidade e população estão inteiramente integradas em torno da brincadeira. É essa dimensão que fascina e proporciona todo o ritual mágico que envolve também na brincadeira os que vêm de fora. Essa grande mobilização popular, que dura quase uma semana concentrada, funciona como um sonho que não acabou. Um sonho de uma sociedade aberta, democrática, criativa e humana.

"Brinca pobre, brinca rico, aleijado, brinca todo mundo. Está brincando, é uma coisa só. Aí se torna bom o Carnaval de Olinda." (dirigente da Agremiação "O Menino da Tarde")

"Na hora da folia se mistura tudo; se mistura o trabalho, o prazer e a participação integral de toda a comunidade dentro do Carnaval." (dirigente da Agremiação "Cheguei Agora")

"Brinca o preto, o branco, o rico, o pobre, o cara classe média, todos brincam o Carnaval...pela evolução do tempo o Carnaval foi se arregimentando, o Carnaval foi ficando melhor, o Carnaval foi se engrandecendo. E Olinda teve a primazia de ter um Carnaval

excepcional, um Carnaval que arregimentou todos os carnavalescos." (dirigente da Agremiação "Pitombeira dos Quatros Cantos") (7)

## II

Outra categoria presente na definição do carnaval é a tradição. A questão da tradição manifesta-se quando se recorre à análise comparativa entre o passado e o presente do Carnaval de Olinda ou quando se compara este Carnaval com o do Rio de Janeiro, da Bahia ou de Recife.

Apesar de quase todos os entrevistados defenderem a tradição familiar, a produção artesanal, a preservação das agremiações, do frevo, da orquestra no chão como características fundamentais que devem ser mantidas, elas fazem parte de um contexto mais amplo que a simples defesa

7 Outros depoimentos: "Hoje, atualmente, em Olinda é um Carnaval do povo... é o povo que brinca o Carnaval. É um carnaval participação. É um carnaval que dá para todos se divertirem..." "Você tem o direito de brincar aqui. Aqui você tem a liberdade de brincar. Por que? Porque se você compra e bota essa roupa, você passa dois dias com essa roupa...você pode sair de pé no chão, descalço, sem blusa...Ninguém está ligando essas coisas" (figurinista da Agremiação "Pitombeira dos Quatro Cantos"); "O que eu mais gosto dentro do Carnaval de Olinda é quando estou participando dele, quando estou na frente de minha troca..." (dirigente da Agremiação "Cheguei Agora"); "Mas acho que tudo é válido (o crescimento do carnaval), o cara quer brincar, a pessoa quer brincar mesmo e para mim eu estou gostando, acho que o carnaval cresceu mais ainda." (dirigente da Agremiação "Ceroula"); "Eu acho que a multidão embeleza...o povo que vem não faz mal, vem para brincar... Já não está gostando de ficar dentro de um clube, todo vestido, todo ali, todo pronto. Aqui brincam o Carnaval a vontade. Botam uma bermuda, botam uma camisa, se não quer camisa botam um colar e brincam o carnaval à vontade. O povo está se afastando dos clubes." (dirigente da Agremiação "Olinda Quero Cantar").

de um tradicionalismo. A maioria dos dirigentes das agremiações carnavalescas acham melhor o Carnaval olindense atual. E por que? O grande desafio é justamente garantir a continuidade daquelas características incorporando a transformação desse carnaval em direção a uma grande manifestação de massa.

Isto é, ao mesmo tempo que eles defendem a estrutura familiar desse carnaval - a esperança de que seus filhos dêem continuidade à brincadeira, a necessidade de manter as grandes agremiações com seus antigos carnavalescos - eles enaltecem o crescimento do carnaval apontando como pontos positivos: o rompimento com o caráter regionalista, fechado, passando o carnaval a ser conhecido nacional e internacionalmente; a ampliação da dimensão participativa com a introdução maciça de turistas, brasileiros e estrangeiros; a multiplicação do número de agremiações carnavalescas, estendendo a gestão e controle dessas brincadeiras para outros grupos de pessoas além dos olindenses; a expansão do carnaval geograficamente, atingindo, agora, toda a cidade-alta e parte da baixa.

Como o investimento no carnaval não é pensado em termos de retorno econômico, ele visa gratificar muito mais a nível simbólico, onde tem peso fundamental as relações de amizade e de parentesco. Desse poder de organizar o carnaval e de ser recompensado, simplesmente pela aprovação, reconhecimento e gratidão da comunidade,

-----

eles não querem abrir mão. E, como não existe a concorrência institucionalizada, a passarela e o julgamento, quem assegura o sucesso da agremiação é o povo da cidade, que conhece mais do que ninguém a história de cada uma dessas agremiações, tornando-se adepto dessa ou daquela. A partir dessa referência básica é que, como consequência, entram na brincadeira os que vêm de fora, os turistas. As regras já estão dadas, os protagonistas definidos, a animação já em cena. A festa acontece com ou sem reforço externo.

"... o gostoso do carnaval é isso, onde você anda você encontra gente, pode-se dizer de casa mesmo, porque moram na cidade. Isso é que é gostoso e não perde a característica do carnaval de Olinda. Se tirar daqui de cima perde.

Você passa nessa rua, os clubes passam, o pessoal na rua ainda joga confete, serpentina e aplaudem. E para na casa de fulano porque fulano é presidente, porque fulano coopera, dá uma ajuda melhor; existe tudo isso aí. É importante esse carnaval..."  
(dirigente da Agremiação "Ceroula") (8)

-----

8 Outros depoimentos: Não existem condições de se modificar o carnaval daqui...eu acho que já vem de origem, são fontes mesmo internas das famílias tradicionais de Olinda que trouxeram essa herança e não vão deixar terminar... Então vão surgindo os filhos, netos, bisnetos, que vão crescendo e vão tomando conhecimento de raízes de famílias e vão tomando aquele amor pelo carnaval." (figurinista da Agremiação "Pitombeira dos Quatro Cantos"); "A modificação do tempo deve mudar o carnaval mas não disvirtuando a coisa." (dirigente da Agremiação "Vassourinhas"); "estou botando meu filho nesse caminho, então daqui a mais tempo meu filho vai fazer isso que eu estou fazendo, entendem? Então isso já vem de raízes. Então todo mundo se preocupa de ter e de participar de uma troça...Graças a Deus meus dois filhos são foliões mesmos." (dirigente da Agremiação "Ceroula").

Ao contrário da importância dada pelos representantes do poder público ao seu próprio papel na concepção e manutenção desse carnaval participação, para os dirigentes das agremiações eles não merecem sequer ser citados. Há um jogo de poder que se passa, de um lado, principalmente, entre os antigos dirigentes das agremiações e as famílias tradicionais de Olinda e, de outro lado, entre os novos dirigentes, olindenses e não olindenses, das pequenas agremiações, e os turistas.

Como já foi mencionado, a maioria dos dirigentes entrevistados, das grandes e pequenas agremiações, aprova o crescimento do carnaval. No entanto, não deixa de ser uma questão polêmica, envolvendo todos aqueles que direta ou indiretamente são atingidos pelo carnaval. Apesar da manutenção das características tradicionais do Carnaval de Olinda, a mudança foi muito grande, principalmente em termos de densidade populacional, pondo em risco, inclusive, a manutenção mesma de algumas das características tão caras para muitos, como o desfile das agremiações pelas estreitas ruas, a orquestra no chão, a execução do frevo.

"Era animado antigamente. Agora está animado também porque tem muita gente, todo mundo brinca, tem muita chance. Agora, antigamente também era animado; era pouca gente, só de Olinda mesmo....

Com o nome de Patrimônio da Humanidade, todo mundo conhece Olinda agora... Ah, esse é o lugar do bom carnaval, Olinda, esse que é o lugar

para brincar o carnaval....

O carnaval de hoje é Olinda toda. Antigamente era os Quatro Cantos (encruzilhada) e rua do Amparo. Os clubes que saíam tinham que passar na rua do Amparo e duas, três vezes nos Quatro Cantos. Ali era a Federação. A iluminação era rua do Amparo e Quatro Cantos. Agora é em Olinda toda. Toda Olinda é iluminada. Agora toda Olinda é chela, é muita gente desfilando...Vejo uns 4 ou 5 filhos de Olinda e o resto é tudo cara diferente dentro do carnaval de Olinda....

A tradição não calu com o Homem da Mela Noite, Lenhadores, Vassouras e Cariri. Muitos clubes daqui deixaram de sair. Esses quatro foram os que sustentaram o carnaval de Olinda." (dirigente da Agremiação "Cara Melada")

A infra-estrutura é precária e o espaço tornou-se pequeno para a multidão que enche a cidade-alta e parte da baixa, no período do carnaval; congestiona as ruas, congestiona as praças, congestiona a passagem das agremiações, congestiona a passagem dos músicos, o espaço da dança, congestiona a rede de esgotos. E, ainda, o que também é muito preocupante, depreda um patrimônio que é tombado e deveria estar sujeito a regras rígidas de conservação.

Enquanto a maioria dos dirigentes justifica o Carnaval atual, eles não deixam de lado o temor da perda de controle total da brincadeira, o que é visto como perda das características que tornam esse carnaval tão sedutor e apaixonante.



Eles apelam para o descontentamento das famílias olindenses como se eles não fizessem, a maioria, parte dessas famílias. Esses carnavalescos tentam na realidade, mais do que defender, compreender, incorporar e justificar o carnaval atual. Eles se sentem, por um lado, gratificados, de seu carnaval estar fazendo tanto sucesso mas eles também sentem que esse sentimento pode durar pouco se eles não conseguirem manter o carnaval, certos que não teriam condições cultural, geográfica e, principalmente, econômica, de imitar o carnaval balano ou carloca. É o que eles mais criticam do carnaval atual recifense, concluindo pela morte desse carnaval.

"O carnaval atual melhorou um pouco, mas eu acho que o carnaval já era como antigamente, um carnaval participação. Mas hoje esse carnaval se arregimentou, se evoluiu. O conjunto carnavalesco do carnaval de Olinda se evoluiu com o carnaval participação, ficando cada vez com a participação dos turistas...Hoje estão dizendo que em Olinda é um melhor carnaval do que em Recife....

Faço questão que o carnaval de Olinda cada vez mais se expanda porque hoje o carnaval de Olinda é conhecido não só em Pernambuco, como no Brasil e no exterior. Nós recebemos, por exemplo, ofertas de Luxemburgo. Veio uma comissão de pessoas de Luxemburgo e nós fizemos uma apresentação. Pitombeira é conhecida não só no Brasil como no exterior....

Cada vez mais melhora o carnaval de Olinda...Quantos mais blocos, mais troças, mais clubes o carnaval cresce em Olinda. É por isso que dizem que o carnaval de Olinda está superando o de Recife. Em Olinda o número de troças é uma coisa fora de série, não para, já no Recife, tem ocasiões que parece um cimiterio. Em Olinda é constante a

presença dos clubes." (dirigente da  
Agremiação "Pitombeira dos Quatro  
Cantos")

Quer dizer, seria muito bom esse crescimento do  
carnaval se não pusesse em risco a beleza da cidade e do  
seu carnaval participação.

A maioria dos que, explicitamente, são críticos a esse  
carnaval atual, aponta para a emoção maior do carnaval  
passado, para o respeito maior que existia entre as  
pessoas, a ausência de violência em termos de assaltos, a  
quantidade maior de pessoas fantasiadas; enfim toda uma  
mitificação do passado.

"Existe famílias tradicionais de  
Olinda que não estão gostando mais do  
carnaval de Olinda...que não é mais  
aquele carnaval que era dos olindenses.  
Mas tudo isso a gente tem que ver a  
evolução do tempo. Quer dizer, o  
município cresceu, recebeu esse nome do  
Patrimônio Histórico. Aí, todo mundo  
quer conhecer, quer participar..."  
(dirigente da Agremiação "Geroula")

"O povo acha melhor antigamente  
porque não tinha multidão mas eu acho  
que multidão embeleza... o povo que vem  
não faz mal, vêm para brincar. Já não  
estão gostando de ficar dentro de um  
clube, todo vestido, todo ali, todo  
pronto. E aqui brincam à vontade."  
(dirigente da Agremiação "Olinda Quero  
Cantar")

## III

O tema da brincadeira é bastante utilizado em Pernambuco na definição de folguedos populares- ciranda, bumba-meu-boi, maracatu, caboclinhos, mamulengo, etc. Esses folguedos são brincadeiras e aqueles que as organizam são brincantes. O ato de organizar nunca se restringiu a uma função puramente administrativa, pois pressupõe o engajamento em todo o processo de produção - arranjar recursos, preparar a coreografia, a música, a dança, os figurinos, etc - e a participação na apresentação do produto final ao público.

Nesse sentido, o carnaval é tomado como uma brincadeira, na medida em que não existe nenhum momento de passividade ou de ruptura entre o processo de preparação e de execução do carnaval. O prazer da preparação está ligado à direção e atuação na brincadeira - a agremiação carnavalesca.

No carnaval de Olinda estão presentes vários folguedos - maracatu, caboclinho - ou alguns de seus elementos, que fazem parte do outro ciclo festivo. É o caso do Bumba-meu-boi, que é uma brincadeira natalina, mas no carnaval encontram-se as figuras do cavalo-marinho, do morto-carregando-o-vivo, da ema e do boi. Essas figuras isoladas e muitas outras, somando-se, ainda, à quantidade cada vez maior de grandes bonecos, apontam para uma característica

desse carnaval onde a dimensão da individualização é tão forte quanto a grupal, convergindo ambas para o aprofundamento do caráter coletivo da festa.

"O carnaval de Pernambuco tem Escola de Samba, frevo, maracatu, bloco, Bumba-meu-boi, Caboclinho, todo tipo de brincadeira tem em Pernambuco...

"Você tem o direito de brincar aqui. Aqui você tem a liberdade de brincar." (dirigente da Agremiação "O Menino da Tarde")

"A minha satisfação é ver o povo ficar vendo os bonecos brincarem e dizer: Gostei! gostei! Pronto!" (dirigente da Agremiação "A Nordestina")

Outro aspecto é que, tanto nos folguedos como no carnaval de Olinda a presença da criança é muito marcante e a brincadeira, que sempre foi associada ao divertimento infantil, tem de certa maneira o mesmo sentido lúdico, estendendo-se ao adulto. É divertimento, é jogo sensual, é entretenimento, é folia, é festa, é assim que se expressa o carnaval de Olinda para os seus protagonistas. É interessante constatar o crescimento das agremiações infantis - "Eu acho é pouquinho", "Ceroulinha" - diminutivo de agremiações onde predomina o adulto. Essas agremiações das crianças contam com a ajuda dos pais mas são as crianças as responsáveis por colocar a brincadeira na rua, e são elas que dominam numericamente. É muito comum, também, a utilização de crianças na coreografia do desfile de muitas das agremiações dos adultos, sem contar a

sua participação no meio da multidão, seguindo esta ou aquela agremiação, principalmente aquelas que trazem um grande boneco como figura central da brincadeira: O Menino da Tarde, Barba Papa, a Mulher do Dia, Carlitos, a Nordestina, etc.

"O boneco realmente dá mais participação" (dirigente da Agremiação "Geroula")

Outro aspecto ligado a essa dimensão lúdica, infantil, familiar é o fato do carnaval de Olinda concentrar o ápice de sua animação à tarde. Desde às 9 horas da manhã as agremiações já começam a sair para a rua; no final da manhã já vai se tornando difícil participar de algumas agremiações devido à multidão que as acompanha. A noite fica reservada para uma ou outra agremiação e, sobretudo, para os focos de animação espalhados em alguns pontos da cidade baixa. É a hora da curtição da ressaca, da concentração nos bares e nesses pontos fixos de dança. É o carnaval mais do povão e dos turistas que ainda resistem e só vão parar na quarta-feira de cinzas. De modo geral, os carnavalescos e muitas famílias olindenses recolhem-se à noite para participarem mais efetivamente do carnaval da manhã e tarde. Os turistas, grosso modo, chegam para brincar a partir das 17 horas. É quando não sobra mais espaço vazio em toda a cidade alta, é o auge da loucura.

"Eu acho que é o maior evento que existe em termos de brincadeira. No

carnaval você brinca 10 dias . Não tem festa nenhuma que você brinque esse tempo todo." (dirigente da Agremiação "Geroula")

"É um carnaval participação. Aqui se brinca com dinheiro ou sem dinheiro." (dirigente da Agremiação "Pitombeira dos Quatro Cantos")

#### IV

A categoria trabalho aparece com frequência na representação do Carnaval, mas totalmente desvinculada de uma retribuição salarial. O investimento de trabalho na preparação do carnaval não é pensado em termos de um retorno econômico. Para os dirigentes das agremiações, cabe-lhes colocar o carnaval na rua. O que os orienta não é a busca do ganho econômico, nem o poder, nem tampouco uma racionalidade que defina o modelo desse carnaval, organizando-o e garantindo sua continuidade por tantos anos e seu crescente sucesso. Eles não dependem fundamentalmente de nenhum poder externo para colocar o carnaval na rua.

O que os orienta é uma grande paixão pelo carnaval e uma capacidade de mobilização enorme para arranjar dinheiro, de modo geral, dos simpatizantes, dos clubes (amigos e foliões), da Antártica, da Brahma e da Pitu (essas empresas ajudam algumas agremiações), da venda de camisas

com o nome da agremiação e das festas promovidas na sede da agremiação ou no Clube Cheiro do Povo (9), subordinado à Prefeitura. Pela característica mesma do carnaval olindense (que se espalha por toda a cidade), as empresas não têm mostrado muito interesse em investir, apontando como uma das dificuldades a ausência de um ponto fixo onde possa concentrar a publicidade. Além disso, o próprio poder público ainda não traçou uma estratégia clara e consistente a esse respeito.. Portanto, não tem sido fácil entrar dinheiro para esse carnaval.

Para os dirigentes das agremiações é um poder a nível simbólico que mais os atrai, é a possibilidade de ampliar seu universo de relações sociais, é o reconhecimento de sua capacidade criativa, de sua capacidade de direção e organização de uma grande produção- o carnaval.

O lucro é a influência:

"Eu não vou te negar que o carnaval me deu muita força até para eu vencer na vida, que foi em dia de carnaval que eu conheci as pessoas que eu conheço hoje." (dirigente da Agremiação "Vassourinhas")

ou o prestígio:

"...me entusiasma mais quando estou desfilando com o clube, que vejo o público aplaudir a gente. Aquilo é o pagamento que eles estão dando por aquele ano de sofrimento que a gente teve de luta. A melhor coisa do mundo é

---

9 Antigo Clube Atlântico Olindense, atualmente transformado em Centro de Arte Popular e apelidado Cheiro do Povo.

você lutar e na hora você receber com aplausos tudo aquilo que você fez." (dirigente da Agremiação "Cheguei Agora")

Esses dirigentes vivem para o carnaval, mas não podem viver do carnaval. São poucos os que são "profissionais", como eles próprios denominam os que ganham dinheiro, basicamente, os músicos, alguns bonequeiros (que fazem os grandes bonecos por encomenda, para brincadeira do outro e não sua) e algumas costureiras (quando não é para a sua agremiação). Para a maioria, portanto, dos carnavalescos esse trabalho, apesar de ser uma opção sua, aparece como uma dádiva, como um legado.

"As pessoas que participam das procissões, que participam do ciclo junino, que participam de festas de ano novo, de natal, são as mesmas famílias, as mesmas pessoas que organizam o carnaval. Então você não tem tempo de cuidar do carnaval o ano inteiro. No Rio de Janeiro se cuida porque não existe nada disso. Lá no Rio de Janeiro é samba o ano todo e se trabalha exclusivamente para isso. E se tem ordenado fixo para isso e aqui não. Aqui são pessoas abnegadas que trabalham gratuitamente."

"Trabalhei 27 anos para que Pitombeira (grande agremiação carnavalesca criada em 1947) chegasse ao auge em que hoje está." (dirigente da Agremiação "Pitombeira dos Quatro Cantos")

"Eu fazia, eu participava porque era um clube que eu pertencia (Homem da Mela-Noite, criado em 1932) e que o destino dele era aquele, fazer aquela apresentação. Então eu tinha que trabalhar para aquilo." (ex-dirigente da Agremiação "Homem da Mela Noite")



"Desde que meu pai morreu que vivo nessa luta do Cariri (agremiação criada em 1921). Sempre fui Cariri. Desde 1955 é uma cruz que eu carrego, desde que meu pai morreu fiquei com essa cruz nas costas. Já estou cansado; cansado porque é o seguinte: esse clube não tem sede própria." (dirigente da Agremiação "Cariri")

Esses carnavalescos colocam como uma fatalidade a dificuldade financeira que eles enfrentam ano após ano e, apesar do crescimento do carnaval ou talvez por isso mesmo, juntando a crise atual que atravessa o país, a situação para eles piorou ainda mais. É o preço do carnaval participação que não cobra ingresso para ninguém, que não apresenta um espetáculo para assistir, que não tem um lugar de destaque a ser negociado com empresas em troca de apoio financeiro. Além da pobreza do município, além da pobreza da maioria desses carnavalescos.

Com a introdução de muitas outras agremiações e a introdução de componentes da classe média com poder aquisitivo acima de muitos dos tradicionais carnavalescos, o preço dos músicos teve um aumento, para muitos, insustentável. Daí resultar a carência de orquestras para atender a tantas agremiações e a ausência delas nas pequenas, que não podem arcar com o preço cobrado.

Em consequência, o som dessas orquestras na rua acaba fazendo falta, pois a distância entre uma e outra é enorme

e, com isso, a dança tem diminuído. Outro problema de que os carnavalescos se queixam, devido à abertura do carnaval para os turistas, para a televisão, para a mídia, é uma pressão em favor do luxo.

"O carnaval toda a vida foi bom. Para os foliões e para as agremiações já era bom. Mas hoje em dia não está bom não, para os clubes não está bom porque nós gastamos uma fortuna com o carnaval. O carnaval é luxo. Carnaval não é feito o da Pitombreira que está botando agora estopa e palha para sair à rua. Eles dizem: é criatividade! Está muito bem porque criatividade é certo mas só que estopa não vai ganhar o carnaval, disse o figurinista da Belja-Flor Joãozinho Trinta. Ele deu entrevista e disse que carnaval é luxo, não é pobreza. O pobre passa o ano todinho sem comer, mas no carnaval ele quer sair bonito, ele quer vestir uma fantasia bonita. E eu acho certo isso. É uma festa extra. É uma vez por ano. São três dias. O povo gosta." (dirigente da Agremiação "O Menino da Tarde")

A impossibilidade de seguir o modelo do carnaval carioca é não apenas econômica mas cultural e geográfica. A cidade, seu poder local e a sua população não têm estrutura para bancar esse outro carnaval. Seria transformar a grandiosidade do atual carnaval de Olinda em uma má imitação da grandiosidade do carnaval carioca. Mais difícil ainda seria englobar esses dois carnavais num só, em Olinda.

"Artesanato não é carnaval. Carnaval é luxo, é riqueza. Você não vê as escolas de samba do Rio e as de

Pernambuco mesmo?" (dirigente da  
Agremiação "O Menino da Tarde")

"Antigamente se você quisesse  
botar um clube na rua, você ia para a  
rua, ia pedir, o povo dava. Quem botava  
o clube na rua era o povo. O povo  
colaborava, dava dinheiro, ajudava.  
Você não precisava botar fantasia  
riquíssima....

Hoje em dia, se você não tiver  
dinheiro você não bota um clube na rua.  
Há 10 anos, 15 anos atrás, você botava  
um clube na rua com a maior facilidade,  
sem se aperriar porque não existia o  
luxo." (dirigente da Agremiação  
"Cheguei Agora")

## CAPÍTULO II

## O DISCURSO DO PODER PÚBLICO

Participação popular, liberdade e produção artesanal são as grandes categorias predominantes na conceituação do que seja o carnaval de Olinda entre os agentes do poder público. Como pano de fundo dessas categorias está sempre presente a idéia de intervenção. Carnaval é participação mas a participação tem que ser incentivada e tem que ser ilimitada; Carnaval é liberdade mas é preciso o poder público para garantir a liberdade; Carnaval é produção artesanal mas a infra-estrutura tem que ser dada pelo Estado.

I

A categoria da participação é mais evidenciada nas entrevistas realizadas com os doze agentes do poder público quando é abordado o tema da contraposição entre o carnaval participativo e o carnaval espetáculo, com passarela, arquibancada e palanque. É este último carnaval que é tomado como referência para mostrar como não deve ser o carnaval de Olinda.

A representação do oposto do carnaval olindense, disciplinado pelo poder público, é muito mais clara do que a representação do que é esse carnaval. Trata-se de uma

visão meio mítica, o símbolo do não carnaval, construída por meio da utilização de uma tipologia toda espacial. A passarela coloca um de fora e outro de dentro, a arquibancada coloca um que assiste e outro que brinca, e o palanque, um que julga e o outro que se exhibe. É sempre um que vê e o outro que brinca.

Esse carnaval é simbolizado pela intervenção do poder que o transforma em artificialismo através de seu controle e disciplina. É a hierarquização que orienta a concepção desse carnaval espetáculo; a passarela segrega, a arquibancada separa quem assiste de quem participa, e o palanque divide quem está em cima e quem está embaixo, quem julga e quem brinca. Esses três elementos constitutivos desse não carnaval - palanque, passarela e arquibancada - definem a posição da autoridade, do folião e do povo como três coisas separadas. É a visão do carnaval de Olinda é que não existe essa separação, é uma coisa só, todo mundo brinca, todo mundo participa porque não tem passarela que segrega, que estabelece quem brinca e quem não brinca, a arquibancada que separa o povo que assiste do folião, e o palanque, que é da autoridade que julga o folião que brinca.

"...o primeiro lema da gente era Olinda Carnaval do Povo; a gente tirou aquele aspecto oficial. Esse primeiro carnaval que eu assumi já não houve palanque. Então, o palanque era o símbolo do encontro das autoridades, de uma maneira não carnavalesca com o povo. Até discurso havia... A gente eliminou o palanque logo no primeiro

carnaval. Havia uma passarela; a passarela transformava o carnaval, do ponto de vista de espaço preferencial, que mutilava toda a natureza do carnaval, porque os clubes, as agremiações carnavalescas iam desfilar diante das autoridades nessa passarela e, dessa forma, eles não brincavam o carnaval na rua, na cidade. Eles vinham até a passarela, até próximo, se organizavam, passavam na passarela, tomavam o ônibus e iam se apresentar, para conseguir alguns recursos financeiros, em outros municípios, no Recife particularmente, e em outros municípios da região metropolitana. Então, a passarela transformava o carnaval num espetáculo para se ver e não numa brincadeira popular para se brincar...algo em que se tinha que participar; então se começou a ser chamado, a partir desse carnaval, como carnaval participação... Agora, ao mesmo tempo, se eliminou a arquibancada, quer dizer, o carnaval como uma festa em que você pagava para ver, quer dizer, não tinha nenhuma razão de ser a arquibancada... deixar, então, o carnaval no seu habitat normal, que são as ruas da cidade...ora, o carnaval como festa espontânea do povo..."

Esse depoimento foi do ex-prefeito de Olinda, Germano Coelho. Ele dá conta, de modo geral, do pensamento de todos os representantes do poder público que foram entrevistados. O marco histórico da transformação do carnaval olindense em carnaval participativo é atribuído à gestão desse prefeito, em 1977, atrelado a vitória do PMDB (então MDB), constituindo-se, até hoje, em bandeira desse partido.

Esse momento histórico é concebido como um mito de origem, em que a direção e controle dessa festa, passam do poder público para o poder popular. As agremiações "ficam

livres" para decidirem o que fazer e como fazer. Eliminando-se a orientação da concepção do carnaval espetáculo, deixa de existir o lugar preferencial e fragmenta-se a aparente unidade que se imprimia a festa: a cidade como um todo passa a representar o locus. Não será mais possível um grupo deter o privilégio de decidir e orientar, nem de assistir e julgar. A passarela é substituída pelas ruas ladeirosas e estreitas da cidade-alta de Olinda, a arquibancada é substituída pelas calçadas e pelas janelas das casas que ficam abarrotadas de crianças, jovens e velhos.

Para alguns membros do poder público, não há separação entre a casa e a rua, não há oposição; como diria Roberto da Matta (1), em Olinda ocorre um estreito relacionamento entre o mundo doméstico da casa e o mundo público da rua. Os valores de um e do outro se misturam e assim é acentuado no carnaval o lado festivo, boêmio, musical e, também, familiar da cidade. O palanque é substituído pelos torcedores de uma ou de outra agremiação espalhados por toda a cidade, exigindo uma performance permanente das agremiações, na medida em que o lugar do julgamento é descentralizado. O argumento é de que cabe ao povo esse papel, sendo sua a festa. Não somente os representantes das agremiações mas também, e principalmente, a Prefeitura reivindica a autonomia dessa festa, a não tutela, a não fiscalização por parte do poder público.

---

1. Da MATTÁ 1978

Em 1977, com a extinção da passarela, do palanque e da arquibancada, a promoção do carnaval "passou" para as mãos das agremiações e esse momento é, ainda, marcado pela falta de subvenção da Prefeitura para os carnavalescos, pondo à prova a independência do evento da cidade com relação ao poder público. Foi a população da cidade, ligada às agremiações, quem assumiu a festa, sem planejamento, sem organização. Foi ela quem assumiu a limpeza da cidade, a decoração das ruas, o roteiro do desfile. O poder público "delegou" ao poder popular sua capacidade de organizar e animar a festa que sempre foi sua.

Nos depoimentos é clara essa concepção que têm os agentes do poder público do seu papel na tarefa de conscientização do potencial da população. O mais impressionante é que, apesar da defesa maior do carnaval de Olinda estar sustentada na contraposição carnaval participativo/carnaval espetáculo e de que a luta pela manutenção da participação é liderada pela Prefeitura, o fantasma do carnaval espetáculo não parece mais do que uma fantasia: ninguém sabe explicar muito bem a duração desse momento ou a data em que havia passarela, palanque e arquibancada.

As informações variam com indicações de que tais medidas (passarela, palanque e arquibancada) duraram de 1 a 3 anos ou que não chegaram mesmo a se concretizar, funcionando apenas como uma ameaça. Alguém mencionou que havia um palanque na parte baixa da cidade, e lá ficavam as



autoridades, os chefes militares, tomando uísque e vendo o povo passar, mas não havia concurso, não havia a premiação, funcionando como um espaço onde as agremiações tinham obrigatoriamente que passar sem eliminar contudo a brincadeira no resto da cidade.

O que importa, portanto, não é o que era antes o carnaval de Olinda, não era sua realidade que se tentava transformar, mas sim marcar a chegada de uma nova política, de um novo partido em Olinda. O carnaval foi um excelente instrumento para demarcar a nova estratégia política desse poder recém vitorioso em Olinda. Uma estratégia que já tinha como meta o povo, o popular, a popularidade. Essa nova Prefeitura de Olinda criticava o carnaval espetáculo, mais como um símbolo de um jogo de poder hierarquizado, seletivo, fechado, do que propriamente a realidade do carnaval de Olinda. Está claro que esse carnaval espetáculo, tão criticado pelo poder público, desde 1977, nunca teve expressão em Olinda, mas serviu como um bom pretexto para crítica de outras formas de governar o povo (um dos alvos sem dúvida era o governo conservador, da Arena, vitorioso em Recife) e como um modo positivo de propor uma alternativa de vida- participativa- para aquela população ávida por liberdade.

O carnaval, mais do que um evento, significa uma visão de mundo, a reivindicação de uma vida mais democrática, mais participativa, mais descontraída, mais prazerosa,

mais criativa. São essas noções que estão presentes em quase todos os discursos do poder público, dos carnavalescos e dos artistas. A análise é claramente política e abrangente, tornando a cidade como um todo cada vez mais envolvida com aquelas questões antes restritas ao mundo carnavalesco. Quando o poder público transformou o carnaval de Olinda num veículo da estratégia de governo popular que pretendia implantar sabia que ali se encontravam forças organizadas da população e que a resposta viria de imediato, como veio.

" A questão era na verdade deixar o povo fazer o carnaval, sem nada. Acabar a passarela, acabar a premiação, acabar qualquer coisa e deixar o povo brincar. Chamar o povo e dizer isso e deixar ele brincar. E foi isso e foi um bom carnaval, o começo do bom carnaval que se tem nessa cidade... o povo participou mais diretamente... "(assessor da Gerência de Turismo da Prefeitura de Olinda)

O poder público, apesar de marcar sempre essa posição de "não interferência", nunca deixou de estar presente na organização do carnaval. Como ele se coloca como o patrocinador, o defensor do carnaval participativo ele se define como um protagonista fundamental dessa festa e, ao mesmo tempo, tenta negar esse papel. Em certo sentido sua política teve realmente como efeito a transformação da estrutura familiar predominante desse carnaval em um grande evento de massa. Foi essa a grande mudança ocorrida, tendo repercussão na vida das pessoas e da cidade.

Como foi isso? Na medida em que a Prefeitura denunciou, através do carnaval espetáculo, uma forma de organização hierarquizada e disciplinada pelo poder, na medida em que se propunha a resgatar a forma básica de organização popular do carnaval, na medida em que politizou ao máximo o discurso carnavalesco, evocando a gestão e participação do povo no "governo" do carnaval, na medida em que a mídia colocou Olinda como um oásis na vivência dessa experiência "inovadora e democrática"; tudo isso ajudou a abrir as fronteiras da cidade e a dobrar o número de participantes no período propriamente carnavalesco.

Com a divulgação do carnaval-participação o fluxo inicial foi, principalmente, composto pela população de Recife, estendendo-se em seguida para a região próxima, para o "Sul" e para o exterior.

Agigantando-se, o carnaval de Olinda passou a ser um elemento de agressão ao patrimônio histórico e também à população local. A Prefeitura não tem condições de assumir os encargos que traz a população flutuante na cidade, sendo impossível evitar os danos causados a seus monumentos, além da precária estrutura de acomodação e de infra-estrutura básica e saneamento.

Se, por um lado, o poder público se mostra, em geral,

preocupado com esse fato, por outro se regozija por se considerar o responsável por tal transformação e ela, sem dúvida, responder positivamente a uma estratégia bem formulada e eficazmente conduzida.

Olinda passou a ser um importante pólo de atração turística. O problema é que a população não tem sentido que os benefícios tenham compensado os transtornos que têm sido gerados por essa duplicação de pessoas durante o carnaval. No decorrer do ano o movimento não é igual, mas é o suficiente para também transformar a vida, antes pacata, que caracterizava a cidade. Como pôr limites a esse excesso de gente que foi em busca do carnaval-participação?

Para os agentes do poder público local haverá um declínio do carnaval olindense, não na sua qualificação mas no número de pessoas, na medida em que cresça o carnaval reficense. E isso ocorrerá enquanto o poder dessa Prefeitura estiver nas mãos da oposição, no caso o PMDB, que tem como proposta a mobilização da população e sua participação em todos os eventos, inclusive, no carnaval.

É frequentemente mencionado o carnaval de Recife como uma referência fundamental para se entender a importância do carnaval de Olinda. Na maioria das vezes a morte do carnaval de Recife surge como explicação do apogeu, do grande fluxo para Olinda. Também se menciona, de modo mais

abrangente, a falta de autonomia no decorrer dos vinte anos de ditadura militar que não teria quebrado a resistência do povo recifense, com toda uma estrutura de carnaval-participação popular. Entretanto, num dado momento, interesses políticos e incompreensão administrativa desbarataram esse carnaval tornando-o um carnaval-espetáculo pouco atrativo- se compararmos com o grande modelo de carnaval do Rio de Janeiro. O combate a essa política foi bandeira do MDB na gestão que se iniciou em 77, em Olinda, adotando-se como slogan a "desestatização do carnaval".

## II

A questão da participação está estreitamente ligada à da liberdade. Ambas se confundem na determinação do que seja o carnaval de Olinda, são usadas muitas vezes como sinônimos ou como dependentes, ou seja, a participação como condição para a liberdade. Mas enquanto a participação tem se apresentado como condição da caracterização do carnaval olindense, a liberdade se apresenta como condição para o carnaval em geral. Essa categoria faz parte da imagem corrente, dionisíaca, que define essa festa. O carnaval é, por excelência, o espaço e o momento onde se experimenta intensamente a liberdade.

Mas como é representada a categoria da liberdade no carnaval de Olinda pelo poder público? A liberdade aparece

como espontaneidade, sensibilidade, escape e excesso. Há uma preocupação constante em enquadrar essas noções dentro de alguns limites, redefinindo-as, inclusive, em função da demarcação da especificidade de Olinda em relação a outros carnavais- explicitamente o do Rio de Janeiro e da Bahia.

Do mesmo modo que existe toda uma crítica em relação ao carnaval-espetáculo, contrapondo-o ao carnaval-participação de Olinda, existe também uma crítica ao carnaval como válvula de escape e como excesso, contrapondo-o ao carnaval como espontaneidade e como sensibilidade, emoção, características de Olinda. Existe uma severa crítica ao que é noticiado nos jornais e revistas e explorado pela televisão como sendo os carnavais do Rio de Janeiro e da Bahia. No discurso do poder público de Olinda, a violência, o exibicionismo, o sexo explícito, o luxo, são alguns dos elementos que têm sido ressaltados nessas duas cidades, direcionando seus carnavais como válvula de escape e excesso, considerados pelos atores desse poder como uma negação do carnaval, como um anti-carnaval. É como se na Bahia e no Rio de Janeiro o escape e o excesso afogassem a espontaneidade e a sensibilidade que, em Olinda, ainda aparecem.

A espontaneidade, a sensibilidade, a emoção e a participação são responsáveis pelo crescimento desse carnaval, são os elementos atrativos, segundo a maioria dos depoimentos. E aí, mais uma vez, entrar o papel do poder

público que resgata a partir de 1977 essas características. O poder interviu para garantir a participação e para garantir também a liberdade inerente ao carnaval. O objetivo é passar um carnaval mais alegre, espontâneo, e esse "aceno" tem uma resposta positiva, na medida que vem ao encontro da tradição libertária de resistência da população da cidade de Olinda.

"O carnaval de Olinda é uma coisa que se sente muito mais, que emociona muito e que talvez traga a marca da cidade, de sua maneira de ser..." (dirigente da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, em 1986).

"O carnaval é uma válvula de escape para o pessoal botar para fora as amarguras..." (membro da Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Olinda e dirigente da Agremiação "Olinda Quero Cantar")

"O carnaval de Olinda surpreende o absurdo. Não adianta querer criar regra, não adianta porque não pode." (dirigente da Gerência de Turismo da Prefeitura de Olinda)

A Prefeitura, então, teria catalizado a liberalidade necessária ao carnaval. Por outro lado, a espontaneidade, a emoção, a sensibilidade desse carnaval, popularizando-o, universalizando-o, atraiu a atenção, trouxe muita gente, começando os transtornos, prejudicando o exercício da própria espontaneidade e aí, necessitando, mais uma vez, a atuação do poder público. A situação é paradoxal: quanto

mais se libera mais se artificializa; quanto mais se torna espontâneo mais se dá condições de tornar artificial. É a intervenção do poder público que libera mas, ao liberar, traz transtornos, então tem que se atuar novamente para evitar os transtornos.

O poder cria a espontaneidade que, por sua vez, torna-se artificialismo que, por sua vez, exige nova intervenção desse poder para evitá-lo. O carnaval é livre, espontâneo, mas precisa o poder público atuar para trazer à tona esses aspectos, que parecem escondidos. A produção da espontaneidade cria o seu oposto, que é o artificialismo, e o poder intervém para garantir a volta da espontaneidade. É um ciclo (fêrrio), embora mítico. No princípio era a espontaneidade, ela é sepultada pelo excesso; vem o poder e a salva do pecado e ela retorna e aí começa tudo de novo. A visão do poder público é como se dissesse: o carnaval é espontâneo, livre e do povo, a gente só precisa tirar os obstáculos. Na verdade, a maneira como esse poder se apresenta, a sua intervenção tem que ser constante. Ele produz a liberdade, para depois limitar seus efeitos nefastos e produzi-la novamente...

"Aí eu vou dizer onde é que o poder interfere: nós sentimos, o ano retrazado, que a disputa pelo luxo das fantasias ia chegar a um ponto insuportável. Então eu me queimei, fui aos clubes mostrando: 'olha, assim não é possível, não pode acontecer isso.' Uma fantasia custava não sei quantos milhões. 'Vocês não vão aguentar isso, nem dinheiro algum do governo vai manter isso. Então, tem que partir para a originalidade, tem que retomar a



criatividade pessoal usando material barato, usando mais imaginação. Não pode partir para o luxo." (assessor da Gerência de Turismo da Prefeitura de Olinda)

A não-interferência do poder público no carnaval de Olinda tornou-se condição básica para o seu crescimento, para o seu apogeu. A experiência de liberdade, impossibilitada de ser exercida no país como um todo, foi muito bem explorada em Olinda, tornando essa cidade um feudo de artistas, da vida descontraída e, no carnaval, a exacerbação dessa vivência seduz cada vez mais os de fora. Com o aumento de gente de fora, o tumulto, o exagero, o excesso vai tomando conta da espontaneidade, exigindo a intervenção do poder.

É nisso que constatamos a auto-representação paradoxal do poder público. A não intervenção é condição básica para o brilho dessa festa, mas a exigência de sua atuação se recoloca permanentemente. Ao mesmo tempo em que as medidas tomadas, após 1977, são medidas evidentemente políticas - e acho que esse carnaval nunca foi tão problematizado politicamente como no período em questão - os próprios autores dessa política concebem, como traço fundamental desse novo momento, a retirada da política do carnaval.

É como se essa idéia do político e da política passassem, com esses 20 anos de ditadura militar, a ter sempre uma concepção negativa, ligada à exclusão, à repressão. Mesmo alguns políticos, como se nota em Olinda,

não se assumem como políticos e que estão o tempo todo fazendo política, estabelecendo alianças e traçando estratégias de atuação. E no carnaval o jogo de poder é muito presente. Muitas forças atuam - os dirigentes das agremiações, os artistas, os foliões, os turistas - e o poder público tem, como temos visto, um papel chave na organização desse evento, apesar de negarem ou tentarem colocar-se do lado do contra poder. A grande questão entre os que atuam na esfera pública é mostrar o quanto é limitado o seu poder, a sua interferência no carnaval, apesar da prática mostrar outra coisa.

Uma das preocupações do poder público é não condicionar a ajuda financeira, que todos os anos é dada às agremiações para auxiliar o pagamento das orquestras, a qualquer forma de controle. A decisão tomada - desde 1977 - pela Prefeitura de Olinda foi "instituir a confiança" nas agremiações, dando a subvenção antes do carnaval e em sua totalidade; não parcelando, segundo alguns depoimentos, como é feito até hoje em Recife. Outra preocupação é colocar o mínimo possível de policiamento no carnaval de Olinda, ressaltando-se nessa medida o caráter não violento desse carnaval pela redução do esquema repressivo montado. É toda uma concepção que se baseia na ligação direta entre a não oficialização e o espírito do carnaval.

"O carnaval de Olinda é uma das  
maiores festas do povo brasileiro

porque ela é planejada, organizada e participada pelo povo, sem a interferência do poder público... O poder público, no momento que ele ajuda a agremiação sem interferir, o carnaval tende a crescer; no momento que ele ajuda interferindo, por exemplo, determinando o local para a agremiação desfilar, o horário... isso acaba qualquer agremiação porque ninguém quer tutela oficial. Dentro do carnaval, o pessoal quer a liberdade." (membro da Assessoria de Imprensa da Prefeitura de Olinda e dirigente da Agremiação "Olinda Quero Cantar")

## III

A categoria da produção artesanal no carnaval de Olinda aparece como explicação de uma produção individual, familiar, como um legado do povo, sendo essa produção que imprime o caráter popular à festa. Aparece, também, como uma produção ligada à organização da infra-estrutura e realizada pelo poder público. Essas duas categorias apesar de serem paradoxais, se confundem e são problematizadas pelos mesmos protagonistas.

A discussão em torno da não-intervenção oficial nasceu, como já vimos, na gestão do MDB em Olinda, a partir de 1977. Ela teve como suporte a ausência total de recursos da Prefeitura para o carnaval. A administração anterior deixara os cofres vazios. Assim, houve o apelo do prefeito recém-eleito à população para que ela assumisse, integralmente, a organização do carnaval. Aos artistas coube, principalmente, a decoração das ruas; aos moradores

em geral, incluindo os artistas, coube a decoração das casas, o conserto dos buracos nas ruas, a limpeza das calçadas; e, às agremiações, a animação da festa, sem contar com nenhuma subvenção.

"E esse carnaval mais livre, mais espontâneo, mais participativo, mais comunitário atraiu muita gente..."  
(assessor da Gerência de Turismo da Prefeitura de Olinda)

A precariedade de recursos da prefeitura continua e os problemas de certa forma aumentaram com a quantidade de gente que tem procurado a cidade nessa época. Não há sanitários, hospedagem, infra-estrutura, nem recursos para equipar a cidade para o turismo. Paralelamente à discussão sobre a falta de estrutura administrativa para dar conta da organização do carnaval, a cada ano torna-se um evento com exigências de um tipo de intervenção compatível com uma grande manifestação de massa.

O que existe atualmente é uma dicotomia entre o discurso e a prática efetiva. Um discurso calcado num tipo de carnaval que está ameaçado em sua continuidade; uma retórica que tem eco a nível das representações que se tem desse carnaval mas que concretamente esbarra com os rumos que essa festa tem tomado. Um discurso que, num certo sentido, não tem acompanhado a rapidez das transformações que têm ocorrido nesse carnaval, daí os entraves não terem uma solução eficiente, por parte, principalmente, do poder público.

"...a gente podia até realizar uma grande produção e não é uma grande produção... o carnaval de Olinda se realiza, acontece...

Por exemplo, o carnaval do Rio de Janeiro é um carnaval altamente produzido, é essencialmente produzido. Por exemplo, o carnaval de Salvador é produzido porque ele tem também uma dimensão internacional e tem toda uma estrutura que se trabalha para isso... a produção dele é muito mais pelo profissionalismo, cada Trio Elétrico desse é uma profissão e são realmente profissionais.

O carnaval de Olinda existe profissionalismo só nos músicos... O carnaval de Olinda é o carnaval do povo, é o carnaval participação, é o carnaval aberto, carnaval que não existe regras. O carnaval é dentro da cidade... pronto e acontece.  
(dirigente da Gerência de Turismo da Prefeitura de Olinda)

A razão de ser dessa defasagem está no desejo, que de certa maneira orientou por muitos anos e ainda orienta esse carnaval, de uma produção artesanal, individualizada, familiar, onde haja o controle de todas as etapas do processo de produção e do produto final. Representando como resultado o consenso coletivo daquela comunidade, independente da posição de classe ou do lugar que cada um ocupe. O poder, nessa comunidade imaginária, não teria mais um lugar próprio, nem seria privilégio ou monopólio de alguns, mais estaria difuso e circulando entre todos os que fizessem parte da organização desse evento; assim, nada mais genérico que o "povo"- englobando todos os segmentos que se façam presentes- para ser o responsável pela festa.

"Quanto ao carnaval de Olinda eu diria o seguinte: existe a produção

artesanai que é a produção do povo, que não está visando lucro. E o poder público entra dentro dessa grande guerra que é o carnaval; ele entra para administrar o problema da infraestrutura, quer dizer, disciplinar. Disciplinar, inclusive, eu faço até uma referência a essa palavra; não é bem disciplinar, é tentar ordenar que a coisa aconteça da forma como deve acontecer, da melhor maneira possível, quer dizer, que aquele anseio da comunidade, dos carnavalescos, na verdade no período do carnaval aconteça. Quer dizer, que eles saiam para desfilar em determinadas áreas, onde essas áreas tenham condições de abastecimento, de bebida e comida dentro de um critério que na verdade não é dele. O trabalho tem que ser da própria prefeitura. Então esse perfil, eu sempre digo, por exemplo, a prefeitura administra o problema, porque o carnaval existe com ou sem a prefeitura." (dirigente da Gerência de Turismo da Prefeitura de Olinda")

# **SEGUNDA PARTE**

## **O CARNAVAL DOS OUTROS**

## CAPÍTULO III

## O DISCURSO DO CARNAVALESCO

Uma das mais conhecidas concepções do Carnaval é a de um lugar e momento de recriação da sociedade num mundo à parte e, para dizer tudo, num mundo invertido. O Carnaval seria, nessa concepção, o lugar e o tempo da inversão das hierarquias sociais e morais.

Também se pode conceber o Carnaval como uma reprodução da ordem social e cultural, onde no entanto se substitui as rupturas por continuidade - o doméstico e o público, a casa e a rua (DA MATTA 1981). Em suma, em vez de inversão, confusão.

Em ambas está presente a idéia de reprodução, de recriação, de uma ordem social e cultural. O Carnaval, para acontecer, precisa criar um mundo carnavalesco, onde se tece uma rede de relações entre as entidades carnavalescas e seus interlocutores - o poder público, os artistas, as famílias - e no interior de cada protagonista do carnaval. Relações que estabelecem hierarquias, identidades e oposições, relações de interferência e de poder, subordinação, cooperação e conflito.



Neste capítulo e no próximo vamos analisar como funciona o Carnaval, isto é, como se estabelece a tela de relações que forma o mundo do Carnaval. Esta análise tomará como objeto a percepção dos protagonistas do Carnaval sobre as indentidades, oposições, hierarquias e conflitos que tornam essa festa possível.

Iniciando pela análise das representações dos protagonistas das agremiações, podemos destacar quatro aspectos de seu discurso: um, que dá conta das relações entre os dirigentes das diversas agremiações e entre os integrantes que trabalham no interior da agremiação; outro, que aborda os conflitos dos dirigentes das agremiações com os músicos ou contratantes das orquestras; outro, que problematiza as relações entre os representantes das agremiações e os do poder público; por último, temos um aspecto do discurso em que transparecem os diversos modos de envolvimento de instituições privadas ou grupos de pessoas com as agremiações- empresas, Federação de Recife, grupos de amigos, população local e Televisão.

Quanto ao primeiro aspecto, chama a atenção, de um lado, a discussão em torno das diferenças de classe entre as agremiações e as diferenças entre as grandes e as pequenas agremiações e, de outro lado, as diferenças a partir da divisão de trabalho no interior das agremiações.

Tomando cada um desses pontos, como eles são representados pelos seus protagonistas?

Convivendo com a dimensão do Carnaval como um evento onde supostamente não existe distinção de classe, de raça, onde as palavras chaves são liberdade, igualdade, mistura, as hierarquias não deixam de atuar e de abalar esse sonho.

É interessante perceber que o mesmo protagonista que afirma:

"No carnaval morre a cor, a riqueza e o poder... Não existe diferença nem de classe, nem de nada. Ninguém é de ninguém..." (dirigente da Agremiação Cheguel Agora)

Afirma também:

"O Eu Acho é Pouco é de pessoas de um nível mais elevado. Ele vive bem no meio dos componentes dele: você vê que só da arquiteto, engenheiro, médico. Eu Acho é Pouco sai na rua por conta dele... com a orquestra na rua e uma escola de samba; não depende de ajuda de ninguém, só deles. Siri na Lata, é a mesma coisa."

Não é de agora a hierarquização entre as agremiações. No livro de José Ataíde (MELLO 1982), ele descreve o surgimento de várias agremiações ligadas a laços familiares, como até hoje, ou a grupos profissionais. Entre

elas encontram-se o Clube Lenhadores, criado em 1907, por pescadores e peixeiros; a troça Os Pescadores, criada em 1914, por pescadores, a Iroca Destemidos, criada em 1922, pelo pessoal ligado ao ramo da carne (magarefes, fressureiros, talhadores, marchantes); no Bloco Batutas, criado em 1932, só desfilavam brancos, era racista; a troça Pão da Tarde, iniciada em 1943, por inspetores de quartelão; o Grupo Bebe o que Acha Bom, criado em 1965, por profissionais liberais- médicos, dentistas, advogados, engenheiros, etc; a Iroca Bacalhau do Batata, criada em 1965, pelos que trabalham durante o carnaval- garçons, motoristas, policiais, etc; a Escola de Samba Marron e Branco, criada em 1974, por profissionais liberais- artistas plásticos, arquitetos, geólogos, etc; Eu Acho é Pouco, criada em 1976, também por profissionais liberais- arquitetos, advogados, professores, etc; e Siri na Lata, criada no mesmo ano, em 1976, por jornalistas, fotógrafos, cineastas, sociólogos, etc.

Com o crescimento do carnaval sua abertura para novas redes de relações é inevitável tornando-o, de certa forma, mais sedutor, mais universal, sem fronteiras, aproximando-se daquele sonho de que no carnaval tudo é possível, ninguém é de ninguém. Mas permanece a separação entre grupos, entre interesses diversos.

Quanto as duas agremiações citadas inicialmente- Eu Acho é Pouco e Siri na Lata- a questão do poder passa mais

pelo fechamento de suas diretorias que se colocam como auto-suficientes, desprezando qualquer subvenção da Prefeitura e não participando, portanto, das reuniões entre os dirigentes das agremiações e dirigentes do poder público. Entra aí a crítica, principalmente à Eu Acho é Pouco, de que é composta por pessoas ricas e que essas pessoas são, em geral, de fora de Olinda.

Ninguém nega, no entanto, a animação do grupo e sua capacidade de arrastar multidões. Quando se fala na riqueza dos componentes não se trata de luxo nas fantasias - é até criticado, como já foi mencionado na primeira parte desse trabalho, a homogeneidade como esse grupo se apresenta (basta a cor vermelho e amarelo) - mas de sua parcela de responsabilidade no aumento exorbitante do preço das orquestras. Como eles têm dinheiro, podem cobrir qualquer proposta das orquestras e, assim, inflacionar o mercado.

"Esses clubes de Troça de rico bota a gente prá trás. Sabe porque? Essas orquestras daqui antigamente dava para a gente. Mas agora não dá porque Eu Acho é Pouco, essas coisas... Eles disseram: 'é tanto'; eles pagam porque têm dinheiro". (dirigente da Agremiação "A Mulher do Dia")

"Tem uma coisa, esse Eu Acho é Pouco não é de Olinda. É de Olinda um cara só. Ele é de fora mas comprou uma casa aqui. Então eu respeito. O povo dele é todo de fora. É do Rio, de São Paulo, Minas, esses lugares todos. Só dá doutores, essas coisas. E o pobre não pode brincar no meio deles... É aberto para qualquer pessoa mas é um

peçoal que está brincando na rua, parece que está brincando a pulso, porque é uma cara fechada. Isso é carnaval? O pobre é bom porque está se divertindo, está com fome mas está se divertindo. O bom é o pobre

Eu não sou contra essas pessoas de fora, eu sou a favor. Porque é mais uma animação para Olinda. Agora, eu sou contra eles oferecerem muito mais do que a gente oferece aos músicos... Quer dizer, está tirando o carnaval de Olinda". (dirigente da Agremiação "O Menino da Tarde")

Essas duas agremiações são inteiramente independentes e diferentes das demais. Essas de fato representam uma outra coisa, não estão ao lado nem das grandes nem das pequenas agremiações tradicionais, nem das mais recentes. Embora não enquadradas, elas estão sempre em foco, sendo alvo de inúmeras críticas.

Acho é Pouco, uma agremiação grande mas sem enredo, nem alegoria, é o alvo principal: não há desfile de fantasias (é colocada nela a responsabilidade pela queda da fantasia no carnaval de Olinda); concorre com as pequenas agremiações no meio da rua, na forma descomprometida de brincar, e esnoba com duas animadas orquestras durante três dias de carnaval quando a maioria mal pode pagar uma orquestra para sair durante dois dias.

Essas agremiações de "ricos" ou "doutores" constituem ameaça principalmente porque não se enquadram na hierarquia

vigente das agremiações, introduzindo uma competição econômica direta.

A maioria divide as agremiações em grandes e pequenas. Nas grandes encontram-se, entre as mais citadas, Pitombeira, Elefante, Vassourinhas, Marim dos Caetés, Flor da Lira; nas pequenas encontram-se uma diversidade enorme de brincadeiras que vão desde figuras isoladas como o tradicional "Lorde de Olinda", passando pelos bonecos (calculados, hoje em dia, em torno de 50, independentes ou fundadores de agremiação), até as agremiações tradicionais e recentes de pequeno porte. Não são claramente definidos os critérios que delimitam o grupo das grandes e o grupo das pequenas. Um dos aspectos citados é o número de desfilantes, o que é diferente do número de participantes pois Eu Acho é Pouco tem uma multidão fiel seguindo-a, mas é colocada entre as pequenas agremiações.

Embora haja consenso sobre quem é grande e quem é pequeno, isto não define quem faz o melhor carnaval. Na disputa de quem é o melhor, quem é que faz a festa, a maioria dos entrevistados se coloca ao lado das pequenas agremiações, defende esse tipo de organização, por sua forma de engajamento na brincadeira.

Os pequenos grupos têm uma mobilidade que os grandes não têm. Os bonecos são os mais citados como as

brincadeiras mais simples de colocar nas ruas, a hora que se quiser, o tempo que for necessário- enquanto dura a animação -sem exigir muitos recursos, em alguns casos nem mesmo orquestra. Os pequenos grupos são, de modo geral, muito mais improvisados, não exigindo grandes performances nos desfiles de fantasias.

A importância crescente desses grupos, a partir mais ou menos da década de 60, está na descentralização do carnaval que antes tinha sua força principal no desfile de Pitombeira, Elefante, Vassourinhas e do Homem da Meia-Noite. Não significa que antes não existisse pequenos grupos e diversidade mas, a partir dessa década, houve uma conjunção de fatores- conjuntura política do país, conjuntura política de Olinda como foco de resistência, ampliação da dimensão cultural e política do carnaval de Olinda, vitória da oposição em Olinda, vitória de Olinda na conquista do título de Patrimônio da Humanidade -que transforma essa cidade e com ela seu carnaval.

O Homem da Meia-Noite, por exemplo, que até então era um solitário, sente necessidade da Mulher do Dia que aparece na sua vida em 1967 e, depois, vêm outros bonecos para povoar o carnaval, disputando o lugar que era dominado pelas grandes agremiações. Atualmente as ruas permanecem cheias durante todo o tempo, desde a semana pré-carnavalesca até quarta-feira de cinzas. As grandes

agregiações são atropeladas pela infinidade de grupos que cortam os seus desfiles.

Com a multidão tomando conta desse carnaval, as grandes agregiações vêm encontrando grande dificuldade de espaço para mostrar o conjunto do seu trabalho, seus figurantes, suas fantasias, a dança, a música. O que é uma frustração para todos- os que desfilam e os que assistem - principalmente para aqueles que durante meses investiram na produção desse desfile. Como desdobramento desse problema são apontadas três situações: a queda da fantasia no carnaval, a crise das grandes agregiações com a saída de seus componentes para brincarem livremente entre as pequenas agregiações e a saída de Olinda das grandes agregiações para desfilar e ganhar dinheiro em Recife e em outras cidades.

"O carnaval de Olinda cresceu. Ninguém quer mais, a juventude, não quer mais participar com roupas pesadas, com essas roupas não quer... Surgiram pequenos blocos, pequenas troças. As antigas foram dando lugar as pequenas troças, que tirou o pessoal. Tirou, pela conveniência da roupa, quer dizer, ao invés de botarem uma indumentária pesada, com muito pano, com muita coisa, passou a colocar um calçãozinho e uma camisinha solta por cima. Então já facilitou a brincadeira deles, entendeu? E financeiramente a cota é menor do que gastar com uma fantasia completa. Então esvaziou os cordões, os grandes clubes de Olinda... Os pequenos clubes ofuscaram os grandes clubes... E a tendência é acabar os grandes clubes e ficar somente pequenas troças..." (figurinista da Agregiação "Pitombeira dos Quatro Cantos")



"Eu gosto mais das pequenas porque são as pequenas que fazem o carnaval. A grande sai daqui, quando chega ali no Varadouro pega o ônibus e vai-se embora para outro lugar. E as pequenas ficam fazendo o carnaval de Olinda..." (dirigente da Agremiação "O Menino da Tarde")

O conflito entre as grandes e as pequenas aparece na medida em que a distribuição da subvenção do poder público beneficia mais as grandes. As pequenas acusam as grandes de definirem, junto com o poder público, critérios injustos na distribuição dos recursos, privilegiando quem na verdade não assegura a animação do carnaval. As pequenas se colocam como as protagonistas privilegiadas, como as dominantes, na condução e na re-definição do carnaval de Olinda enquanto as grandes permanecem sendo as mais legitimadas pelo poder público. O problema maior é que os gastos dessas agremiações são altos e a subvenção dada não é suficiente para atenuar as críticas das pequenas: o que tem acontecido mais e mais é, como vimos, a pouca permanência dessas grandes agremiações em Olinda. O que assistimos de fato é o deslocamento do poder que tinham essas grandes agremiações, de mobilizar centenas de pessoas, para as pequenas agremiações, restando para as grandes o prestígio, baseado na força que ainda tem a questão da tradição. Essas agremiações ainda se sustentam— apesar da falta de espaço físico para o desfile, da falta de música (analisaremos mais adiante), da falta de interesse de muitos componentes

mais jovens -pela garra dos seus dirigentes, de seus simpatizantes e de algumas das tradicionais famílias carnavalescas de Olinda.

Ao mesmo tempo que existe o consenso de que quem garante a grande animação do carnaval-participação são as pequenas agremiações, todos respeitam as grandes, criticam o poder público por não dar uma subvenção melhor para que elas não precisem sair de Olinda em busca de outros recursos, lamentam a falta de condições do desfile por conta da multidão e, ainda, muitos dos dirigentes das pequenas agremiações participam também da organização das grandes.

"Você sabe os dias que sai: domingo eu vou ver Elefante e Vassourinha, na segunda-feira vou ver a Pitombeira e Marim dos Caetés; no terceiro dia você já vem e vai ali para a avenida, porque elas saem todas de lá, todas as quatro, cada uma sai de um bar...sai uma atrás da outra, não há confusão, não há nada." (dirigente da Agremiação "Ceroula")

Outro fator que também deve concorrer para a perda da força dessas grandes agremiações é a perda da disputa, aspecto essencial desse carnaval até recentemente. Para muitos, uma das características fundamentais do carnaval olindense é a rivalidade entre as agremiações, decorrente muitas vezes do surgimento de novas agremiações a partir do conflito no interior de uma agremiação e da dissidência.

Apesar de alguns carnavalescos afirmarem que essa característica permanece, não é verdade, faz parte do passado: as tradicionais rivais Vassourinhas e Lenhadores e, ainda, Elefante e Pitombelra dos Quatro Cantos são apenas exemplos recentes dessa história. O carnaval que vem tendo expressão desde o início do nosso século tem continuidade em inúmeras de suas brincadeiras que se originam como desdobramentos e dissidências de outras. Mas a rivalidade não permanece, nem é estimulada. Ela não se constitui mais como característica desse carnaval.

Passando agora para a questão de divisão de trabalho no interior das agremiações, percebe-se que as regras do jogo variam de agremiação para agremiação em função dos recursos humanos e materiais que cada uma é capaz de arregimentar. Duas questões básicas se colocam aqui: Como conseguir dinheiro para colocar a brincadeira na rua? Como organizar a brincadeira para ela ir à rua?

As agremiações contam, principalmente, com sua própria capacidade de gerar recursos para enfrentar os significativos gastos necessários para colocar sua brincadeira na rua. O dinheiro é obtido através de bingos, de rifas, sorteios, promoções de bailes, de pique-nique, venda de camisas com a marca da agremiação, taxas pagas pelos sócios ou desfilantes. A subvenção que a Prefeitura oferece não é suficiente nem para o pagamento da orquestra. E as outras fontes externas de recursos, como veremos mais

adiante, são muito irregulares. Não é fácil para nenhuma agremiação a mobilização de fundos, exigindo muito trabalho, sacrifício, força de vontade e criatividade. E o único retorno é o prazer de ver sua brincadeira na rua e sentir que o povo aprovou.

"Trabalhar por amor à brincadeira. Querer ver aquela brincadeira se exibir, brilhar no carnaval...Sair decente. Sair direito. E quando se recolher o pessoal dizer: o clube esta noite foi ótimo! Isso é o que vale. A gente fica satisfeito, é isso, a gente saber que o pessoal se agradou, gostou." (ex-dirigente da Agremiação "Homem da Mela Noite")

Uma evidência da dificuldade financeira das agremiações é o fato de muitas poucas terem sede própria - são citadas apenas a de Vassourinhas e a de Pitombeira, que se colocam como mais bem organizadas e estruturadas.

A existência da sede própria proporciona uma facilidade maior para o levantamento de recursos. Estas sedes funcionam o ano inteiro, aos sábados e domingos, com serviço de bar, promoções de eventos (bingos, sorteios) e venda de ingressos para os bailes. As sedes daquelas duas agremiações são bastante simples mas garantem um trabalho contínuo, gerador de recursos. Funcionam também como espaço de entretenimento para os integrantes da agremiação e para a população em geral.

As agremiações que não dispõem desse espaço utilizam as sedes dos que têm ou então o clube "Cheiro do Povo" (1), ligado a Prefeitura, para realização dos seus bailes e outros eventos, pagando uma taxa. As dificuldades dos que não têm sede são muito grandes, mesmo porque, com poucas exceções, são pessoas pobres e com poder de articulação restrito. Não é por outra razão - que não a econômica - que as agremiações de Olinda saem, de modo geral, com muita simplicidade, sem nenhum luxo (se compararmos com o padrão do desfile do Rio de Janeiro).

"...não posso registrar mensalidades porque não tenho um lazer como outras têm aí. Você vê, as agremiações que têm sede têm o lazer, tem jogo de dominó, tem dama, um negócio. Eles tendo aquele lazer naquela sede, eles têm direito de cobrar. Tem a matinê, tem suarê, então ele chega lá, estando em dia com a mensalidade, não paga. Ele tem todo o direito. Nós não temos sede, não temos lazer, então não faço questão que eles (os integrantes da agremiação) paguem. Eu quero que eles trabalhem de acordo com o nosso trabalho. Que se nós fizermos uma festa numa sede de qualquer agremiação, aí eles vão para lá trabalhar de graça, já estão ajudando e a gente, quando chega o carnaval, ele ajuda e nós ajudamos também. Nós, por exemplo, confeccionamos aqui camisa timbrada pelo clube e damos para eles, tanto feminino como masculino" (dirigente da Agremiação "Cariri")

---

1 Antigo Clube Atlântico Olindense, hoje conhecido como Centro de Arte Popular ou Cheiro do Povo (alusão à célebre frase do ex-presidente João Figueiredo, que disse que preferia o cheiro do cavalo ao cheiro do povo).

Cariri, agremiação que nasceu em 1921, é uma das mais populares em Olinda. Ela é que abria o carnaval, até o momento que houve um conflito interno e uma ala de dissidentes saiu dessa agremiação e fundou o Homem da Meia-Noite, em 1932. Mas Cariri continua sendo uma brincadeira muito querida pela maioria dos carnavalescos e pela população local, prioritariamente, pela mais pobre localizada nos bairros considerados mais importantes do ponto de vista de concentração de grandes animadores do carnaval olindense- Amaro Branco, Bom Sucesso, Guadalupe.

Uma das formas desta agremiação conseguir recursos para sua brincadeira é a seguinte:

"Então convidamos o pessoal que sai no figurino e diretores, e soltamos cartão de rifa. Nós também não compramos nada. Cada prêmio foi doado por diretos de Clube. Teve um diretor que deu doze cervejas, outro deu doze refrigerantes, outro deu um bolo, deu pé-de-moleque, um deu um botijão de vinho, um deu uma galinha, um deu uma mão de milho. Então, nós enchemos um balaio. Quer dizer, aí nesse caso, nós não tivemos prejuízo, foi tudo doado pelos próprios diretores do clube. Então nós confeccionamos os talões da rifa e soltamos para o pessoal que faz parte daqui." (dirigente da Agremiação "Cariri")

Outras agremiações não têm sede mas contam com integrantes em condições de assegurar uma grande parcela dos gastos para a brincadeira na rua. A Ceroula, por exemplo, não se situa entre as mais bem subvencionadas pela

Prefeitura mas seus dirigentes têm uma certa tranquilidade na arrecadação dos recursos adotando o mesmo método todos os anos. Cada participante paga uma única quota, que não é pequena, perto do carnaval. Essa quota dá direito a uma camisa e um chapéu (fantasia da troça) que custa mais ou menos a metade do valor da quota; dá direito ainda à participação, com a esposa, na feijoada, regada a cerveja - programada todos os anos por essa agremiação, no sábado de carnaval, para cerca de setecentas, oitocentas pessoas - e na peixada, regada também a cerveja - com o mesmo número de pessoas da feijoada, oferecida na terça-feira de carnaval. Essa agremiação ainda sai com uma pipa, no trajeto da troça durante o carnaval, com mil litros de batida gelada para seus integrantes e quem mais estiver na rua seguindo a brincadeira. É óbvio que aquela quota não é suficiente para todos esses gastos, considerados elementares, e ainda para ajudar no pagamento da orquestra. A feijoada, a cerveja, a peixada e a pipa não saem daquela quota - que fica realmente reservada para a fantasia e parte do pagamento da orquestra. A diretoria consegue doação de praticamente todos ingredientes através de alguns integrantes em melhores condições econômicas e através de comerciantes e empresários simpatizantes da troça.

E quais são, de modo geral, as necessidades e os gastos de uma agremiação para ir à rua? A necessidade maior que envolve um alto custo e que atinge quase todas as agremiações - com exceção das Escolas de Samba, dos

maracatus, dos caboclinhos, das Laursas e de algumas pequenas agremiações - são as orquestras de frevo. Dado a importância dessas orquestras no carnaval de Olinda - consideradas como sua essência, seu fundamento, sua força, sua vitalidade e, ao mesmo tempo, talvez por isso mesmo, seu impasse, seu ponto de estrangulamento, a possível morte do carnaval olindense - elas serão detidamente analisadas mais adiante. Outras necessidades e outros custos variam muito de agremiação para agremiação.

De um modo geral, nenhum componente da diretoria de qualquer agremiação deve ganhar dinheiro. É enfatizado, por quase todos, que essas pessoas "trabalham por amor" ao carnaval, ou seja, gratuitamente. Um dos dirigentes, ao fazer a distinção entre os que são remunerados dos que não são, contrapõe aos que trabalham por amor (citando vários dirigentes) os que são remunerados e que se enquadram no "trabalho de carnaval" - são aqueles que carregam as faixas com o nome da agremiação e dos seus eventuais patrocinadores, são aqueles que carregam água para os integrantes da brincadeira, são aqueles que soltam fogos durante o percurso para chamar a atenção para a brincadeira e convidar todos à participar dela, etc. Essas pessoas não têm vínculo direto com a agremiação, seu interesse primordial é a possibilidade de ganhar dinheiro fazendo esse tipo de serviço, que não exige nenhuma qualificação. Do ponto de vista de sua função, são pessoas substituíveis a qualquer momento.



Entre esse grupo desqualificado e anônimo e a diretoria, encontra-se um intermediário, composto por pessoas que dominam um saber ou uma profissão necessários para o funcionamento da brincadeira. Algumas delas têm um vínculo direto com a agremiação, seu trabalho é fundamental e, muitas vezes, insubstituível, pela carência de pessoas com tal habilidade ou tal relação com a agremiação. Entre os mais citados encontram-se os figurinistas, as costureiras, os "artesãos do carnaval" (fazem alegorias, estandartes, etc), carregadores dos grandes bonecos, porta-bandeira, programador visual. Essas pessoas, em geral, seguem mais ou menos os mesmos critérios quanto ao estabelecimento do preço de seu trabalho. Se é sua a agremiação - faz parte da diretoria ou é figurante - ou se é simpatizante de uma agremiação pobre - normalmente as mais tradicionais e populares - se "trabalha por amor", não se cobra nada. Isso é válido para qualquer um dos componentes desse grupo.

"Tenho meu filho que sabe carregar a boneca, não pago a ele mas dou um agrado" (dirigente da Agremiação "A Mulher do Dia")

"Nós temos um figurinista, um amigo nosso. Ele é do Elefante de Olinda... Pela situação que ele vê nossa agremiação, ele não cobra." (dirigente da Agremiação "Cariri")

"Sou porta-bandeira oficial. Eu saio quatro horas da manhã no Cariri e saio quatro da tarde com o Vassourinha. Saio dez horas da noite nas Pás, de Recife. Na segunda-feira eu saio nove horas da manhã com os Espanadores de Olinda... A gente não vai brincar, a gente também vai trabalhar. Não cobro do Vassourinha porque é meu clube, o Cariri porque não tem dinheiro. Agora, clube de rico eu ganho, eu exigo verba." (dirigente da Agremiação "O Menino da Tarde")

As agremiações pequenas praticamente não gastam com pagamento de pessoal. Os familiares, a diretoria, os figurantes e os simpatizantes da brincadeira dão conta da produção necessária para colocá-la na rua. Já nas grandes agremiações as exigências são outras. O critério do trabalho por amor quando se pertence à agremiação é válido também para as grandes mas, pelo seu próprio tamanho e pela exigência e complexidade maiores do desfile, a estrutura familiar ou de pertinência à brincadeira não dão conta do recado. Muitas vezes são contratadas costureiras e também remunera-se outros profissionais que compõem aquele grupo intermediário, como o figurinista, o artesão, etc. É importante frisar que mesmo nessas grandes, muitos trabalham por amor e que as diferenças com as pequenas não são tão radicais como já foi apontado, fazendo circular entre elas - principalmente entre as mais tradicionais ou entre as dissidentes - as mesmas pessoas, existindo um sentimento de solidariedade, de colaboração e de defesa de continuidade de todas. Em termos quantitativos, a diferença maior se remete ao número de figurantes e em termos

qualitativos se refere à existência de fantasias mais pesadas e caras, mas não luxuosas.

"Pitombelra andou uma época com brilho por aí, com muitas plumas, penachos e tal. Eu procurei acabar com aquilo... O turista que vem para cá já deve estar cansadíssimo de ver tudo isso no Rio de Janeiro, em São Paulo e pelo Sul. Então eu acho que ele quer ver palha, quer ver algodãozinho, quer ver esteira, quer ver boneca de pano, boneca de barro. Os turistas querem vir aqui porque é novidade. E além do mais não é só isso, as pessoas aqui fazem uma fantasia de luxo, dizem que é de luxo, mas não têm condições de fazer, de manter, porque não podem. Financeiramente não podem. Aí, de repente, sai uma indigência de fantasias. Se uma fantasia pede 500 apetrechos colam 10. Aí que fica feio, não é? Eu troquei o brilho das lantejoulas por tinta acrílica." (figurinista da Agremiação "Pitombelra dos Quatro Cantos")

As fantasias são colocadas como o segundo item (o primeiro, como já vimos, é a orquestra) mais caro. Nas agremiações mais pobres, os integrantes ajudam na compra da fantasia com seu trabalho - organização do espaço para bailes, vendas de camisas, participação em comissões de arrecadação de recursos junto à população e aos simpatizantes da brincadeira, etc. Eles não têm condições de arcar financeiramente com o custo da fantasia mas, no que podem, auxiliam na confecção. Nas agremiações menos pobres e maiores, geralmente os destaques encarregam-se da fantasia e a agremiação ajuda, dentro de suas possibilidades, na compra da fazenda e apetrechos, com a

venda das camisas e dos bilhetes das rifas que esses próprios integrantes se encarregam de passar. Para os demais figurantes, a agremiação assume totalmente a fantasia em troca do trabalho dessas pessoas.

Nas agremiações grandes, em geral, os integrantes contribuem com uma quota e ajudam na venda de camisas e de rifas. Aqueles que têm sede, já vimos, podem dispor de outras alternativas de arrecadação de recursos que esse espaço possibilita. Com esses recursos a diretoria encarrega-se de comprar o tecido e o que mais for necessário para a confecção da fantasia.

Um expediente muito utilizado pelos dirigentes das agremiações, aqueles que têm amigos ou gozam de algum prestígio no comércio, é comprar o que for necessário para a fantasia a crédito, em várias prestações ou com cheques pré-datados.

"Me devolve o clube que eu boto ele na rua. Eu peguei com um mês; ele me entregou num dia e no outro dia fui para a rua, fui para as lojas, cheguei lá e fiz débitos sem ter condições. Mas parti pra fazer débitos, falei com o gerente da loja, passando um cheque para ele para 30 dias. Comprei fazenda, botei as costureiras aqui para trabalhar... Agora, conclusão, fique de novo com duas responsabilidades: com o Cheguei Agora que voltou de novo para a minha mão e com o Elefante. Agora eu pergunto a você: o que você faria? Você deixaria um clube que você bem dizer se criou nele?" (dirigente da Agremiação "Cheguei Agora")

Além dos gastos já mencionados - orquestra, pessoal de apoio, fantasia - encontram-se ainda as despesas com os adereços, com fogos, com as alegorias (entre elas a produção dos grandes bonecos, sua manutenção, e os carros alegóricos das agremiações Pitombeira, Elefante e Marim dos Gaetés). A maioria dos dirigentes afirma que saem do carnaval com grande déficit.

Ao tentar responder a questão sobre como conseguir dinheiro para colocar a brincadeira na rua, foi também respondida, em parte, a segunda questão, sobre a organização da brincadeira. É importante apenas ressaltar mais alguns aspectos, antes de concluir a análise das relações entre os dirigentes das diversas agremiações e entre os integrantes que trabalham no interior da agremiação. É importante mencionar, grosso modo, o engajamento de cada grupo de protagonistas na condução de sua agremiação.

A diretoria cabe escolher e contratar a orquestra; aprovar o projeto do figurino, levando em conta os custos; acompanhar o trabalho do departamento de fantasia; estabelecer toda a programação para obtenção de recursos (festas, rifas, sorteios, venda de camisas, etc), participar efetivamente junto a comissões nos contatos diretos com comerciantes, empresários, amigos, integrantes

da brincadeira, para solicitação de material, mantimentos e dinheiro para a agremiação. Além dessas tarefas levadas a termo com maior ou menor eficiência, dependendo da capacidade de organização de cada grupo, existem ainda as atividades entre a direção e os demais integrantes da agremiação que se ampliam ou não para os foliões em geral e que visam implementar a animação da festa.

Como um bom exemplo desse tipo de atividade temos a tradicional feijoada no sábado de carnaval e a peixada na terça-feira oferecidas pelo Ceroula para seus integrantes com os familiares. Esta comilança, com cerveja, antecede à saída da troça, faz parte da concentração. E durante o trajeto, como já mencionamos, acompanha a brincadeira uma pipa com mil litros de batida para todo mundo que quiser se servir. A comida e, principalmente, a bebida oferecida aos integrantes são elementos comuns na concentração de qualquer agremiação ter comida. Dependendo do poder aquisitivo de cada grupo o banquete é mais ou menos sofisticado, às vezes restringindo-se à cerveja, às vezes sendo oferecido por um simpatizante.

É de se supor que para cumprir todas essas exigências de organização exista uma equipe bem estruturada, estável e com muita gente para suprir todo o trabalho e ainda mais quando sabemos que essa equipe é composta, muitas vezes, por trabalhadores que percebem como pagamento, como retorno, unicamente a moeda da alegria e do prazer de ver

sua brincadeira na rua. Mas ao contrário dessas suposições, o que existe em geral é uma diretoria precariamente organizada, que se reúne poucas vezes, já que a grande maioria não dispõe de sede, e que apesar do número razoável de pessoas (algumas diretorias têm mais de 10 componentes) poucos são os que trabalham de fato. Essa crítica faz parte de uma reclamação geral mas nos parece menos uma falha do que a maneira fluída, aparentemente descomprometida, que caracteriza a organização carnavalesca. Mesmo sendo assim tem sido eficiente e mantido por muitos anos as mesmas pessoas na condução do processo e, o mais importante, esse grupo tem conseguido, apesar de todas as dificuldades conduzir com muita garra a brincadeira e assegurar uma animação crescente.

"Carnaval aqui em Olinda, se a gente começar a se reunir muito se acaba. É que só partido. Tem que se esperar mesmo para chegar a época. Quando chega a época é que a gente se embala." (dirigente da Agremiação "Ceroula")

"...Só está existindo dois para botar essa grande agremiação na rua, eu e o presidente; para arrumar dinheiro e o figurinista para fazer as fantasias porque o resto dos diretores é tudo acomodado....

Para a gente fazer o carnaval é com muito sacrifício, precisa ter sangue de carnavalesco...Um clube tem a sorte de pegar uma diretoria, vamos supor, de dez homens que realmente queiram trabalhar. É uma beleza, é a maior felicidade do mundo, é você botar aquela agremiação na rua. Aí é como eu estou dizendo a você, quando calha de ter uma diretoria, como a nossa mesma: Tem quinze diretores, só tem três

trabalhando, porque o resto na hora de trabalhar não aparece." (dirigente da Agremiação "Cheguei Agora")

"Eu pensei que essas grandes agremiações tinham mais organização e tal, mas é igual a nós...no ano passado, no fim do carnaval, só tinha quatro pessoas trabalhando. E começou com umas 10 pessoas." (dirigente da Agremiação "Eu Acho é Pouco")

"Todos os diretores se sacrificam, botam do bolso, mas fazem o carnaval. Não é por amor a Prefeitura, é por amor ao carnaval da cidade. É por gostar da coisa." (dirigente da Agremiação "Nordestina")

Quanto ao pessoal de apoio - programador visual, figurinista, costureira, etc - eles são imprescindíveis à agremiação. Alguns são remunerados pelo seu trabalho e outros trabalham por amor, como já vimos. Eles têm uma grande autonomia de ação com relação à diretoria. Depois de aprovado o projeto e, principalmente, os custos das fantasias, essas pessoas trabalham livremente. Algumas delas assumem compromissos com várias agremiações, quando o engajamento é mais profissional, e outras dedicam-se a uma única agremiação durante anos fio, já fazendo parte do grupo. Mas sempre existe uma relação emocional com a brincadeira pois, mesmo aqueles que são remunerados, o preço de seu trabalho é sempre relativo ao poder aquisitivo da agremiação.



O fato de tudo ocorrer no mesmo espaço físico - o processo de trabalho e a festa propriamente dita - faz com que todas as etapas se misturem um pouco e todos terminem participando um pouco de tudo. Trabalho e festa estão assim, no carnaval olindense, intrinsecamente ligados. Daí, aliás, a dificuldade de pensar esses grupos como estanques - diretoria, pessoal de apoio e foliões - pois é muito normal a passagem entre as diversas funções pelas mesmas pessoas, quando não assumem ao mesmo tempo as três funções - fazem parte da diretoria, confeccionam fantasias, alegorias, etc, e participam como figurante da agremiação.

"Eu acho que de uns 20 anos para cá não existe assembleia. Eu já entrego o tema pronto, as pessoas confiam cegamente no que eu faço, porque até agora essa agremiação sempre teve sucesso, entendeu?" (figurinista da Agremiação "Pitombelra dos Quatro Cantos")

"Quando chega na época da confecção do figurino, da fantasia, então tem aquele pessoal que tem aquele horário, é de 7hr da noite à meia noite....

Nós temos aqui uma base de 6 a 8 costureiras. O figurinista risca, desenha e chama a costureira chefe, explica a ela e qualquer orientação que ela precisar chama o figurinista. Muitas trabalham por amor a brincadeira." (dirigente da Agremiação "Cariri")

Para concluir, é importante reforçar aqui o caráter familiar desse carnaval, condição para continuar como sendo de rua, com esse nível de participação popular. Ao mesmo

tempo que o crescimento do carnaval é aplaudido por tantos carnavalescos, como algo positivo que se expande, que aumenta a participação, que aumenta a animação, que seduz, que multiplica o número de agremiações, etc...esses mesmos carnavalescos e outros tantos vêm nesse crescimento, contraditoriamente, a possível causa para a descaracterização desse carnaval, a negação de sua positividade. Não se trata bem de uma defesa da tradição, é outra coisa que eles defendem. É como se houvesse um saber e uma prática carnavalesca, Existe um conhecimento sobre como brincar, existe um aprendizado e existe o contexto social que favorece tal aprendizado e determina, de certa maneira, o seu modo, a especificidade, de como brincar. É uma defesa não propriamente pela tradição mas pela continuidade da brincadeira incorporando as transformações que sua expansão lhe impõem mas nunca destruindo seu fio condutor. Os carnavalescos não querem perder o poder pela condução do carnaval que eles acreditam ser o melhor. É com orgulho que citam as várias gerações de famílias olindenses que estão envolvidas desde o início do século com esse carnaval. Essas famílias que iniciaram criando brincadeiras que não mais existem têm agora nos seus descendentes novas brincadeiras, grandes e pequenas, que animam as ruas da cidade. E o que é mais importante é que todos participam da festa, pulando ou assistindo, quando a idade não permite mais a dança do frevo. Mesmo com a multidão que vem de fora, até agora eles ainda controlam a brincadeira, o núcleo é ainda formado por parentes, amigos, conhecidos foliões. E os de fora que entendem ou querem entrar no

mesmo jogo, aceitando regras definidas por esses guardiões do carnaval olindense, entram na brincadeira sem problema, não gerando nenhuma tensão. Quem não entende dessa brincadeira fica de fora, inclusive geograficamente eles procuram a cidade baixa onde lhes é oferecido os focos de animação - uma orquestra ou um carro de som, como um trio elétrico localizado num determinado ponto.

Uma agremiação com 100 integrantes já é considerada de bom porte uma vez que todos são conhecidos, todos estabelecem uma relação entre si e tomam a brincadeira como sua. É como se cada agremiação constituísse uma pequena festa nas ruas de Olinda e a grande festa sendo o somatório delas, mas cada uma mantendo sua personalidade. A mistura se dá pela convivência no mesmo espaço, pela defesa do mesmo objetivo mas cada uma é uma e cada uma é imprescindível à festa.

Na divisão de trabalho, no caráter familiar da brincadeira, na divisão dos públicos que participam do carnaval evidencia-se muitas vezes, nessa rede de relações, uma concentração de poder nas mãos daqueles que dirigem as brincadeiras

O segundo aspeto à analisar são os conflitos entre os dirigentes das agremiações e os músicos ou contratantes das orquestras.

É unânime a afirmação de que a dificuldade maior que o carnaval de Olinda tem enfrentado é com a orquestra. A música e a dança constituem a alma de qualquer carnaval. Em Olinda, a música e a dança são o frevo, e o frevo, para ser executado, exige a orquestra. O carnaval de Olinda, sem orquestra, perde sua alma, deixa de existir. Nesse sentido, esse carnaval encontra-se ameaçado, uma vez que se observa uma séria crise entre as orquestras e as agremiações carnavalescas, contratantes dos músicos. Por uma série de razões caminha-se para um impasse, até agora sem solução, entre as orquestras e as agremiações, entre a permanência dessas orquestras e o crescimento do carnaval de Olinda, entre formas alternativas de som e a resistência à mudança.

O crescimento do carnaval, a multiplicação do número das agremiações, a demanda muito maior que a oferta de orquestras, a elevação da consciência profissional dos músicos, o alto preço exigido pelos músicos aos dirigentes das agremiações: essa sequência de fatos levantados são os pontos cruciais da crise que se instaurou no carnaval de Olinda.

"A gente, carnavalesco, não deixa isso acabar com o carnaval não. Mas os músicos estão acabando com o carnaval."  
(dirigente da Agremiação "Cheguei Agora")

"Agora, a gente não pode correr deles mesmos. O pessoal aqui não se acostuma de você botar um carro de som na rua. Se você botar uma orquestra aqui no carnaval de Olinda em cima do caminhão, já estão reclamando. Eles querem e gostam de ver o músico no chão, pisando no chão." (dirigente da Agremiação "Geroula")

Colocar uma orquestra na rua atualmente no carnaval de Olinda tornou-se uma grande aventura. O processo de transformação de um carnaval basicamente restrito à população local para um carnaval de massa, dobrando o número dessa população, sem alteração do espaço físico, afetou, principalmente, a música e a dança. Nos momentos de maior concentração da multidão, a partir do meio da tarde, nas ruas mais estreitas, simplesmente as orquestras passam em silêncio. O cordão humano que a agremiação faz para protegê-los nem sempre resiste à pressão da massa compacta de pessoas pulando o frevo. Resultado: não apenas o instrumento é danificado, mas também a própria integridade física dos músicos é colocada em risco pois muitas vezes saem com ferimentos, ainda que relativamente leves - um lábio ferido ou um nariz sangrando.

E aí ele perde o carnaval e deixa de cumprir os contratos assumidos com as diversas agremiações. Sim, porque cada contrato que fazem com uma agremiação é de quatro horas. Eles trabalham incessantemente pois é nesse período do ano que realmente faturam. Quando existe então um daqueles acidentes, com o músico ou com seu instrumento,

é um desastre porque eles perdem a oportunidade de fazer seu "pé de meia" ou saem com grande prejuízo se seu instrumento foi atingido, pois um pistón, ou um clarinete, ou um trombone ou um saxofone é bastante caro e a quase totalidade dos músicos não tem condição de comprar outro. Um dos dirigentes da agremiação lembra que "antigamente" existiam as orquestras da polícia, das Forças Armadas. Como essas instituições não davam férias aos músicos, era possível fazer um contrato com essas orquestras através do quartel e este se responsabilizava pelos instrumentos. Hoje, essas orquestras são contratadas por fora e cobram o preço de mercado.

O crescimento do número das agremiações, somado ao crescimento da multidão transformou a correlação de forças, que antes era dominada pelos dirigentes das agremiações, e quem passou a ser a figura central é o músico, dentro da lógica do mercado, pois tornou-se peça rara. As orquestras passaram a ser mais organizadas, seus músicos mais articulados profissionalmente, exigindo mais à medida que os riscos ao desenvolvimento de seu trabalho aumentavam, preferindo até tocar fora de Olinda, quando essas propostas são mais atraentes. Isso porque veio em benefício desses músicos, ampliando mais ainda seu campo de ação, o crescimento do carnaval no interior do Estado ou mesmo em outros Estados do Nordeste. Por exemplo, a cidade de Vitória de Sta Antão, zona da mata pernambucana, tem tido um grande apoio da empresa de bebida Pitú. Esta empresa vem

contratando músicos para animar o carnaval dessa cidade que tem se despontado como um dos melhores da região. O mercado, portanto, não se limita mais a Olinda.

Essas transformações no carnaval de Olinda não somente levaram à reestruturação das orquestras, recolocando-as num novo patamar, como também à reestruturação das agremiações, subordinando sua organização às novas exigências. O carnaval, portanto, mudou, e seus protagonistas principais, os dirigentes das agremiações, estão ainda procurando novos caminhos, novas estratégias, para uma adaptação a essa nova conjuntura, a esse novo contexto criado por uma política externa ao carnaval mas utilizando-se do carnaval como marketing - carnaval/participação popular.

A multidão que veio brincar o carnaval de Olinda trouxe, conseqüentemente, um aumento considerável ao número de participantes das agremiações. Criou-se uma grande distância entre o início e o término do desfile de uma agremiação, impossibilitando que seu som seja escutado por todos. A reclamação é geral, as pessoas dançam sem ouvir a música. A animação dada pelo frevo e pelo passo não está mais beneficiando a todos; a música e a dança, aspectos mais importantes desse carnaval, estão prejudicadas pela falta de espaço para os músicos, pela falta de espaço para a dança, pela própria falta de músicos, pela falta de recursos dos dirigentes das agremiações para contratação de

número maior de músicos, pela falta de uma política adequada a esse novo momento.

"A orquestra fica lá atrás sufocada no meio daquela multidão. Aí é que tudo se perde. O meu clube não dá uma distância porque quando dá vou logo mandando parar para juntar, para ver o clube todo; é uma questão de organização que eles não sabem. Tem umas inovações no carnaval que eu criei...quando senti que a multidão aumentava e o povo não via mais o desfile. O pessoal dizia: 'a orquestra passou quinze minutos depois; passou os desfilantes andando...' A discussão era se a orquestra já tinha passado ou não porque ninguém tinha visto, de tanta gente... Aí eu comecei a tentar corrigir, então comecei a fazer o seguinte: a orquestra não para...O clube para de vez em quando, a orquestra se junta, vem para frente e deixa todos passarem e vai tocando e começa tudo de novo, o clube pára, etc...A gente tem de pensar seriamente o que fazer, pois com essa multidão no carnaval a gente perdeu o controle da brincadeira." (dirigente da Agremiação "Vassourinhas")

Não é fácil mudar esse quadro. O carnaval continua a crescer, a atrair mais gente, o espaço continua o mesmo, as brincadeiras menores se multiplicam, dispensando muitas delas os músicos e aproveitando o som da agremiação maior; não se faz músico de um dia para o outro, principalmente, músico de orquestra de frevo. Uma questão de fundo diz respeito às condições de sobrevivência e de formação desses músicos.



Segundo José Ataíde de Mello (MELLO 1982), havia em Olinda quatro bandas de música em plena atividade e hoje apenas uma delas sobrevive, o "Grêmio Musical Henrique Dias", criada em 1954. Esse autor descreve, em 1982, que essa banda cobre 40% das necessidades das agremiações locais, fazendo em média 15 tocadadas durante o carnaval, dividindo seus músicos em grupos de 15, para atender os pedidos que, nessa época, já ultrapassam a oferta. Visando ampliar essa oferta, o grêmio mantém uma escola de música para cerca de 50 alunos. Esse autor, entrevistado em 1986, aponta para a situação de crise dessa banda, coincidindo com os mesmos pontos levantados no depoimento de um dos dirigentes de agremiação, ou seja, a carência de recursos para manutenção e renovação dos instrumentos, falta de recursos para contratação de professores para treinamento dos músicos existentes e formação de outros. O dirigente acrescenta que os melhores músicos dessa banda estão saindo de Olinda para continuar sua formação musical junto a grandes orquestras, em outras cidades que lhes ofereçam também melhores condições de trabalho. Em Olinda, é somente no período de carnaval que eles conseguem "tirar o pé da lama", permanecendo o resto do ano praticamente sem trabalho, sem dar continuidade profissional ao seu talento. Critica-se a Prefeitura Municipal por ter estabelecido o seguinte convênio com a banda: em troca das apresentações que se façam necessárias à Prefeitura, a orquestra Henrique Dias recebe o equivalente para o pagamento do aluguel da casa onde funciona, e seu maestro recebe o salário mínimo.

Existe, sem dúvida,, por parte de quase todos os dirigentes das agremiações uma compreensão da situação difícil de sobrevivência desses músicos. Sabe-se, inclusive, que os músicos dessa banda são citados como exemplos de uma situação vivida pelos músicos em geral; são raros aqueles que têm a felicidade de viverem somente de sua música. O que esses dirigentes reivindicam é que a pressão dos músicos não recala somente sobre eles e é o que eles acham que tem acontecido. Eles não explicitam que o poder público, através da subvenção às agremiações, arca com, aproximadamente, metade dos custos da orquestra. Mas, por outro lado, essa subvenção não é dada como uma ajuda aos músicos, ela resulta de uma luta constante desses dirigentes. Eles, os dirigentes, ficam na realidade sempre no meio, entre o poder público e os músicos, tentando tirar mais de um para atender as necessidades crescentes do outro. Só que a corda já está bastante esticada, com risco de romper e quebrar esses elos, na medida em que as orquestras pedem cada vez mais, os dirigentes lutam com mais dificuldades de arregimentar recursos e o poder público não tem como cobrir as necessidades de ambos.

"Porque o carnaval é uma orquestra de frevo. Agora, a gente poderia boicotar o músico. Botava um carro de som tocando. E no outro ano eles baixavam o preço, iam tocar. Era a única maneira que a gente podia fazer. Ou então, botar samba na rua."  
(dirigente da Agremiação "O Menino da Tarde")

Diante da questão, sobre o por que esses músicos de orquestra de frevo cobram e os músicos de escola de samba tocam gratuitamente, "por amor à causa", os dirigentes passam a defendê-los comparando os dois tipos de músicos e mostrando suas diferenças.

Em primeiro lugar, enquanto o músico da orquestra necessita de uma formação profissional, o músico da escola de samba geralmente segue uma tradição familiar, aprende a batucada em casa; em segundo lugar, os instrumentos utilizados nas orquestras são dos próprios músicos, enquanto os das escolas de samba são de sua propriedade; em terceiro lugar, o músico de orquestra precisa estudar muito, na medida em que sua formação tem que ser constante e o músico de escola de samba não tem essa exigência; em quarto lugar, os instrumentos de uma orquestra de frevo de rua são muito mais caros que os instrumentos de uma escola de samba; quinto, os músicos das orquestras são muito mais exigidos - musicalmente - do que os músicos de uma escola de samba; sexto, geralmente, o músico da orquestra não faz parte da agremiação, está ali vendendo sua força de trabalho, enquanto o músico da escola de samba geralmente faz parte dela e está ali brincando e não trabalhando.

"Escola de samba, o pessoal está brincando, só batucando...Músicos de orquestra, eles estudaram para isso. É feito um professor, um médico. A profissão deles é aquela...Pode não sair uma escola de samba mas sempre se

arruma 10, 20 pessoas; um arruma um bombo, outro arruma um pandeiro, aí estão batendo, estão no samba. O músico não faz isso, é diferente. Os músicos foram à escola, gastaram muito para aprender....

Um instrumento de um músico é caríssimo, um piston, um trombone; etc. Não pode jogar para o alto. Eles estudaram, tem o Conservatório. Você vê, o sujeito entra no quartel, é músico; entra no exército, ele faz carreira de músico. Lá dentro ele é promovido. Um sambista não é promovido." (dirigente da Agremiação "O Menino da Tarde")

Essa consciência do valor do músico das orquestras foi trabalhada pelos próprios músicos e, hoje, muitos dos dirigentes se apropriam do discurso desses músicos para defendê-los contra uma possível invasão das escolas de samba - essa invasão já é constatada em Recife - para defesa do carnaval olindense, para defesa do frevo, para defesa da forma majoritária desses próprios dirigentes se organizarem - em blocos, em troças, em clubes - sendo imprescindível a essa forma de organização a orquestra de frevo. Mas na hora da contrapartida, ou seja, no momento da negociação do valor da força de trabalho desses músicos, aí surgem conflitos. Enquanto essa questão se encontra no nível do simbólico não existem dúvidas quanto ao valor desses músicos, no entanto, quando esse valor passa para o registro da realidade, da materialidade, da estipulação de seu preço, aí a situação muda.

A orquestra constitui hoje o ponto vulnerável das agremiações. É o ponto que foge de seu controle. É onde se concentra o jogo de poder. É onde é reavaliada a importância de cada protagonista. Todos estão em cena. É onde ocorre a medição de forças entre os músicos, os representantes do poder público, o contratante, os pequenos e os grandes dirigentes de agremiações. Nenhum deles é de antemão o vencedor, há uma grande negociação e ganha quem joga melhor no momento, quem formula a melhor estratégia, quem melhor pressiona, quem melhor seduz. Muitas armas são utilizadas. Todos são atacados como o responsável pela crise que atravessa atualmente o carnaval de Olinda. Em torno da crítica, da crise, está sempre presente a dificuldade crescente, por parte dos dirigentes das agremiações, em pagar o que lhes é exigido pelos músicos.

"Talvez o carnaval de rua até se acabe, porque está ficando caro. Muito caro mesmo. Um músico não quer cobrar menos que trezentos mil cruzeiros por cabeça para tocar 4 horas de relógio."  
(dirigente da Agremiação "Ceroula")

"Eles estão vendendo serviço, está certo. A mercadoria deles é cara, tem que vender caro mesmo. Mas isso é que está estragando o carnaval de Olinda."  
(dirigente da Agremiação "O Menino da Tarde")

Quando o carnaval era mais restrito, tudo era muito familiar e, segundo alguns desses dirigentes, os músicos trocavam muitas vezes sua participação na brincadeira por

uma cerveja, por uma cachaça. Essa situação foi mudando com o crescimento do carnaval, com o surgimento do anonimato, com o crescimento da demanda, com o aparecimento do contratante. O carnaval atual não somente foge do controle dos dirigentes das agremiações, como também foge do controle dos representantes do poder público. A Prefeitura, apesar de ser apontada como a responsável principal pela massificação do carnaval de Olinda, não se preparou para tal mudança, a cidade não foi preparada para receber a multidão, os dirigentes das agremiações não foram preparados e, muito menos, a população local.

Cobra-se do poder público melhoria das condições de infra-estrutura - saneamento -, maior segurança, proteção ao patrimônio histórico, controle da multidão e, por último, viabilização do desfile das agremiações. O poder público é responsabilizado pela sujeira na cidade, pela falta de acomodações, pela depredação do patrimônio, pela multidão que dificulta a passagem das agremiações, pelo afastamento gradual de Olinda da população local no período carnavalesco e, por último, pela dificuldade das agremiações no pagamento das orquestras.

Exige-se uma elevação da subvenção dada aos dirigentes para fazer face, prioritariamente, aos gastos com a orquestra. Os dirigentes das pequenas agremiações criticam principalmente o processo de hierarquização que o poder público, em conjunto com os dirigentes das grandes

agregiações, estabelecem para distribuição de verba.

"Os clubes grandes gastam uma fortuna e a Prefeitura vai dar este ano 12 milhões para eles. Elefante, Pitombelra, Marim dos Gaetés, cada uma vai ganhar 12 milhões. Agora, a Prefeitura vai dar para a escola de samba 8 milhões, que não gasta o que uma troça gasta. O que, por exemplo, a Marrom e Branco gasta, eu gasto só com a orquestra. E vai dar para nós menores 3 milhões e tem grupos que vão receber até 800 mil. Não dá para nada. É um absurdo." (dirigente da Agregiação "O Menino da Tarde")

Essa discriminação tem levado efetivamente a uma diferenciação relevante da qualidade de som adotada entre as diversas agregiações. A hierarquização se impõe através do número de músicos que cada uma pode ter, e esse número é uma decorrência dos recursos disponíveis da agregiação, que, por sua vez, são também decorrência da quantidade de subsídios obtidos da prefeitura. No entanto, o último elo dessa cadeia - a ligação recursos disponíveis na agregiação e aportes da Prefeitura - que, em última instância, determina a qualidade do som das agregiações não fica explicitado no discurso dos carnavalescos. De qualquer modo, a reclamação maior não se dá nesse nível, na disputa entre elas por maior número de músicos. As agregiações clamam, juntas, em coro, contra o poder público que oferece uma subvenção que cobre apenas um dia de pagamento dos músicos quando essas agregiações em geral saem dois dias. E aí, grandes e pequenas, cada uma na sua proporção, enfrentam sérias dificuldades para obter a quantia

necessária ao pagamento do segundo dia da orquestra, além de todos os outros gastos necessários para a brincadeira ir à rua.

Depoimento de um dos integrantes de uma grande agremiação: "Eu acho que para uma pessoa brincar um bom carnaval, eu acho que você com 8 elementos, com 10 elementos, você toca um frevo bom, está entendendo? Mas acontece que os grandes clubes só querem sair com 30 elementos, com 25 elementos, com 40 elementos. Então é isso. Mas os pequenos clubes, não. Você pode observar, no carnaval de Olinda, que os pequenos clubes saem com 12, com 10, está entendendo? Depende de cada um." (figurinista da Agremiação "Pitombeira dos Quatro Cantos")

Depoimento de um dirigente de pequena agremiação: Uma orquestra de 10 homens não funciona, tem que ser uma orquestra de 15, 20 a mais homens. Tem que ter palheta, metal. Sai um som melhor." (dirigente da Agremiação "A Nordestina")

Quando a crítica não recai sobre o poder público, recai sobre a figura do contratante da orquestra. Com a sua entrada em cena, a relação direta que se fazia entre os músicos e os dirigentes é cortada e, com isso, acaba o contrato feito na base da amizade. Os dirigentes, principalmente os das pequenas agremiações, tentam recorrer às orquestras que não têm esse intermediário ou tentam transferir para ela a mesma relação que tinham antes com os músicos: uma relação calcada no conhecimento pessoal e na compreensão da situação financeira de cada um. Antes, a



regra era pedir aquilo que o outro podia dar. Hoje essa regra virou exceção. O contratante é também criticado porque, além de ter uma parcela de responsabilidade pelo aumento dos preços dos músicos, exige ainda o pagamento à vista.

"Às vezes há grande déficit. Porque é o seguinte: a orquestra é caríssima. E eu consigo principalmente dinheiro para a orquestra, que é o principal. E esse dinheiro o músico acabou de tocar quer receber. O contratante chega na 4a feira de cinzas já com o recibo." (dirigente da Agremiação "Pitombeira dos Quatro Cantos")

Quando os dirigentes não conseguem os recursos suficientes para atender o solicitado, quando não conseguem comover os músicos, ou o próprio contratante, a solução, paliativa, tem sido a redução do número de músicos ou, a medida mais drástica, sair sem música ou simplesmente recolher sua brincadeira do carnaval.

Entre os dirigentes há ainda dois aspectos que são mencionados como responsáveis pelo aumento exorbitante do preço dos músicos. Um é decorrente da rivalidade entre as grandes agremiações, Pitombeira e Elefante. A concorrência entre ambas levou cada uma delas a querer cobrir o preço pago pela outra ao músico, no intuito de impedi-lo de tocar na agremiação da rival. Ou seja, pagava-se bem e, como contra partida, exigia-se exclusividade. O outro aspecto é

culpar as agremiações de classe média, compostas principalmente por elementos de fora de Olinda, por bancar qualquer preço exigido pelos músicos.

Enfim, o que se constata é a evidência de uma grande perplexidade diante de uma situação bastante difícil. Nenhum dos protagonistas sabe o que fazer para alterar as perspectivas que se apresentam de forma pessimista, culminando, se nada for feito, com o desaparecimento do frevo, característica fundamental do carnaval olindense e, conseqüentemente, com o recolhimento da maioria das brincadeiras que dependem desse ritmo para sobreviverem.

"Já se fez todo o meio de estratégia para ver se resolve esse problema; mas não tem jeito. Não existe mais jeito. Não tem quem dê jeito porque já se pensou até em não alugar mais orquestra e botar um carro de som. Mas eu pergunto a você: se um clube saísse, do nível da Pitombeira, de Elefante, de Vassourinhas, com um carro de som na rua, você pularia? Eles sabem disso, sabem que se eles não tocarem não existe carnaval." (dirigente da Agremiação "Cheguei Agora")

Passemos agora para as relações entre os representantes das agremiações e o poder público. Dando prosseguimento à análise anterior, retoma-se aqui, de forma mais abrangente, a questão da definição dos critérios que orientam o poder público na distribuição de subvenção para os dirigentes das agremiações carnavalescas. Em seguida, contrapomos as percepções que cada um desses protagonista -

o poder público e a agremiação - têm sobre a administração do carnaval. Trata-se de verificar, a partir dos pontos de vista dos dirigentes das agremiações carnavalescas, as diferenças existentes entre esses protagonistas - da agremiação e do poder público - na delimitação do campo de atuação de cada um na organização do carnaval, envolvendo aí, também, concepções diversas sobre o carnaval.

Está na própria idéia de subvenção e nos critérios que orientam sua distribuição, as críticas mais veementes contra a atuação do poder público no carnaval olindense. No entanto, são raras as agremiações que voluntariamente abrem mão da subvenção. A maioria critica o caráter político que orienta a distribuição da verba, conseqüentemente, a má definição de outros critérios e, muitas vezes, o seu não cumprimento, o favorecimento de uns dirigentes em detrimento de outros, o privilégio dado às grandes agremiações, as injustiças na distribuição dos valores sem consideração dos custos, a centralização do poder público sobre a política de recursos advindas do setor privado para as agremiações, a imposição de condições em troca da subvenção, a perda de autonomia, a perda do apoio financeiro da população local, etc. O poder público de certo modo alimenta essa relação paternalista, reagindo apenas à pressão constante por mais verba. É, também, por conta dessa subvenção que esse poder público coloca-se como um protagonista imprescindível ao carnaval de Olinda. É através do conflito que se estabelece todos os anos entre

os dirigentes das agremiações e os representantes do poder público, na briga pela definição dos valores a serem distribuídos, que se dão as negociações, o poder de barganha de cada um é testado, o poder de definir o lugar de cada um, a disputa pela condução da festa.

Para os representantes das agremiações, o poder público não leva em conta as "necessidades" das agremiações. Como se não houvesse limites, todos acham que merecem mais e esse valor é hipotético, é variável, é mais ou menos estipulado em função dos gastos que cada dirigente acha que sua agremiação deveria ter para ir para rua. É claro que essas necessidades nunca são atendidas.

"Essa contribuição de verba carnavalesca todo ano é problema, porque não existe justiça, dá mais ou menos para outro, a gente que necessita de uma subvenção maior não recebe, morre no assunto...

No dia da reunião, no dia da contribuição desse dinheiro é a maior confusão, todo mundo esquentando a cabeça, principalmente, para quem está pedindo um orçamento mais alto.

Agora, falta mais a cooperação do governo do Município. Cooperação a mais, principalmente, para aquelas que mais precisam. Eu acho que eles deviam olhar e reconhecer que estamos precisando e dar uma verba a mais.

Nós apelamos mais para as autoridades mais competentes, que são os poderes públicos. Isso de onde a gente podia ganhar, ou pelo menos a gente podia ter uma subvenção a respeito do que nossa agremiação merece. E nós temos esse direito." (dirigente da Agremiação "Cariri")

Alguns critérios são estabelecidos mas nem sempre, como apontam alguns entrevistados, são levados a sério, a não ser aquele que dá mais aos grandes e menos aos pequenos. Além do tamanho da agremiação, leva-se em conta também os gastos com a fantasia, o que reforça a subvenção maior para as agremiações Pitombeira, Elefante, Vassourinhas, Marim dos Caetés e Flor da Lira, consideradas as de maior porte e que adotam o tradicional desfile de fantasia, pelas ruas da cidade. Como já mencionamos anteriormente, esses critérios são muito criticados pelos dirigentes em geral. Eles consideram injusta essa classificação que termina por beneficiar sempre aqueles que se encontram em melhores condições financeiras, e prejudicar as brincadeiras menores, com maiores dificuldades de arregimentar recursos, principais responsáveis pela animação da festa.

"Mas o que eu acho é que essas subvenções são muito mal divididas: porque elas criam esses critérios de que o carnaval tem que ser para essas agremiações maiores. Elas não fazem o carnaval de Olinda, tem nome mas não fazem. Fazem carnaval de duas horas, vão embora, passam o dia lá fora e à noite lá fora, em outro lugar: Igarassú, Itamaracá, Itapissuma, e tudo mais. E quem faz o carnaval da rua, noite e dia, até quando termina a 4a feira, são bonecos e blocos pequenos. Só por causa do colorido? Mas quem mantém o carnaval da cidade somos nós, as pequenas agremiações.

...É a agremiação pequena e são os bonecos que ficam alegrando as ruas, mantendo as ruas sempre cheias de gente, atraindo as pessoas.

Não digo nem o prefeito mas a administração, que que eles dizem?: 'Não! Vocês não se apresentam de fantasia'. Mas eu digo, porque fui diretor, fui figurinista de agremiação grande, que agremiação grande

gasta pouco com fantasia porque quem custeja fantasia são seus próprios desfilantes. Que gastam com orquestra, acredito. Agora, as pequenas gastam com fantasia e gastam com a orquestra.

A pequena agremiação fica dentro de Olinda, mantendo o povo na rua, brincando o carnaval. E o que ganha é o mínimo de subvenção. As outras têm condições de sair em quatro, cinco municípios e tirar 5 vezes o preço da orquestra ou da fantasia...Eu não sei porque a administração não vê isso." (dirigente da Agremiação "A Nordestina")

As agremiações menores tentam defender outros critérios, como o de tradição da brincadeira, engajamento maior na animação da festa, maior tempo na rua, maior dificuldade para arranjar recursos: necessitam de um bom som, com pelo menos 15 a 20 músicos. E, por último, denunciam que mesmo os critérios definidos pelo poder público e dirigentes de grandes agremiações não são aplicados igualmente para todos.

"Tem clube que sai com figurino, tem outro que não sai. Então, aquele que não sai recebe mais do que aquele que sai com figurino. Está entendendo?...

Existe um problema também na conversa com nosso presidente que é o seguinte: o secretário de turismo, com todos os poderes, devia pensar que nossa agremiação vai sair dois dias, com uma orquestra de dezoito músicos e tem figurino. Devia pensar que a gente deveria ter uma subvenção mais alta; mas não pensa isso. Agora, dá uma subvenção maior a um clube que não tem figurino, sai de camisa de mela. É esse o debate que vai acontecer." (dirigente da Agremiação "Cariri")

"O homem da Mela-Noite teve 8 milhões. Cariri que é uma troça antiga, mais do que o Homem, deram 3 milhões e meio. E Cariri tem

figurino e o Homem da Meia-Noite não tem. Nós todinhos fomos contra isso, foi aí que ele mandou completar os 8 milhões para Cariri." (dirigente da Agremiação "A Mulher do Dia")

Para ter uma idéia das dificuldades que existem entre as agremiações na distribuição da subvenção, em 1986, segundo alguns dirigentes, as grandes agremiações (Pitombeira, Elefante, Marim dos Caetés, Flor da Lira e Vassourinhas) recebem, cada uma, 50% a mais que O Homem da Meia-Noite, Cariri e as Escolas de Samba; aproximadamente quatro vezes mais do que agremiações do tipo Ceroula; e cerca de sete vezes mais do que os bonecos e outras agremiações pequenas.

Um dos critérios para concorrer à subvenção é a agremiação ter um currículo de pelo menos três anos corridos de experiência na brincadeira e se registrar na Prefeitura. Excluindo as agremiações que têm direito e abrem mão da subvenção - segundo os dirigentes são muito poucas - as demais, que também estão fora desse tipo de apoio, em geral são organizações provisórias, espontâneas e bem pequenas, sem nenhuma pretensão de estabelecer um vínculo mais permanente e comprometer-se na brincadeira como sua protagonista.

"No ano passado o prefeito me disse que não podia entrar no orçamento de minha agremiação. Eu disse para ele: 'meu amigo Zé Arnaldo, eu nunca vou pedir a você para entrar no orçamento

da minha agremiação, eu quero que você dê uma ajuda condizente, porque se eu tenho um orçamento que vai dar 25 milhões de cruzeiros, eu não posso receber 1 milhão e meio. E 25 milhões que eu estou pagando, eu estou fazendo todo meu trabalho, todo meu empenho para o povo, não é para mim. O nome do meu clube é importante... Se você dissesse que a despesa da orquestra você garantiria, a gente aí descarregaria tudo que pudesse fazer pelo carnaval, porque a orquestra a gente já teria garantia." (dirigente da Agremiação "Vassourinhas")

Critica-se o poder público por não ser o carnaval melhor e as agremiações estarem em dificuldades financeiras. Critica-se, ainda, o poder público por dificultar às agremiações o contato direto com firmas interessadas em financiar parte dos gastos de uma agremiação. O problema é que essas firmas exigem, em geral, em troca da "doação", a colocação de faixas associando o nome da empresa à produção daquele carnaval, além da distribuição de camisas com o nome da empresa para os músicos e desfilantes vestirem. Ou seja, a partir de um contrato de cunho privado, estabelecido entre a empresa e a agremiação, muitas vezes (basicamente no caso das faixas) o espaço público acaba sendo usado para propaganda, sem que a Prefeitura usufrua de qualquer benefício por isso. Nesse caso, o conflito é inevitável e o poder público, algumas vezes, acaba por proibir a prática de colocação de faixas.

Critica-se também o autoritarismo desse poder ao definir o tema do carnaval sem consulta aos carnavalescos.



Todos os anos é escolhido um tema para o carnaval de Olinda. No ano de 1986, foi escolhido como título "Carnaval Cometa"; apesar da reação em massa dos carnavalescos, que queriam como tema a homenagem a um antigo carnavalesco, prevaleceu a decisão da Pprefeitura.

"Já estava tudo pronto, não poderia ter mudança em nada; quer dizer então que o carnavalesco não participa, não pode ter uma idéia própria para lançar no arnaval, tem que se sujeitar ao que a prefeitura quer, ao que eles idealizam..."

A única coisa que eles fizeram foi dizer que este ano queriam distribuir a verba, que cada diretor de clube botasse um representante para representar as agremiações para dividir a verba... Então seria 220% a mais do que cada agremiação recebeu no ano passado...mas acontece que não houve isso...Quer dizer, favoreceram uns, prejudicaram outros." (dirigente da Agremiação "Cheguei Agora")

Com o crescimento do carnaval, o poder público passou a intervir mais, inclusive, porque passou a dar uma subvenção mais substancial. A partir desse momento, o povo se retraiu e deixou de dar sua contribuição, considerada fundamental, para o carnaval. O carnavalesco até então dependia do povo para levar a brincadeira adiante; a partir, principalmente, da década de 70, passou a depender do poder público. Transparece no discurso dos protagonistas do carnaval de Olinda o reconhecimento que a entrada em cena do poder público tornou muito mais difícil para o carnavalesco fazer o carnaval, pois a ajuda que a população local deixou de dar foi um grande golpe para a brincadeira.

Além dessa dificuldade de ordem material, soma-se a interferência que o poder passou a ter no controle da festa e na decisão sobre seu funcionamento.

"Então você está precisando daquele dinheiro, você pega aquele dinheiro e começa a fazer aquilo que eles querem...Vamos supor:você vai sair dois dias, você tem por obrigação passar naqueles lugares que eles querem. Está no direito deles...Se eles dão um dinheiro a você e eles acham que você não sai bom, conforme satisfaça a eles, para o próximo ano eles não vão dar aquele dinheiro a você....'Ah, eu dei tanto a vocês o ano passado, vocês não saíram bons, saíram mal...então não vou dar o que dei no ano passado, vocês só merecem isso.'... Eles não dizem isso mas é o que você sente. Se você ganhou esse ano X, você espera para o ano que vem ganhar mais; se você ganhou aquele mesmo X, que que ele quis dizer a você? Que não deu mais prá você porque você não satisfez a vontade, o que ele espera você fazer....

Você determina o roteiro de sua organização, mas se você for fazer uma pesquisa você veria que todo roteiro é um só...Eles querem que passe por ali que é para saber se você saiu ou não...Eles não dizem diretamente." (dirigente da Agremiação "Cheguei Agora")

A questão levantada pelos carnavalescos é que suas concepções são diferentes das que orientam os dirigentes do poder público quanto ao funcionamento do carnaval.

Através dos depoimentos obtidos do poder público, especificamente, da gerência de turismo - órgão mais diretamente ligado à produção e a promoção do carnaval junto aos carnavalescos - percebe-se que a preocupação maior é com a imagem do carnaval, é com o marketing, é com a transformação desse carnaval num bom produto, é com a criação de condições para venda da imagem desse produto, é com a expansão do turismo, é com a adequação da cidade histórica, a preservação do seu patrimônio, com as exigências de um carnaval que ocupa a cidade por quase uma semana, com o dobro de sua população local. Enquanto para o carnavalesco, a preocupação maior é fazer o carnaval que ele gosta, é ter o prazer da brincadeira, é proporcionar a participação de todos na animação da festa. A preocupação é simplesmente em fazer a festa, independente que ela possa trazer de retorno, de lucro.

Os dirigentes das agremiações, de modo geral, afirmam que o carnaval de Olinda, do ponto de vista material, traz prejuízo para eles e lucro para a Prefeitura e para população local. A Prefeitura ganha, principalmente, através do aluguel das barracas à Brahma, à Antartica, à população em geral que queira vender bebida ou comida. A população ganha através do aluguel de uma casa para os que vêm de fora ou através da transformação de sua casa em um grande bar, com bebidas e comidas à venda ou, ainda, através da barraca, alugada à Prefeitura. O carnavalesco, que propicia esse espaço para a Prefeitura e para a

população local, ressentindo-se de um apoio maior de ambos, a fim de suavizar os altos custos que assumem ao organizar o carnaval: uma festa que não é só para si, é também e principalmente para os outros.

"A prefeitura atual, desde Germano Coelho, ela cobra taxa de barraqueiros, cobra da empresa que bota bebidas, cobra de quem bota faixa na rua fazendo propaganda do carnaval. É uma nota! E ela não dá um dinheiro bom para o carnaval. Eu disse para o prefeito atual: A animação do carnaval custa uma nota. Se agremiações não saírem, vocês vão fazer carnaval de clube, mas não o folguedo de rua...O que é que é o carnaval de Olinda sem os desfiles do Elefante, da Pitombeira, de Vassourinhas, do Homem da Mela-Noite, de Cariri, da menor troça que tiver? Perde a animação. Quer dizer, então deviam dar uma verba melhor para esses clubes se apresetarem melhor...Ficam naquela, dizendo que a prefeitura tem prejuízo...É preciso entrar num tratado de carnaval, porque a coisa tá difícil...

Quem dá despesa à prefeitura não é o carnaval; o carnaval dá lucro. Agora, essas festas, comícios, essas reuniões políticas, essas coisas, isso dá despesa e não tem retorno." (dirigente da Agremiação "Vassourinhas")

"Os moradores alugam uma casa para você passar o carnaval, de 6a feira até 4a feira de Cinzas, por uma nota. Agora, não dão nada aos clubes." (dirigente da Agremiação "O Menino da Tarde")

Como tentativa de rompimento do círculo vicioso criado entre o poder público e as agremiações, em torno da subvenção, um dirigente, com o apoio dos demais, reivindica

o lucro do aluguel do ponto das barracas. Com isso se esvaziariam os constantes conflitos em torno da determinação do valor da subvenção. Com isso abririam mão de qualquer subvenção da Prefeitura, e as agremiações retomariam o poder de articulação entre elas, de negociação com as empresas e com a população local para definição da política e da gerência dos recursos a serem arrecadados e distribuídos entre elas. Os dirigentes das agremiações assumindo a negociação do espaço para as barracas, estariam tirando do poder público não só uma fonte de recursos como também uma fonte de poder.

"Eu disse para eles (a Prefeitura): 'você não têm prejuízo com o carnaval... faça o seguinte, dê a cada clube dez barracas para ele explorar no carnaval; não dê dinheiro, não dê nada...'. E eles não querem... 'isso aí tem que ficar sob a coordenação da Prefeitura'. (dirigente da Agremiação "Cheguei Agora").

Como a Prefeitura não admite perder o controle do lugar público, que, no caso, lhe reserva algum controle sobre as agremiações, isto aparece para os carnavalescos como um enorme poderio, com altos interesses por trás:

"Mas as altas transações que eles fazem, a gente não sabe. Eles não deixam a gente a par de nada. Deixa a par o seguinte: 'estou pagando tanto milhões às agremiações'... Mas quanto é que está entrando, ninguém está sabendo, não é? Aí dizem: 'Ah, o município não tem condições.' Concorro plenamente, não tem condições. Não devia nem dar dinheiro à gente, porque

a gente sai de qualquer jeito. Agora, as transações a gente está sabendo que são transações altas." (dirigente da Agremiação "Ceroula").

Também é sempre lembrado pelos carnavalescos o papel do poder público relacionado à divulgação do carnaval e à preparação da infra-estrutura da cidade para receber o carnaval; e o papel do carnavalesco relacionado a sua concepção, organização e controle.

"Tudo para mim começou na gestão de Germano Coelho...Ele procurou divulgar muito o carnaval. Então, isso foi quando começou realmente o carnaval de Olinda ter esse nome que tem...porque até antes de Germano Coelho, o carnaval era realmente dos olindenses...mas era um carnaval que não existia nome." (dirigente da Agremiação "Ceroula").

Mas, ao mesmo tempo que os carnavalescos brigam por uma autonomia maior, um controle maior sobre a festa, é muito ambigua a relação deles com os representantes do poder público, em vários níveis. Exige da Prefeitura o suprimento das lacunas sentidas pelos carnavalescos, atribuindo-lhe muitas vezes o papel de mediador na solução das crises a) entre os carnavalescos, na definição dos critérios para distribuição da subvenção; b) entre os carnavalescos e os músicos no preço solicitado pelos músicos aos carnavalescos.

"Eu acho que o problema está nos carnavalescos também. Porque de modo a condenar o prefeito e a condenar o secretário de turismo, somente eles, não. Os carnavalescos podem muito bem fazer uma sociedade com todos os carnavalescos. Se reunir, fazer reunião e convocar o senhor prefeito, que ele tem obrogação de vir e o secretário de turismo: 'Olhem, tal dia tem reunião na sede do seu fulano de tal e o senhor vai comparecer para ver o que é que nós estamos discutindo sobre o carnaval.' Mas não. Todo mundo cruza os braços, deixam o critério do secretário de turismo e o critério do senhor prefeito, e quando é em cima do carnaval que o prefeito toma as suas decisões, aí todo munda quer tirar o pé da lama. Aí é tarde meu amigo." (dirigente do "Maracatu Piaba de Ouro").

Como a Prefeitura não tem apontado para uma solução da crise que as agremiações vêm atravessando, eles não tem outra alternativa senão a de recorrer a firmas comerciais e à empresas. Como não existe ainda uma política estabelecida que oriente esses contatos, ocorre uma fragmentação de recursos:

"A Pitú me deu 150 camisas e 4 grades de Pitú. Qual o deputado, senador aqui que faz isso com a agremiação carnavalesca? (dirigente da Agremiação "A Mulher do Dia")

"Eu comecei a deixar de ir de casa em casa...porque era uma contribuição pequena. Aliás incerta, porque as famílias não podiam...Então, passei a trabalhar em firmas grandes. E pessoas do comércio." (dirigente da Agremiação "Pitombeira dos Quatro Cantos").

Ou as relações pessoais:

"Tem assim esses amigos que a gente arruma assim: vamos na casa de fulano de tal. Então ele tem um armazém: Olha fulano, estamos precisando disso. 'Ah, leva'...Tem a Pitú que nos fornece a pipa; a Brahma nos deu uma parte do que a gente vai consumir. Nós vamos consumir 150 caixas de cerveja, ela deu 50. A Maguary, nós conseguimos o suco...Para você ter uma idéia, essa pipa nos leva, nos 2 dias, 40 caixas de aguardente. Cada caixa tem 24 garrafas. E leva 40 de suco." (dirigente da Agremiação "Ceroula").

Em suma, uma negociação que escapa ao controle das agremiações:

"Aqui em Olinda não tinha fechado porque Flávio (gerente de turismo) queria negociar e a Brahma e a Antártica no ano passado ficaram de fora. Eles disseram que negociar com o carnaval de Olinda não queriam. Eles ajudavam o carnaval de Olinda. Negociação não queriam. Então a gente soube, por intermédio do pessoal da Brahma, que a Brahma deu 35 milhões e a Antartica deu 35 milhões." (Dirigente da Agremiação "Ceroula").



## CAPÍTULO IV

## O DISCURSO DO PODER PÚBLICO

Passemos para a análise das representações dos protagonistas do poder público sobre a rede de relações por ele estabelecida que preside ao funcionamento do Carnaval Olindense.

Quais as atribuições que o poder público se atribui na produção do carnaval? Quais as identidades, os conflitos, as relações hierárquicas entre os protagonistas? Qual o jogo de poder e quais as estratégias para fazer valer o seu carnaval? Quais as causas apontadas que justificam as dificuldades enfrentadas atualmente no carnaval de Olinda? Quais as mudanças ocorridas que levam o carnaval a entrar no jogo do mercado? São esses temas que se sobressaem nos discursos dos representantes do poder público.

Várias instituições, municipais e estaduais, prestam serviços, em diversos níveis, para o carnaval.

"Na Prefeitura, quer dizer, a coordenação fica subordinada, não subordinada, mas fica de responsabilidade mais com a Gerência de Turismo. Na medida que a gente vai se aproximando do carnaval, as entidades e a secretaria da Prefeitura, os

organismos da Prefeitura, vão se envolvendo, de acordo com suas afinidades. Por exemplo, no caso da Secretaria de Saúde, ela monta o esquema dela para no período do carnaval ter um atendimento médico em condições de atender a um grande público, então ela monta um posto médico no reduto mesmo do carnaval; e o Pronto-Socorro recebe um reforço. A Empresa de Urbanização cuida da limpeza; ela tem um setor de eletricidade que faz toda a iluminação da cidade, as gambiarras, a instalação, e participa indiretamente ou conjuntamente conosco no fechamento da cidade para a não entrada de veículos.

A Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos faz o fechamento das praças para proteger, para não existir depredação. A assessoria de imprensa faz todo o procedimento de divulgação junto aos órgãos de imprensa. Então, cada espaço da Prefeitura que teria ou tem a ver, participa do carnaval. Então há na verdade uma união de todos os segmentos para fazer o evento... Bom, o policiamento, essa questão da segurança, entra a Polícia Militar e a Secretaria de Segurança Pública. Eles fazem reuniões conosco e a gente dá as informações para eles fazerem o planejamento adequado. O Detran, juntamente conosco, discute o procedimento de trânsito, porque a cidade no período do carnaval é totalmente alterada." (dirigente da Gerência de Turismo)

Ao lado dessas medidas mais administrativas, ligadas a equipar a cidade de uma infra-estrutura mínima para receber o Carnaval, também se menciona, os auxílios dados pela Prefeitura, através da Gerência de Turismo, às agremiações. Os mais citados são a criação dos focos de animação - com o objetivo de atrair parte da multidão, deslocando-a das ruas onde tradicionalmente desfilam as agremiações-, a concessão

do Centro de Arte Popular (antigo Clube Atlântico Olindense, batizado como Cheiro de Povo), de propriedade da Prefeitura, que em troca de uma taxa mínima, cede seu espaço às agremiações interessadas em promover festa para arrecadação de dinheiro para sua brincadeira; e a subvenção dada às agremiações. Segundo o Prefeito são 175 agremiações que recebem subvenção em 1986.

Em torno dessas medidas, arma-se uma ampla discussão com questionamentos diferentes, pontos de vista diversos entre os agentes do poder público e das agremiações e, mais ainda, entre os próprios agentes do poder público.

Já vimos as reações dos dirigentes das agremiações com relação aos apoios recebidos do poder público e com relação à atuação desse poder na produção do carnaval. Trata-se agora de situar os conflitos internos entre os agentes do poder público e seu posicionamento em relação ao carnaval.

Em primeiro lugar, vale mencionar que, nesse período, a Prefeitura de Olinda é formada por uma frente política, agregando pessoas de partidos e tendências diferentes, refletindo-se, também, em visões diversas sobre a relação do poder público com o carnavalesco e com o carnaval.

As diferenças começam na visão que cada um tem do funcionamento do carnaval e, conseqüentemente, do

encaminhamento político sobre cada questão.

Para além do discurso dos carnavalescos e dos agentes do poder público, que caracteriza o Carnaval de Olinda pela mistura, pela participação popular, já vimos, também, que ele se caracteriza pela existência de hierarquias: pela presença de carnavais diferentes para públicos diferentes (o carnaval na cidade alta, com as orquestras de frevo na rua; e o carnaval na cidade baixa, nos focos de animação com o som do trio elétrico). Veremos agora que Olinda tem um carnaval participativo mas não igualitário: os públicos não perdem sua identidade, eles se misturam, mas as diferenças existem, as hierarquias se manifestam. Não é a mesma hierarquia tal como se dá no cotidiano da vida dessas pessoas, mas é uma hierarquia própria do mundo carnavalesco e, particularmente, própria a cada carnaval, no caso, o de Olinda.

Na ótica dos agentes do poder público, o carnaval é múltiplo e para alguns, numa posição mais radical, é segregativo: os grupos não se misturam. Não há inversão, há uma continuidade dos conflitos sociais presentes na sociedade. É uma percepção minoritária, de alguns agentes do poder público e carnavalescos, que representam o carnaval de Olinda como um reflexo, uma reprodução da vida social. Nesse caso o Carnaval reproduz o comportamento racista existente em nossa sociedade e, ao invés de dar outro tratamento, coerente com a realidade carnavalesca,

reforça esse comportamento. O preto é pobre, o branco é rico, eles não se misturam nem no espaço social do dia a dia, nem na brincadeira de rua durante o carnaval e, num e noutro caso, discrimina e tenta excluir o pobre. O carnaval, nesse ponto, não consegue, portanto, criar um novo universo de relações, de hierarquias próprias ao mundo carnavalesco.

"Existe no carnaval de Olinda um forte componente de racismo. Existe um carnaval dos brancos de classe média e existe um carnaval dos negros pobres, que não se misturam. E hoje a gente está tendo até nesse carnaval um conflito. Estão querendo desativar o carnaval de Ampara, que é o carnaval dos negros e centralizar o carnaval dos brancos, jogar mais as orquestras nessas áreas: Pátio de São Pedro, Carmo, que é o carnaval dos brancos, dos ricos. Então, essa questão é típica, a elite brasileira, mesmo de esquerda, tem esse rótulo, ela é racista. Ela é insensível às realidades do povo." (dirigente da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos, em 1986)

Outra percepção, mais comum entre os carnavalescos e dirigentes da Prefeitura, é a criação e os deslocamentos de espaços próprios, de hierarquias próprias como condição de convivência de todos. Não se trata de estabelecer inversões, nem reproduções da realidade externa ao carnaval; o carnaval cria valores que o tornam peculiar. - defesa do tradicional, do olindense, do frevo de rua.

"O público que está na parte baixa da cidade, assim por aquela Avenida Sigismundo Gonçalves, Praça do Jacaré, e o Carmo, Praça de São Pedro e Praça da Abolição é um público diferenciado do tradicional. Porque dão preferência a um conjunto de frevo onde tem instrumento eletrônico: enquanto o olindense, ele não gosta do instrumento eletrônico, prefere o metal, trombone, sax e outros instrumentos prá frevo e frevo de rua... O carnaval de Olinda tem dois públicos: tem o tradicional e tem esse, de vanguarda, que vai chegando, fica na frente dos palanques pulando ao ritmo do frevo, brincando. Mas o povo de Olinda gosta mesmo é de acompanhar agremiação, subir ladeira e descer pelas ruas estreitas. Esse que é o verdadeiro carnaval," (membro da Assessoria de Imprensa da Prefeitura e dirigente da Agremiação Olinda Quero Cantar)

Mesmo quando se caracteriza o carnaval de Olinda como carnaval participação, onde todos brincam, onde tudo se mistura, onde não há espaço preferencial, fechado, na medida que é a cidade como um todo que se transforma neste espaço, isso não quer dizer que não haja conflito, que não haja disputa, que não haja hierarquias. A mistura não exclui a diferença e, no caso, ela cria novas relações sem que as pessoas deixem de ser elas mesmas, ou seja, Sr. Severino não deixa de ser Sr. Severino, só que ele faz coisas e age de maneira carnavalesca, durante o carnaval. Não há inversão de papel no sentido do pobre se transformar no rico ou vice-versa, nem há uma reprodução das relações que se estabelecem no seu cotidiano. Não quer dizer, também, que o mundo do carnaval não tem nada a ver com o contexto socio-econômico-cultural dos que o fazem. É esse

contexto, misturado com os outros contextos que vêm de fora e mais a prática carnavalesca de todos os anos que determinam a especificidade do carnaval de Olinda.

"E o interessante disso tudo é que o carnaval de Olinda você não tem, por exemplo, as classes sociais, o espaço reservado para elas. Existe na verdade a grande mistura, todo mundo entra na panela e todo mundo encontra o seu espaço. Então o carnaval de Olinda é o povão, é o rico que vem para cá fazer média, para dizer que esteve no carnaval de Olinda, porque ele não vai entender, lamentavelmente ele vem aqui, passa e não entende o carnaval de Olinda. Ele é muito mais para subir numa mesa lá no Scala ou onde quer que seja e abrir uma champagne e ver um bumbum na frente muito bonito, e no outro dia dizer que foi uma beleza, do que vir por causa do status que o carnaval de Olinda vai dar a ele.

Mas aqui tudo se mistura e o pessoal se encontra e ninguém faz cara feia, porque não existe nem espaço para isso... Então, ele tem que estar sujeito a ver na frente o pessoal todo bonitinho, de máquina tira-colo, perfumado... de repente passa Sr. Severino da Silva todo de estopá, esculhambado e agarra ele e bebe do copo dele e ele tem que dar a bebida, sabe? E vice-versa. Quer dizer, na hora "H" existe uma relação que é intensa e é o bonito do carnaval, inclusive, uma das coisas mais bonita do carnaval é exatamente isso: é o espaço livre, independente de classe social, totalmente aberto. Eu acho que é um traço fortíssimo." (dirigente da Gerência de Turismo)

Ou ainda:

"Então junta tudo, o carnaval de Olinda é uma mistura de tudo... o que você procurar você encontra no carnaval. Agora, acho que a

característica principal do carnaval, daí a sua força, é exatamente ser uma manifestação naturalíssima do nosso povo, da nossa gente. Quer dizer, as raízes culturais do povo de Olinda elas são expressadas nessa manifestação maior da comunidade, que é o carnaval. E aqui tem uma coisa assim muito interessante... você, durante o carnaval, você não distingue quem é olindense e quem é de fora. Quer dizer, você tem os turistas, a coisa hoje complicou um pouquinho, porque de repente apareceu o Hotel Quatro Rodas aí que quis fazer um gradeado numa casa da Praça São Pedro, jogar os turistas que iam para lá, essa coisa toda. Aconteceu esse ano e a repercussão não foi boa. Mas naturalmente as pessoas que vêm para o carnaval de Olinda, o turista estrangeiro, ele se mistura, está certo? Ele integra e passa a viver o espírito do olindense. Esse espírito de alegria, essa coisa toda." (Prefeito de Olinda, em 1986).

Outro aspecto, bastante polêmico, entre os dirigentes das agremiações e os dirigentes da Prefeitura e que, de certa forma, tem tido um tratamento privilegiado no decorrer de todo trabalho, diz respeito ao papel do poder público no o carnaval. A pergunta é se ele estabelece uma relação de dominação com os carnavalescos, se ele interfere no carnaval, se ele tenta discipliná-lo. Do mesmo modo que os carnavalescos são, de um modo geral, bastante críticos à atuação do poder, principalmente, quando este trata da questão da distribuição da subvenção às agremiações: os dirigentes do poder público também se dividem e assumem posições e estratégias diferentes na sua relação com o carnaval.



Quando a pergunta é sobre a definição do que é o carnaval, a questão é mais conceitual, mais discursiva, parecendo existir uma identidade entre os protagonistas, uma homogeneidade que só é de fato abalada quando se aproxima da análise concreta de situações, de relações concretas, que visam determinar especificidades, que visam estabelecer as diferenças, que visam conceituar não qualquer carnaval, através de um categoria abstrata, global, mas definir, conceitualmente, o carnaval de Olinda.

É em torno da questão da subvenção que aparece com maior transparência para alguns representantes da Prefeitura, o que tem sido o carnaval de Olinda, qual o papel desempenhado pelos seus protagonistas. Apesar da maioria dos agentes do poder público aceitar a idéia da subvenção como um dado natural e um direito dos carnavalescos sem maiores questionamentos, alguns, por razões diversas, são radicalmente contrários a essa relação que se estabelece, via subvenção, entre o poder público e as agremiações. As categorias por eles mais utilizadas na definição dessa relação são paternalismo, autoritarismo, interferência, controle e dominação.

"É tentar controlar para poder dominar. É que faz parte de toda estratégia de poder. Tem uma outra razão que é de ordem cultural, sócio cultural: é que ao mesmo tempo em que o carnaval começou a ter um caráter de desconcentração, mais liberalizante, o município não chegou a formular uma proposta de como manter isso, de como estabilizar essa descentralização.

Então, paralelo a isso não foi, por exemplo, abolido esse tipo de coisa como subvenção que é ainda uma coisa típica de um sistema centralizador, não é? É típica até da ditadura mesmo.

Eu acho que talvez o município fosse um elemento animador permanente do carnaval. Fornecesse subsídios para que as agremiações procurassem recursos, procurassem divulgar, produzissem certas histórias de cada clube numa brochura pequena e estimulasse ele a vender. E cortasse o subsídios e acrescentasse pequenas ajudas aos clubes que tivessem ação educacional, social e aí dava um novo apoio. Quer dizer, cada vez fosse enraizando mais as agremiações. Esse poderia ser um caminho mais participativo. Mas não, se optou por manter essa questão como uma questão intocável. Então ela é eternamente desagradável. E ninguém vai conseguir estabelecer um critério para que um Urso, por exemplo, ganhe menos do que um outro tipo de agremiação. Sempre vai haver pessoas se achando injustiçadas. E fortalece nos dirigentes de agremiações a visão paternalista de Estado." (dirigente da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos, em 1986)

"...insatisfação geral dos clubes com relação às subvenções. E eu, particularmente, sou um pouco contrária a que o município, que dispõe de pouco dinheiro, vá subvencionar os blocos pra sair no carnaval. Eu acho que caberia ao município no máximo dar infraestrutura para que o carnaval acontecesse." (dirigente, em 1987, da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos).

"Todo mundo diz que o carnaval quem deve fazer é o povo, mas na hora 'H' todo mundo quer que a Prefeitura dê uma verba para fazer os carros alegóricos, fantasias, que olhe tudo. Não deveria ser por aí, mas acontece." (membro da Gerência de Cultura da Prefeitura).

Outros, evidentemente, afirmam que é de forma democrática que os critérios são estabelecidos.

"As agremiações se reúnem em assembléia e indicam quatro representantes. Com a Prefeitura se forma uma comissão... isso foi adotado a partir desse ano. Mas sempre discutimos com as agremiações o valor que seria pago... quer dizer, é uma colaboração, é uma ajuda que a prefeitura dá, mas hoje a gente pode dizer que essa ajuda é uma ajuda simbólica. E esses critérios são estabelecidos democraticamente pela assembléia das agremiações... Em função da categoria, do número de desfiles, quer dizer, é uma série de fatores que eles utilizam para que esses valores sejam estabelecidos." (Prefeito de Olinda em 1986).

"A decisão é uma decisão democrática, aconteceu nesse ano de 1986, os carnavalescos fizeram uma assembléia e elegeram representantes de cada tipo de agremiação: de urso, de escola de samba, de blocos, de maracatus, de troça, de clube... Então, esses representantes classificaram o tipo de agremiação pela representatividade, pelo número de desfilantes, pela categoria, pelo horário que desfila. Porque, geralmente quem desfila no domingo à noite ou à tarde, o preço da orquestra é bem maior. Quem desfila no sábado pela manhã o preço é menos que o músico cobra. Então foram observados esses critérios. Então foi esse grupo de pessoas, escolhido pelos próprios dirigentes de agremiações, que determinaram, classificaram cada tipo de agremiação." (membro da Assessoria de Imprensa da Prefeitura e dirigente da Agremiação Olinda Quero Cantar).

Os critérios não são tão rígidos. Esse mesmo agente diz em outro momento:

"A decisão é do carnavalesco. Observando o seguinte, a agremiação. A gente observa até a situação econômica de quem faz a agremiação... por exemplo, a Ceroula... a gente dá uma pequena ajuda para não deixar de dar, mas eles não precisam."

Quando se menciona a autonomia dos carnavalescos, não interferência do poder público, toma-se como referencial básico o fato do carnaval acontecer no espaço aberto, sem nenhum tipo de esquadramento desse espaço. Mesmo havendo vários carnavais, vários públicos, vários locais discriminados, a circulação é livre e as agremiações são livres. O poder público então, ao resgatar este espaço (eliminando a passarela, a arquibancada, o palanque), resgata também a liberdade para as agremiações:

"Uma das grandes vitórias do MDB em Olinda, da orientação política do MDB foi exatamente essa. Quer dizer, você transformar uma festa popular numa festa efetivamente. O que não era antes, está certo? Quer dizer, você tinha todo um rigor oficialismo na coisa. A prefeitura dizia: 'tal clube tem que passar por aqui, tal hora, essa coisa toda!'. Então nós conseguimos, eu digo, o MDB conseguiu fazer com que isso desaparecesse e o povo realmente assumisse a direção dessa extraordinária festa". (prefeito de Olinda, em 1986)

"A Prefeitura tem cuidado mais da infra-estrutura de apoio e não cuida de

interferir ... O Prefeito, se quiser assistir o carnaval, está no meio da rua, andando no meio do povo, brincando em agremiação..." (membro da Assessoria de Imprensa da Prefeitura e dirigente da Agremiação "Olinda Quero Cantar")

As diferenças de percepções não se dão, portanto, em cima, assim, de um confronto em torno de uma mesma idéia. As diferenças se dão através de percepções sobre ângulos diversos, ou seja, dependendo da direção do olhar, na escolha do objeto. Enquanto alguns tomam como exemplo a distribuição da subvenção para denunciar a interferência do poder público na organização das agremiações, outros tomam como exemplo o caráter participativo desse carnaval, num espaço totalmente aberto, para defender a autonomia dos carnavalescos na produção e direção da brincadeira. Assim sendo, a interferência do poder público pode ser vista como paternalismo ou apoio, e a liberdade do carnaval, como participação ou descaso, descompromisso. O mesmo ator que condenava o paternalismo, exalta a participação, e vice-versa. Algumas agremiações condenam o paternalismo, mas reclamam mais apoio, outras defendem a participação, mas também a subvenção. Essas categorias não são, portanto, absolutamente positivas nem negativas, são táticas discursivas. Não se trata, portanto, de estabelecer quem está com a verdade, qual o verdadeiro carnaval, qual a percepção correta. Ambas existem e ambas definem o carnaval de Olinda, ambas definem uma rede de relações concreta entre os protagonistas e uma atuação.

Mais do que essa questão da interferência, o que mais preocupa os dirigentes do poder público tem sido a perda de controle do carnaval, não só pelos carnavalescos mas por eles próprios, devido ao seu contínuo crescimento. Essa perda tem levado carnavalescos e poder público a se indenticarem quanto aos problemas que esse crescimento tem criado para a infra-estrutura da cidade, quanto as dificuldades de preservação do patrimônio, quanto a necessidade de preservação da diversidade de brincadeiras, quanto à manutenção dos desfiles das grandes agremiações.

Na medida em que esses atores - do poder público e das agremiações - não criam condições para resgatar o controle e condução da festa, acentua-se a crise que todos percebem. As alternativas pensadas até o momento dependem, em grande parte, da boa vontade de terceiros. O que tem trazido uma incerteza quanto ao futuro desse carnaval.

Como começou essa história:

"Tirou-se o palanque que tinha, de Germano. Não se exigiu horário e nem roteiro das agremiações. Então, começaram a surgir agremiações espontâneas, grupos. Quer dizer, e também não se exigia muito uma qualidade. Então, você tinha desde as agremiações que se esmeram pela qualidade - Pitombeira, Elefante, Vassourinhas - até qualquer grupo de quatro ou cinco, ou tipo Siri na Lata, que há quatro anos sai sem orquestra, porque a orquestra na hora não aparece. Tem também o Segura a Coisa, etc...

Então, isso tudo gerou uma desconcentração no Carnaval de Olinda que atraiu muito, não é?" (dirigente da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, em 1986)

Visto no início como positivo, esse crescimento começou a inquietar:

"A cada ano vai surgindo mais blocos, vão se organizando mais grupos e para a Prefeitura é um peso muito grande." (membro do Setor de História da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda).

"Hoje o esquema de carnaval é muito pesado porque o carnaval inchou tanto que não há mais quem controle. Nosso maior recelo é exatamente esse." (assessora da Secretaria de Planejamento da Prefeitura).

E as soluções que têm sido levantadas são puramente passivas:

"Nós temos procurado, nos últimos anos, fazer o mínimo de publicidade possível com relação ao carnaval de Olinda... Eu acho que se ele extrapolar esse número imenso de pessoas que já buscam o carnaval de Olinda, nós vamos ter graves problemas". (prefeito de Olinda, em 1986).

"O Carnaval de Olinda cresceu demais, entendeu? Há dois anos atrás Arnaldo (prefeito) dizia: 'Deus queira que o carnaval de Recife cresça!' Porque a gente não tem condições; é uma

questão de equipamento ." (membro do Setor de História da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda).

"Qual foi a estratégia? Simplesmente deixou-se de divulgar o carnaval de Olinda. Não se divulga mais. Nós não fazemos nenhum cartaz para fora, para passar em São Paulo, no Rio. Só para passar em Olinda... Segundo, objetivamente a gente tem estimulado, tem aconselhado, tem sugerido, tem proposto, tem orientado o pessoal de Recife a fazer um carnaval participação, como esse ano o prefeito eleito pelo povo, Jarbas Vasconcelos, está fazendo. Então essa participação popular no carnaval de Recife deverá diminuir um pouco, reter uma parte desse pessoal que vem para o carnaval de Olinda." (assessor da Gerência de Turismo da Prefeitura).

"Porque a tese que eu defendia era que o carnaval de Recife deveria ser restaurado. Porque o carnaval daqui precisava do carnaval de Recife forte... Então, você estava começando a deteriorar o carnaval de Olinda por força da falência do carnaval de Recife. Então, eu defendi isto no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. A minha tese era esta: você tem que fortalecer o carnaval de Recife para salvar o carnaval de Olinda". (prefeito de Olinda, em 1977, e Secretário da Secretaria de Planejamento da Prefeitura, em 1986).

Esse crescimento do carnaval ameaça a cidade e ameaça, sobretudo, o carnaval. Quando o poder público e os carnavalescos perdem seu controle, está em jogo a manutenção das características fundamentais desse carnaval - carnaval participação popular, carnaval de rua, carnaval



comandado pelas agremiações. E aqui, é importante mencionar como a Prefeitura classifica o público que faz e que participa do carnaval olindense.

Para a maioria dos dirigentes - do poder público e das agremiações - é o público que garante ao carnaval ser dessa forma e não de outra. E, na composição do público do carnaval de Olinda, o principal é o "povo" - categoria usada por todos os protagonistas para caracterizar, grosso modo, o olindense. As famílias tradicionais de Olinda, tão mencionadas por todos como fundamental para a animação da festa, está incluída nesta categoria de povo, os foliões olindenses que acompanham as agremiações também constituem o povo e, muitas vezes, os dirigentes das agremiações e os artistas recebem esse tratamento. Quem nunca fez parte dessa categoria são os turistas e os participantes daquelas agremiações formadas pela maioria de elementos de fora de Olinda, como Eu Acho é Pouco, Siri na Lata, etc.

"O povo perdeu o hábito do cinema, a televisão acabou com o cinema. Bom, então com isso, continua, se você anda pela cidade durante o ano, continua os grupos comunitários se reunirem nas esquinas, nos Quatro Cantos, no Bonsucesso, batendo papo... é esse pessoal que mantém o carnaval, mantém vivo o carnaval. Que borda, costura. Nenhum homem aqui tem escrúpulo de dizer que borda... a noiva, a namorada, a mãe, fica todo mundo trabalhando.

O bem maior que nós temos, em termos de turismo cultural, aqui em Olinda, é o povo olindense. A gente tem plena consciência disso. Então esse povo deve ser respeitado, deve ser protegido, deve ser estimulado.

Defendido.

Continua acontecendo o carnaval tradicional. Carnaval da comunidade olindense, carnaval muito comunitário. As famílias, as disputas dos clubes, principalmente, os clubes de classe média... Ao lado desses tem o povoão brincando com seus ursos, com suas troças, com seus grupos de mascarados, sujos... O Homem da Meia-Noite, com os ursos, com os maracatus fazendo pelo gosto de brincar. Menos pela disputa, porque não participam, mas animam o carnaval.

Você vai encontrar a cidade se enchendo também de familiares que aproveitam o carnaval para retornar. Encontrar os parentes antigos, rever os olindenses que estão aqui. Uma parte substancial desse pessoal que brinca o carnaval de Olinda, não é o olindense residente, mas o olindense que está fora e aproveita o carnaval para vir para cá é o reencontro com a família... O carnavalesco defende o carnaval porque o pai já brincava naquele clube, o avô já brincava naquele clube, foi o fundador. Então, o carnaval serviu para agregar, para consolidar esses laços familiares. "(assessor da Gerência de Turismo da Prefeitura)."  
(1)

1 Outros depoimentos nesta direção: "Quer dizer, o carnaval de Olinda tem disso, ele nasce do sentimento do povo, da força do povo." (prefeito de Olinda, em 1986);..."E eles não entendem (o Estado) que o carnaval de Olinda é uma expressão mais pura da manifestação do povo... é o comportamento do povo que está ali livre, acontecendo e se mostrando." (dirigente da Gerência de Turismo);..."Mas esse clima dionisíaco que o povo de Olinda tem tão presente é que eu acho que faz Olinda ser um centro muito palpitante, muito vivo de manifestações populares." (representante da Gerência de Cultura da Prefeitura);..."O povo de Olinda preferiu se aglutinar em torno de festas e atos religiosos. Ele não é orgânico na sua participação comunitária, ainda, embora seja mais até do que em alguns municípios da região metropolitana. Não é orgânico na sua vida partidária. Não é muito orgânico na sua vida econômica. Mas é um povo que é extremamente orgânico no carnaval...as agremiações realmente têm vida, que dura o ano inteiro. Ela tem uma infra-estrutura de bordar de preparar, de armar os adereços, de arranjar dinheiro, de se virar, de promover bingo, de ter livro de ouro, de tudo isso que dá uma dinâmica à sociedade. Eu hoje, até acho que se tivesse de tentar construir alguma coisa na cidade, com a participação popular, teria que ser do carnaval. Ou aproveitando as

Outro ator importante do carnaval de Olinda são os artistas olindenses - artistas plásticos e artesãos. Esses artistas já se constituíram como um grupo de protagonistas do carnaval, independente do grupo dos dirigentes das agremiações. Eles desempenharam, principalmente, a função de programação e execução da decoração da cidade e participavam ativamente das discussões em torno do carnaval, se fazendo sempre presentes nos desfiles das agremiações. Atualmente, esses artistas não mais desempenham, enquanto categoria, a função de decoradores das ruas de Olinda, nem mais se constituem como um grupo independente. Eles continuam participando do carnaval mas se encontram diluídos nas instituições públicas - programando, como agentes do poder público, as atividades carnavalescas, inerentes às atribuições do órgão que fazem parte - ou se encontram participando das agremiações- como seu dirigente, como figurinista, como programador visual, etc., ou, ainda, prestando serviço

---

boas experiências ou as más experiências que têm as organizações carnavalescas. Porque me parece que são as únicas instituições que funcionam o ano inteiro na cidade. Eu acho que a maior prova de vitalidade de Olinda é o seu carnaval, muito menos pelo o que ele mostra nos três dias e mais pelo o que é o ano inteiro. De aglutinação, de história. As pessoas se envolvem. São amigas, são adversárias mas jamais inimigas. É engraçado como todas as pessoas que são carnavalescas em Olinda, elas se respeitam." (dirigente da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, em 1986).

profissional, como autônomo para as agremiações- produção de bonecos. (2)

"Esses artistas, eles já não têm esse tipo de ligação tão forte, não é? A participação deles no carnaval já vem em cima de blocos que surgiram de forma alternativa e que hoje se institucionalizaram. Aí, você tem a Cobra (uma cobra de pano enorme, oca, carregada por uma centena de pessoas que ficam embaixo dela). ... Aí, tem os bonecos...são outras formas, outros tipos de manifestação..." (membro do Setor de História da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda).

Quanto aos turistas, eles têm desempenhado um papel fundamental na medida em que são um dos responsáveis, em última instância, pelas grandes transformações ocorridas no carnaval olindense. Analisados do ponto de vista positivo, o desempenho desses turistas contribuiu de fato para a grandeza do carnaval, para a ampliação do conceito de participação, antes restrito à comunidade local, para o reconhecimento da festa, a nível nacional e internacional, para a criação de multiplicidades de locais para dança, de brincadeiras, de pessoas, de trabalhos informais para a população local. A presença do turista está forçando a cidade e seu carnaval não pararem no tempo, está forçando a reflexão que associa a atualização das necessidades que o

---

2 Foram entrevistados nesta minha pesquisa oito artistas - entre artistas plásticos e artesãos. Eles aparecem representados a partir do trabalho que estão desenvolvendo e do lugar que estão ocupando, como carnavalescos, como agentes do poder público ou como ambos.

-----

novo contexto social exige, sem com isso perder o fio da história da cidade, do seu povo e de sua cultura.

Do outro ponto de vista, os turistas ameaçam o carnaval na medida em que eles invadem, em massa, a cidade, eles restringem ou impossibilitam o exercício das manifestações mais características da população local; porque essas manifestações não foram repensadas para atuarem nesse novo contexto. A cidade também não foi preparada para receber uma multidão. Daí a crise que atravessa atualmente o carnaval e a cidade.

"A administração tem que fazer, tem que conviver com o novo e o antigo. O que dá renda e o que dá, de certa forma, incômodo à comunidade. O turismo incomoda a comunidade mas ao mesmo tempo traz dinheiro para a comunidade. Gera emprego para a comunidade. Consome os produtos artesanais aqui na cidade. Então o governo tem que ter uma visão generalista, acima de tudo isso, e tentar conciliar as coisas...

Eu sou chamado de anti-olindense, que quero acabar o carnaval, quero destruir tudo, por alguns camaradas com menos de bom senso." (assessor da Gerência de Turismo da Prefeitura).

"Por enquanto, não há forças divergentes no carnaval. Aliás, com o desenvolvimento do Turismo na cidade, está acontecendo uma coisa séria, que está prejudicando o carnaval ... vai acabando com os folguedos tradicionais... No momento em que eles promovem um congresso... eles pedem ao setor de turismo da cidade a demonstração do carnaval... isso tira o estímulo do carnavalesco... Esses bonecos surgem por causa do turismo". (membro da Assessoria de Imprensa da

Prefeitura e dirigente da Agremiação  
Olinda Quero Cantar.)

"Como faz aqui a Pousada dos Quatro Cantos. Ela fica numa casa alta, antiga. Então, no patamar de cima eles botam uma orquestra. Naquela esquina o frevo é por conta deles. E os turistas deles acham ótimo. Quando a orquestra avista o clube que vem e ouve a orquestra do clube, pára. O clube passa, pula-se ao som do Clube. Acabou o Clube, não está mais se ouvindo, a orquestra deles então começa. Isso é que tem que começar ser estimulado. Você manter focos de animação com particulares. O Mourisco faz também, põe uma orquestra lá. "(assessora da Secretaria de Planejamento da Prefeitura).

O crescimento do carnaval, a perda de seu controle, a ameaça de continuidade de muitas das exigências colocadas pelos que vêm de fora, são problemas reais que os protagonistas do carnaval de Olinda ainda não conseguem encaminhar soluções eficientes.

Existem as representações dos protagonistas do carnaval em torno das categorias que definem essa festa como espontânea, participação popular, expressão de liberdade, etc. Este carnaval existe e o seu crescimento é devido também a atração que ele exerce, em função dessas categorias que o definem assim. O impasse é real: existe o carnaval espontâneo, participativo, que atrai, que gera seu crescimento, e que pode acabar inviabilizando-o. O impasse não está no choque entre a intervenção e a espontaneidade;

o autoritarismo e a democracia; o paternalismo e o apolo; a liberdade e o fechamento; a autonomia e a dominação, etc.

O impasse está no alto custo exigido para a manutenção da espontaneidade, da liberdade, da participação popular. Nem a cidade, nem as agremiações, nem o poder público estão preparados para receber o impacto provocado pela massa humana que é atraída para brincar esse carnaval olindense.

As exigências de reestruturação da infra-estrutura da cidade, as exigências por uma melhor remuneração aos músicos, as exigências das agremiações para fazer face aos elevados custos para por sua brincadeira na rua, as exigências colocadas ao poder público para subvencionar a cada ano um número crescente de agremiações carnavalescas. As formas utilizadas até então na arrecadação de recursos para o carnaval estão superadas, tornando-se impossível atender a todas essas exigências.

Impõe-se como premente o financiamento do carnaval dentro de uma perspectiva de mercado. O desafio que se apresenta é como garantir a convivência das características do carnaval olindense com a presença crescente do turismo e do mercado.

A infra-estrutura necessária para o tipo de carnaval atual supõe recursos que não podem ser enfrentados pelas

fontes tradicionais de financiamento da prefeitura. O custo do carnaval para as agremiações já não podem, também, ser cobertos com os recursos do poder público, via subvenção, nem com as iniciativas fragmentadas de coleta. A crise atual é que a Prefeitura e os carnavalescos não estão conseguindo aliar as necessidades do carnaval, às necessidades da cidade e às necessidades do mercado. De um lado, se coloca para o poder público a necessidade de investir massivamente na infra-estrutura e na estrutura de serviços, sem interferir nas características próprias do carnaval; e de outro lado, se coloca como desafio maior para as agremiações, não a definição de critérios mais justos para a distribuição da subvenção ou de apoio da Prefeitura, mas sim o de poder ingressar no mercado preservando as características próprias de sua brincadeira.

"Pelo lado da operação de carnaval que é feita pela Prefeitura, ela é feita, de certa forma ainda muito primária...não é uma coisa devidamente planejada para acontecer assim dentro de um cronograma...a maioria desses problemas é causado pela falta de recursos...os municípios praticamente inexistem como renda

O carnaval de Olinda está assumindo uma posição de planejamento tanto do espaço como da parte de comercialização: é uma necessidade. Porque ele tem um custo, eu diria, relativamente alto para o cofre do Município mas, proporcionalmente ao tamanho do evento, não existe como custo.

O carnaval de Olinda, por ter uma característica de participação, onde não existe o que é melhor para se trabalhar, por exemplo, uma passarela. Uma passarela você fecha, os espaços são aqueles, a televisão vai estar lá e a visão de tomada vai dar delineados



espaços para você botar ali a propaganda e vender. Como Olinda é uma cidade que o carnaval é feito em toda a cidade, esta espaço não existe e não pode existir. A gente define algumas áreas onde pode ser transado o "merchandising", por exemplo, no palco onde tocam as orquestras, os portais nas entradas das cidades, as torres de alegoria que nesses dois últimos anos estamos fazendo. Então, esses pontos são alternativos, mas é preciso que se faça com antecedência o trabalho junto às empresas para realmente cativar...Mas eu acredito que o passo tem que ser esse, tem que se trabalhar para isso." (dirigente da Gerência de Turismo)

# CONCLUSÕES

## CONCLUSÕES

A análise desenvolvida neste trabalho toma como pressuposto básico que o carnaval de Olinda tem uma realidade própria, um mundo carnavalesco que não se constitui nem pela inversão nem pela reprodução da sociedade.

Diante das diversas interpretações teóricas sobre o carnaval, das que tive acesso, a maioria vai numa direção bem diferente da adotada na dissertação. Uma corrente de pensamento muito conhecida trata, principalmente, da origem do carnaval e de seu significado profundo<sup>(1)</sup>. A preocupação é com a pesquisa da origem profana ou sagrada, é com a análise do carnaval como uma manifestação tradicional,

---

<sup>1</sup> Nessa linha destacam-se BAROJA 1979 que coloca o carnaval como produto da sociedade vigente na Idade Média Européia, numa contribuição tanto da teologia cristã quanto da vida social dos homens nas cidades, nas vilas e nos campos europeus. O carnaval é apresentado como um filho do cristianismo e é a partir da idéia da Quaresma que são fixadas suas características. A inversão da ordem normal das coisas adquire seu significado somente quando referenciada a essa oposição maior entre a Quaresma e o período anterior a mesma. O carnaval, para Baroja, já morreu.

GAIGNEBET e FLORENTIN 1974 conceitua o carnaval, não como filho do cristianismo mas, ao contrário, como sendo uma festa que sobreviveu ao sincretismo cristão. O carnaval é analisado como um "fato folclórico total", correlacionando uma infinidade de mitos - congregando reminiscências de mitos célticos, representações do ciclo cósmico e da alternância das estações; rituais mágico-religiosos de iniciação à caça e à guerra; reminiscências dos mitos elaborados pelas civilizações gregas e latinas; a liturgia cristã e a sociedade européia nos tempos da Idade Média.

ligada a uma sociedade antiga, medieval e que numa sociedade moderna, competitiva, ele não resiste, ele está agonizando ou está morto.

O carnaval de Olinda existe dentro de uma sociedade moderna e ele nunca esteve tão palpitante. Minha questão, portanto, não é saber se ele existe ou não, mas saber o que é que da sociedade e do cotidiano é incorporado ou não pelo carnaval e o que é que isso altera a realidade do carnaval. Por que essa questão? Porque existe um mito em torno do carnaval de Olinda que ele é uma inversão da sociedade abrangente. O mito é de que esse carnaval é completamente diferente dessa realidade social, que há uma verdadeira liberdade, participação, etc.

O que existe de fato é que o carnaval de Olinda cria uma realidade à parte, como todo carnaval; ele promove certas inversões, como todo carnaval; ele incorpora certos aspectos do cotidiano e muda outros, como todo carnaval. Ele é, como todo carnaval, uma espécie de conciliação, de meio termo, entre a espontaneidade e a organização. A especificidade, portanto, do carnaval de Olinda não é que ele seja a pura liberdade. Ele não é o oposto, por exemplo, do carnaval do Rio de Janeiro. O carnaval de Olinda é diferente, mas tem hierarquias, tem tipos diferentes de carnaval, tem a presença dos interesses de mercado, só que de forma e situações peculiares. A questão não é se o carnaval de Olinda é compatível ou não com uma sociedade

moderna. Ele existe dentro dessa sociedade, ele se relaciona com ela, mas constitui-se como uma outra realidade. Cada carnaval tem sua especificidade. O que torna específico o carnaval de Olinda não são condições sociais mas sim os tipos de brincadeiras, a geografia da cidade, a forma de envolvimento da cidade com o carnaval.

Uma análise mais compatível com a que estou me referindo nesse trabalho é a de MESNIL 1974, que aponta para a existência tanto de elementos universais quanto de elementos concretos do carnaval (2). Minha análise é da mesma natureza no sentido de não estudar o carnaval na sua essencialidade, mas sim no seu funcionamento concreto, na sua inserção na sociedade. Não existe o carnaval puro. Ele tem um contexto próprio que não é nem totalmente carnavalesco, nem totalmente submetido à sociedade. Importa pouco discutir abstratamente quais são as categorias do carnaval, o que é o carnavalesco do carnaval em geral. Acontece, que o carnaval embora tenha que construir um mundo à parte, ele constrói um mundo à parte dentro de uma sociedade. Portanto, ele não é uma utopia, não é um lugar

---

2 MESNIL 1974 propõe uma definição do fenômeno carnavalesco em função das características sociais do espaço e do tempo nas quais se inscreve a festa, tendo como pressuposto que se trata de uma festa que floresceu na Idade Média Européia, de caráter mais urbano na Europa Ocidental e mais rural na Europa do Leste.

Sua análise associa à sociedade rural tradicional e à comunidade urbana da Idade Média e do Renascimento um modelo de carnaval comunitário; e mostra que em uma sociedade urbana, moderna, embora o modelo dominante seja um carnaval do tipo folclórico, carnaval-espetáculo, pode aí se encontrar, também, o carnaval-comunitário

fora da sociedade. Então, o carnaval não pode ser o mesmo em qualquer lugar.(3).

Entre os autores brasileiros, não existe muito a preocupação com a análise da origem do carnaval, se é profana ou sagrada. Eles tratam, de modo geral, da sua significação social e, sobretudo, de sua inserção dentro da sociedade brasileira(4). Meu interlocutor principal é o Da Matta, 1981, pela importância de sua análise para o contexto que estou trabalhando. Ele trata de uma forma bastante

---

3 Além dos autores estrangeiros comentados nestas conclusões, destacamos o trabalho de HEERS 1983 sobre a Festa dos Loucos e o Carnaval, precisando suas implicações políticas e sociais, e tendo como cenário a Idade Média e a Renascença. Essas festas, segundo Heers, são reflexos e testemunhos de preocupações, de intenções políticas, de relações de força: no interior do clero, entre o Bispo e o seu Capítulo, para a Festa dos Loucos; entre os grupos sociais da cidade, seu governo, o príncipe e os conselhos, para o carnaval. Fazendo uma análise comparativa, Heers caracteriza a festa dos loucos como popular e o carnaval como uma festa mais bem comportada, com uma tintura aristocrática, com reflexos de uma cultura bem mais elitista, principesca, humanista. O carnaval como uma festa bem menos anti-hierárquica que a festa dos loucos. Além de Heers, salientamos também o trabalho de SHAITANE 1979 sobre o carnaval europeu e sul americano contemporâneo, de cunho descritivo e documental; os trabalhos de DUVIGNAUD 1984; ISAMBERT 1982; BIEN 1963; e GORDON 1983, sobre festas em geral; o dossiê sobre festas contemporâneas em AUTREMENT 1976; e os trabalhos de ALLARD e LEFORT 1984 e BRIL 1983, sobre as máscaras.

4 Encontramos trabalhos de cunho analítico e interpretativo, fazendo referência, por exemplo, a questão racial no contexto brasileiro, como a de RODRIGUES 1984 e a de RISÉRIO 1981; ao carnaval carioca e o regime militar, de MOURA 1986; trabalhos como o de CARDENAS 1981, sobre o frevo; e o estudo antropológico sobre uma escola de samba de GOLDWASSER 1975. De cunho mais documental e descritivo citamos os trabalhos de MELLO 1982, CAMARA e BARRETO 1986, ALBUQUERQUE 1988, BONALD 1983, COELHO 1982, CUENTRO 1985, DELGADO 1977, sobre Olinda, a cidade e o carnaval; os trabalhos de ALENCAR 1985, ARAUJO e HERD 1978, BARBOSA 1978, EFÊGÊ 1982, GUIMARÃES 1978, SILVA e MACIEL 1979, SILVA, CACHAÇA e OLIVEIRA 1980 sobre o carnaval no Rio de Janeiro; e GÓES 1982 sobre o carnaval na Bahia.

ampla de uma questão que é central no carnaval de Olinda: a representação da igualdade, do igualitarismo, que é uma das idéias fortíssimas desse carnaval(5).

A afirmação que a transformação que se dá no carnaval brasileiro é a da "hierarquia quotidiana na igualdade mágica de um momento passageiro"(DA MATTA 1981, pag. 132) não é compartilhada por Maria Isaura Pereira de Queiroz(6), que analisa o carnaval a partir de sua relação direta com a realidade sócio-econômica. Tomando esse sentido da inversão problematizado por Da Matta e o sentido do carnaval como reflexo da realidade sócio-econômica, como defende Queiroz, minha análise dialoga com essas duas concepções mas toma outras direções.

---

5. Uma preocupação básica que DA MATTA 1981 p.131 trata no seu trabalho é a seguinte: como é possível ter um carnaval igualitário numa sociedade hierarquizada e autoritária como é a sociedade brasileira? "Não parece haver dúvidas que o carnaval é um rito onde o princípio social da inversão é aplicado de modo consistente. Mas inverter é apenas um mecanismo lógico, e nem sempre conduz o evento social numa mesma direção. Assim, é preciso ter um cuidado extremo com as visões substantivas do mundo ritual, aquelas que pretendem ver o rito como um momento social dotado de força e qualidades próprias, com sua simbologia expressiva apropriada".

6 Segundo esta autora, QUEIROZ 1983 p.27, "embora existindo uma ordenação carnavalesca, as estruturas sócio-econômicas e políticas não são substituídas por ela durante o período festivo, nem mesmo de maneira efêmera. Ao contrário, todas as estruturas básicas estão presentes durante o carnaval, e compõem o substrato dos comportamentos carnavalescos (...) A ordem carnavalesca é, pois, uma decorrência da realidade sócio-econômica e não um fenômeno de oposição a ela, não constitui a concretização ilusória e fugidia de uma sociedade rebelde e igualitária. Ao contrário, desenrola-se segundo normas tradicionalmente definidas, traçando papéis que exprimem justamente as estruturas sócio-econômicas existentes.

O que é importante do carnaval de Olinda não é a inversão da realidade social. Não há inversão no sentido de que os pequenos são grandes, os pobres são ricos. Os valores que regem, que estão presentes no carnaval não são os mesmos da sociedade cotidiana. São valores do carnaval. O que é mais importante nesse carnaval? É o mais tradicional, é o mais antigo, ora são as grandes agremiações, ora são as pequenas. Não existe, também, a igualdade social, existe discriminação mas ela se concentra em alguns lugares. Existe no carnaval uma hierarquia, mas é uma hierarquia própria.

A grande inversão no carnaval de Olinda não é com relação a sociedade, mas sim com relação ao modelo de carnaval brasileiro, que é o carnaval-espetáculo. O que é um tanto mais forte porque: o carnaval de Olinda não é um carnaval tradicional, de interior,; é um carnaval moderno, de massa, com grande participação, grande visibilidade política, etc, e, no entanto, ele não é o carnaval dominante - representado pelo Rio de Janeiro, Recife. A inversão é ao modelo dominante de carnaval. O que dá mais prazer aos protagonistas do carnaval de Olinda é dizer que eles têm um carnaval que é o oposto do carnaval carioca ou recifense. É esse o tabu que eles querem violar, é essa a proibição que eles querem inverter.

O que o carnaval de Olinda tem de tão atrativo para o turista e tem de tão significativo para a cidade? É porque



ele provoca o sentimento de que é o único. Ele se coloca como o carnaval do carnaval. Ele quer inverter as regras do próprio carnaval. O carnaval é exibição, então em Olinda é participação; o carnaval é espetáculo, então em Olinda é festa; o carnaval é desfile, então em Olinda não tem passarela, não tem arquibancada, não tem palanque - em Olinda é o carnaval da espontaneidade.

O paradoxo é que numa sociedade moderna, de massa, o custo da espontaneidade é muito elevado. O risco do carnaval de Olinda não é do espetáculo engolir a espontaneidade mas é a espontaneidade da festa acabar engolindo a cidade. Há um sentimento de crise do carnaval de Olinda, mas esta crise não está na contradição entre espetáculo e festa (que é o que está por trás da crise que atravessa o carnaval de Recife), e sim no próprio caráter da festa que, na nossa sociedade moderna, cria condições que inviabilizam a cidade. Quanto mais espontânea for a festa mais investimentos precisam ser feitos na cidade em termos de serviços e de infra-estrutura, justamente para garantir essa espontaneidade.

A transformação do carnaval em espetáculo é uma forma que a cidade encontra de domesticar o carnaval. Quando a cidade opta por não domesticá-lo, ou tem dificuldade em domesticá-lo, o carnaval fica selvagem. Enquanto o carnaval está contido dentro da cidade, sua espontaneidade não é posta em questão: quando ele passa a ser aberto e deixa de

ser controlado a crise vem à tona porque ele se transforma numa à cidade, pondo em risco, também, a própria continuidade dessa festa. Esse tem sido mais ou menos o medo mencionado por vários carnavalescos e agentes do poder público de Olinda.

O mercado entra então como exigência da própria cidade para tornar possível a manutenção da festa. É o custo que a espontaneidade coloca para a cidade que introduz o mercado. Não se trata de transformar a festa em espetáculo, mas sim reforçar a festa levando o poder público a criar novas regras de convivência e os carnavalescos novas regras de brincadeira. São regras de carnaval, não de espetáculo.

Para finalizar, vale mais uma vez lembrar que o carnaval de Olinda nunca esteve com tanta vitalidade e que a crise que ele atravessa não é a crise da velhice. Não se trata do fatalismo de Baroja inviolabilizando esse tipo de carnaval numa sociedade moderna. É mais uma grande transformação que se coloca para o carnaval de Olinda. O desafio de sempre para seus protagonistas é o de se engajar nesse processo para garantir a manutenção do que lhe é mais caro — o caráter da festa.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Flávia Martins, 1988 - "Bonecos do carnaval de Olinda", in Catálogo no 39, 1988, Sala do Artista Popular. Edição FUNARTE.
- ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon, 1978 - Metáforas da Desordem: O Contexto Social da Doença Mental. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra.
- ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon, 1980 - Instituição e Poder - A Análise das Relações de Poder nas Instituições. Rio de Janeiro, Edições Graal.
- ALENCAR, Edigar de, 1985 - O Carnaval Carioca Através da Música. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora S.A., 5a edição.
- ALLARD, Geneviève e LEFORT, Pierre, 1984 - Le Masque. Paris, Presses Universitaires de France.
- ALVES, Isidoro, 1980 - O Carnaval Devoto: Um Estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém. Petrópolis, Editora Vozes.
- ARAÚJO, Ari e HERD, E. Franziska, 1978 - As Escolas de Samba do Rio de Janeiro e o Amigo da Madrugada. Rio de Janeiro, Editora Vozes/SEEC.
- AUTREMENT, 1978 - La Fête, cette Hantise, Paris, Autrement Dossiers Trimestriels no 7.
- BAKHTINE, M., 1970 - L'Ouvre de François Rabelais et la Culture Populaire au Moyen Age et sous la Renaissance. Paris, Gallimard.
- BARBOSA, Orestes, 1978 - Samba: Sua História, Seus Poetas, Seus Músicos e Seus Cantores. Rio de Janeiro, Edição FUNARTE. 2a edição.

BAROJA, Julio Caro, 1979 - Le Carnaval. Paris, éditions Gallimard.

BIEN, H., 1983 - Les Fêtes en Europe. Paris, Club des Libraires de France.

BONALD, Olimpio, 1983 - Cultura, Turismo e Tempo - Fruição do Intangível. Rio de Janeiro, José Olímpio Editora / Recife, FUNDARPE.

BRIL, Jacques, 1983 - Le Masque - ou le Père Ambigu. Paris, éd. Payot.

CÂMARA, Renato P. e BARRETO, Aldo Paes, 1986 - Capiba é Frevo Meu Bem. Rio de Janeiro, Edição FUNARTE/Instituto Nacional do Livro.

CÁRDENAS, Carmela Oscanoa de, 1981 - O Uso de Folclore na Educação: O Frevo na Didática Pré-Escolar. Recife, Fundação Joaquim Nabuco.

COELHO, Fernando, 1983 - Olinda Monumento Nacional. Recife, Editora Comunicarte Ltda.

COX, Harvey, 1971 - La Fête des Fous - Essai Théologique Sur les Notions de Fête et de Fantaisie. Paris, éditions du Seuil.

CUENTRO, Juliana (org), 1985 - Balado, um Artista de Olinda. Olinda, Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda.

DA MATTA, Roberto, 1981 - Carnavals, Malandros e Heróis - Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 3a edição.

DA MATTA, Roberto, 1981 - Universo do Carnaval: Imagens e Reflexões. Rio de Janeiro, Edições Pinakothèque.

DELGADO, Luiz, 1977 - Semana Santa em Olinda. Recife, Gráfica Editora Ltda.

DUPUY, Jean-Pierre, 1982 - Ordres et Désordres - Enquête Sur un Nouveau Paradigme. Paris, éditions du Seuil.

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS  
E CIÊNCIAS HUMANAS

T F19740  
ALBUQUERQUE, FLAVIA M. DE  
IMAGENS DA LIBERDADE: O CARNAVAL DE OLINDA